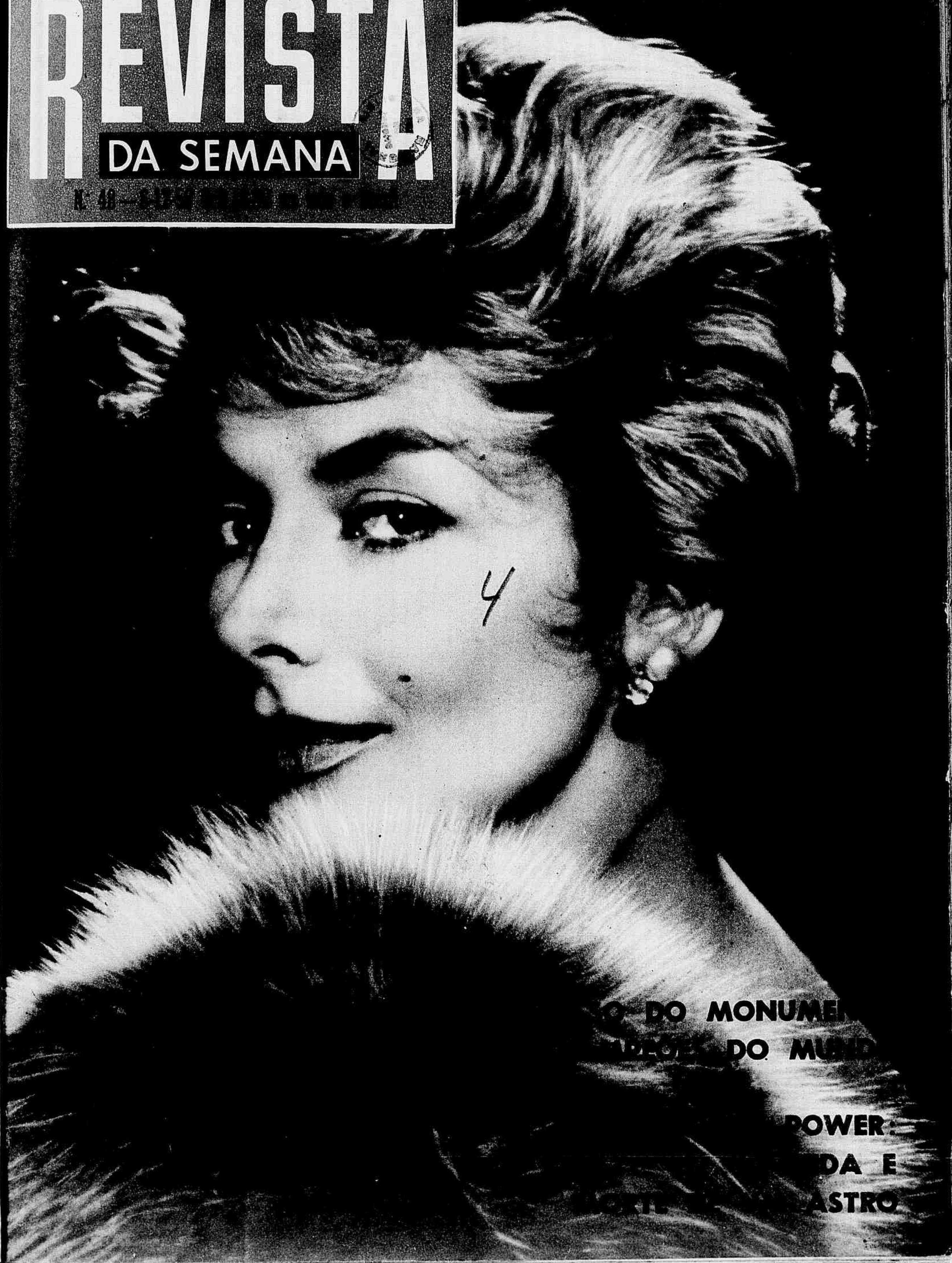


REVISTA

DA SEMANA

N. 48 - 1974



DO MONUMENTO
DO MUNDO

POWER:
DA E
ASTRO

VÔOS DIÁRIOS PARA O NORTE

em SUPER
CONSTELLATION DE LUXO
ou CONVAIR



Segundas e Quintas às 20:00 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - RECIFE - FORTALEZA
Terças e Sextas às 18:30 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - BELÉM
Segundas, Quartas e Sextas às 12:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - ARACAJU
Terças e Sextas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - MACEIÓ - RECIFE - JOÃO PESSOA - NATAL
Quartas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Quintas às 14:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR
Sábados às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Domingos às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA

VARIG prop

Serviço da mais alta classe * Almoço e jantar quentes a bordo



...e a
tradicional
cortezia

VARIG



REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — N.º 48 — Rio, 6-12-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Kay Kendall (Ektachrome MGM)

REPORTAGENS

Giorgi esculpiu vitória	4
Macaíba: a casa	19
Minha tarefa é aliviar tensões	22
A verdade sobre o Túnel Rio-Niterói	32
Grito das águias assusta Lott	59
Anselmo Duarte: «Encontro marcado» em Recife	63

CINEMA

Tyrone Power: vida e morte de um ator	11
---	----

NOVELA

Os Galhos do Cedro	28
--------------------------	----

MODAS

Minúsculos manequins	36
----------------------------	----

CONTO

Os botequins	40
--------------------	----

SOCIAIS

Kaleidoscópio	44
Mariuzinha Maranguape	51

A COMÉDIA HUMANA

Falando de... gastronomia	46
---------------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	52
----------------	----

SEÇÕES

Palavras cruzadas	18
Letras e artes	38
A revista há cinquenta anos	57
Humor (Ambrósio)	58

Diretor-Presidente: Grataliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista».
Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447;
Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647;
Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

Kay Kendall, capa desta semana, fez seus primeiros filmes onde nasceu: Grã-Bretanha. (Lembram-se de «Genevieve»?) Agora Hollywood a roubou para seus estúdios. Quase desmoronando a velha e firme amizade anglo-americana.



CONTATO

ABRE o presente número, a sensacional reportagem de Hugo Sérgio Koatz — «Giorgi esculpiu vitória num concurso bafafá» — sobre o caso do monumento aos Campeões do Mundo, a ser levantado diante do Estádio Municipal. Aberto o concurso pelo SESC, e organizada a comissão julgadora — Antônio Bento, Henrique Mindlin, José Pedrosa e Murillo Miranda — foi concedido, por unanimidade, o primeiro prêmio a Bruno Giorgi. Posteriormente, entretanto, o segundo colocado requereu anulação do concurso, baseado no argumento de que houvera pré-julgamento por parte da comissão. A história completa do caso, que já ultrapassou de muito os limites do meio artístico, vem contada pormenorizadamente a partir da pág. 4, e é enriquecida pelos depoimentos dos nossos mais expressivos escultores sobre a agitada questão.

COMO foi anunciado na capa do último número, apresenta ainda a Revista — «A Verdade Sobre o Túnel Rio-Niterói». Entrevistado pela nossa reportagem, explica detalhadamente o dr. Canedo de Magalhães, diretor do Serviço de Portos e Canais, a complicada história desse túnel que será finalmente aberto — história que remonta aos tempos do Império.

CINCO páginas são dedicadas a Tyrone Power — o famoso astro do cinema recentemente falecido em Madrid. Biografia completa, fartamente ilustrada, e a relação dos seus principais filmes — representa o trabalho um autêntico presente que a R.S. se orgulha em oferecer aos seus leitores, e que é, também, uma homenagem ao ator, tão representativo de uma importante fase do cinema americano, e grande amigo do Brasil.

«**G**RITO de águias assusta Lott» é mais um capítulo dos empolgantes acontecimentos que provocaram a crise da Aeronáutica, e que todo o país vem acompanhando apaixonadamente. Num furo jornalístico, vai a nossa reportagem à Lagoa Santa, onde entrevista os principais cabeças do movimento, que ali se encontram detidos. Enquanto isso, apresenta o TRAPÉZIO o reverso da medalha: as manifestações prestadas ao Ministro Teixeira Lott, na segunda-feira, 17, por ocasião da passagem de seu aniversário.

ENCERRA-SE, no presente número, o roteiro de infância de Renard Perez, iniciado três semanas atrás. Depois do encontro com Macaíba, pequena cidade do Rio Grande do Norte, e do capítulo das lembranças, chega o escritor à terceira parte. Agora, revivem as personagens do sobrado do Vilar, e o mundo de sua infância ressurgem da bruma, nessa nova procura do tempo perdido.



**PRÊMIO E
ABORRECIMENTOS:**



As maquetes vencedoras: a do meio é a de Giorgi (primeiro prêmio). A sua esquerda, a de Renato Miguez, vice.

GIORGI ESCULPIU VITÓRIA NUM CONCURSO BAFAFÁ

HUGO SÉRGIO KOATZ



Giorgi encara o bafafá como mais um episódio da (já velha) luta em

BRUNO GIORGI é mais uma das ilustres personalidades do Leme, o bairro dos célebres. E das mais privilegiadamente situadas também. Escolheu uma vilazinha para morar que é um verdadeiro oásis no amontoado de arranha-céus que atulha as plagas copacabanenses. Leva ainda a vantagem de habitar uma casa que comporta à perfeição os clássicos gerânios às janelas. Giorgi nos abre a porta que dá para o estimulante jardinete da entrada e antes que nos receba com um apêto de mão, seu cachorrinho preto faz as honras do bom anfitrião da casa. O escultor consegue desvencilhar-nos da calorosa acolhida do totó e excusa-se com gestos que parecem exprimir: "tôda vez que chega alguém é êsse carnaval". A basta cabeleira, a cara estrangeira, italiana para sermos exatos (apesar de ser brasileiro), Giorgi nos guia, ao lado da espôsa que em um relance desvenda sua cega admiração pelo marido, para o atelier onde trabalha. Atelier que êle não chama de atelier. Dá um nome qualquer, meio depreciativo, meio carinhoso, que não pudemos entender bem. Antigamente era garagem, nasceu garagem, mas há anos que um carro não põe nela os pneus. vê-se logo. Vamos olhando em tórno.

Ali, são João e sua cruz. "São Joãozinho", chama-lhe o escultor. Mais além, numa prateleira em que estão pousados trabalhos mais antigos, damos com a maquete original do "Monumento à juventude" dos jardins térreos do Ministério da Educação. Reparamos na diferença que existe entre esta maquete e a escultura do Ministério. Giorgi já está explicando. A maquete que vemos representa a idéia inicial que bolou para o monumento. Tem menos movimento em atitude e gestos do que a que posteriormente foi preferida pelos arquitetos do M.E.C. A maquete, entretanto, apresenta a concepção que o escultor gosta mais. E não só êle, nos conta. Mário de Andrade também, que por causa dela escreveu uma carta de recomendação a Capanema, ministro na épca. Mais adiante, vemos os músicos e pastôres de Giorgi, aparentemente suas maiores preocupações temáticas de agora. O escultor parece não querer se afastar das figuras humanas. Sempre gente em sua escultura. Ao trabalhar um homem ou uma mulher, introduz com freqüência um conjunto de formas geométricas que lhe permite ampliar e fixar a significação plástica da figura. É o caso desta (extremamente bela) fiandeira que nos mostra.



tre modernos e acadêmicos: "Tenho o anti-academicismo no sangue".

Seu braço se dobra em forma de triângulo e o espaço vazio entre tronco e braço acrescenta-se à estética da escultura.

Passamos os olhos nas paredes do atelier e nelas vemos os desenhos com que Giorgi esboça suas esculturas. É a primeira fase de seu trabalho. Depois vem o preparo em uma maquete pequena. Em seguida faz uma maquete maior, definitiva ou não. E, por fim, a escultura final. Sua esposa diz que não se conforma em perder os desenhos das paredes da garagem. Giorgi os apaga, logo que não mais precisa deles, e os substitui por outros.

Giorgi pode ser considerado — ele mesmo o admite — um lobo solitário em matéria de arte. Para ele, artista que se filia à escola ou segue grupo, ou está errado ou dá prova de fraqueza. Giorgi vê o grupo artístico como um escorar mútuo de homens que se sentem inseguros de suas próprias obras. Se fôssemos tirar conclusões com nossas próprias palavras iríamos ao ponto de dizer que para Giorgi não existe solidariedade em arte. Pelo menos em arte propriamente dita, para fazermos uma diferença que se disfarce em atenuante. A conclusão em suma é: cada um por si, fé em Deus e pé na tábua. Giorgi sofreu um trajeto de emanci-

pação em sua obra que vale a pena ser contado. Só começa a esculpir aos 30 anos. Mas aos 15 já faz desenhos e a mãe reconhece o futuro artista plástico, tanto é que o matricula num curso de escultura, em Roma. Os desenhos do adolescente são pessoais, espontâneos, originais. Quando conhece Moore, Mayor — os "bichos-papões", vem o impacto: as influências, o surgimento de novas idéias no moço que se espanta com as próprias descobertas. Os anos passam, o escultor amadurece, a personalidade se forma por completo e hoje Giorgi se vê, livre, obrando o que pretendia com seus desenhos de 15 anos de idade. "Era mesmo o que eu queria" — comenta. Quem é o artista para Giorgi? Jamais um conformista. Em todos os sentidos — como atestam 4 anos passados nas prisões italianas por lutar contra Mussolini e o fascismo. Giorgi insiste que o artista deve lutar. Ser até marginal, eis o termo que usa. Um marginal que impeça a transformação da arte num cemitério. Fala em Miguel Ângelo não se importando ao ver seu "David" apedrejado em Florença, séculos passando e seu nome e sua obra admirados e preservados. Hoje os fatos se repetem (ou quase) na reação dos acadêmicos diante da arte

PRÊMIO E ABORRECIMENTOS



MARIA MARTINS: "Só vi as fotos. A de Giorgi era a mais bonita e harmoniosa. É um absurdo discordar-se de uma comissão que julgou com plena competência. É um precedente perigoso que se abrisse, e que não se compreende."



TEIXEIRA LEITE: "Bruno Giorgi mereceu vencer o concurso, porque seu trabalho é o melhor. Isso não quer, porém, dizer que seja o que de melhor temos visto, de sua autoria, pelo contrário: em sua obra tão vasta e tão valiosa, o monumento aos Campeões ocupará discreta posição."



ZÉLIA SALGADO: "O melhor trabalho era o do escultor Bruno Giorgi, evidentemente. E a AACO, de cujo conselho deliberativo eu faço parte, apoiou a decisão do júri, que agiu bem e estava com toda a força moral."

moderna. "Eu pouco me importo. Continuo a fazer o que acho bom e belo. O artista precisa de si para criar, e do público para ver sua criação. Os gritos dos acadêmicos não interessam."

Giorgi confessa ter o anti-academismo no sangue. Começou a estudar escultura num curso acadêmico. Em pouco tempo estava às turras com os professores e dava o fora. Foi o único contato que teve com os acadêmicos. O que veio agora não pode ser chamado de contato naturalmente.

A COPA AINDA FAZ HISTÓRIA

Esta visita a Giorgi tem um porque. E éle aqui vai: Ganha a Copa do Mundo veio o delírio. Primeiro, os carnavais de rua. Depois, os prêmios e homenagens entre elas, a que serve de tema para a presente reportagem: o monumento para o escrete

campeão. Foi o SESC quem teve a iniciativa, promovendo um concurso entre os escultores nacionais — o trabalho vencedor seria colocado no Maracanã. E coube a Bruno Giorgi a autoria da escultura que recebeu o primeiro prêmio. Até aí, nada de mais. Que Bruno Giorgi vença um páreo de escultores brasileiros não é fato que vá surpreender ninguém. O torto, o nebuloso, o "assunto" do problema é o conjunto de consequências que resultou desta laureação do trabalho de Bruno Giorgi. Em primeiro lugar, os protestos (ou desordens?) promovidos pelo segundo colocado no concurso, Renato Miguez quanto ao resultado. Inconformado, Miguez, que é professor da escola de Belas Artes, fez expor as esculturas premiadas numa casa comercial, e correr um "livro de ouro", através de seus alunos, pelos visitantes da Exposição, para que o público desse o seu veredito. Mais tarde,



Milton Freitas de Souza, presidente do SESC e organizador do concurso. Como Pilatos, lavou as mãos.

Comissão

julgadora:

Quatro nomes

na

berlinda.



MURILLO MIRANDA.



BELLINI: "Gostei da escultura que recebeu o primeiro prêmio, porque ela simboliza a nossa vitória final — e não um simples momento da luta pela conquista da taça, como é o trabalho classificado em segundo lugar."



SÔNIA EBLING: "Acho que ninguém pode ir contra uma comissão desta categoria. Bruno Giorgi, por sua vez, é um escultor, cuja história já se conhece, através de sua vida e de sua obra — cuja qualidade já foi provada."



SÉRGIO CAMARGO: "Considero o prêmio dado a Giorgi justo e merecido. Não vejo razão para hesitação neste sentido. Se o júri lhe conferiu o prêmio, nenhuma preferência posterior pode justificar a anulação da decisão. A comissão é capaz e idônea."

os próprios alunos da Escola de Belas Artes desaprovaram os próprios gestos por considerarem inadequada e inútil a tentativa de desautorizar o júri do Concurso. É o que nos informa Murillo Miranda, um dos juizes, ao lado do arquiteto Henrique Mindlin, do escultor José Pedrosa e do crítico Antônio Bento. Foi mesmo através de uma sugestão de Miranda que o sr. Mendez teve direito a se considerar vice-premiado no concurso. Explica-se: o SESC concedia verba para três prêmios no regulamento do concurso. Mas por que razão três prêmios se a escultura construída seria uma só? A Comissão decidiu, baseada nesta desnecessidade de pluralizar contemplados, outorgar apenas um prêmio — o primeiro, a uma só escultura. Depois — aí é que entra a sugestão de Murillo Miranda — resolveram aproveitar os prêmios em dinheiro concedidos para o SESC, laureando dois trabalhos mais,

a título de estímulo ao escultor nacional. Renato Miguez obteve o segundo lugar então. Mas em que circunstâncias? Murillo Miranda nos conta: a comissão ao julgar os trabalhos apresentados decidiu, por unanimidade, dar como vencedor o de Giorgi. Decisão líquida. Mas quanto ao segundo prêmio, havia dúvidas entre as maquetes de Miguez e de um outro escultor (T. Figueiredo). A obra de Figueiredo era melhor, mas perdia, imaginada em forma final e ampliado de escultura. Assim, resolveu-se conceder o segundo lugar a Miguez. E este, que obteve o vice através de tantas e mirabolantes reviravoltas ainda se deu ao luxo de organizar seu fuzuê particular em desacato aos julgadores do concurso." "Afim de contas, excluindo minha humilde pessoa, homens cuja competência se conhece de sobra", afirma-nos, não sem uma certa indignação Murillo Miranda.



ANTÔNIO BENTO.



HENRIQUE MINDLIN.



JOSÉ PEDROSA.



A maquete vencedora representa o primeiro gesto que significou simbolicamente a conquista da Taça do Mundo. Gesto que começou na Suécia e terminou no Brasil.

PRÊMIO E ABORRECIMENTOS

A CONFUSÃO CONTINUA

Bruno Giorgi olhava estes acontecimentos sem lhes dar muita importância. Se quisesse, como nos disse, poderia levar para a Exposição seus amigos para bater palmas para seu trabalho. Giorgi se satisfazia com a boa acolhida que os jogadores do esporte deram ao resultado do concurso. Bellini, por exemplo, afirmou que a escolha era das mais justas, porque a obra vencedora representava a vitória final da "Jules Rimet" e não, como as outras colocadas, momentos da luta pela taça.

Fomos então ouvir o Presidente do SESC, órgão promotor do concurso. Entrevistamos o Dr. Milton Freitas de Souza, que está — pode-se dizer — alheio à querela artística. O que nos declara inicialmente é que nomeou uma comissão que lhe designaram os entendidos. Depois de encerrado o concurso e anunciado o resultado é que apareceu o professor Miguez dando entrada no protocolo do SESC de um requerimento no qual pleiteia a anulação do concurso. Sua alegação é de que houve pré-julgamento. Afirma que, antes de ver as obras concorrentes, o júri já decidira premiar Giorgi. Que faz o Dr. Milton? Dá ampla

liberdade ao Prof. Miguez para provar a acusação. "Minha obrigação" — explica o Presidente do SESC — "é manter a qualquer preço a decisão do júri. Pessoalmente não posso e não devo interferir no caso. Mesmo que as esculturas premiadas fossem figuras de cabeça para baixo, eu teria que respeitar o julgamento. Agora, desde que a decisão do júri seja acusada de parcial, sou obrigado a consentir que se façam investigações a respeito. Enquanto isto — e por causa disto — é que está suspenso, até o pronunciamento da consultoria jurídica da casa, o pagamento dos prêmios (o de Giorgi é de 300 mil) e o início da construção do monumento."

No fim de muitas contas: Bruno Giorgi está tranqüilamente em casa, aguardando que sua escultura seja erguida em frente ao Estádio Municipal. Miguez, convicta e dinamicamente juntando provas e testemunhas para atestar a parcialidade do júri. O Presidente do SESC espera estes comprovantes para decidir. E a Comissão Julgadora rebate veementemente as acusações de que tem sido alvo. Uma conclusão, e somente uma neste emaranhado de fatos, é certa: onde está o futebol está a discussão, bem o diz o povo.

CINEMA



TYRONE POWER

22 anos de cinema 44 anos de vida

TRÊS CASAMENTOS



N.º 1: Annabella.



N.º 2: Linda Christian.



N.º 3: Deborah Montgomery.

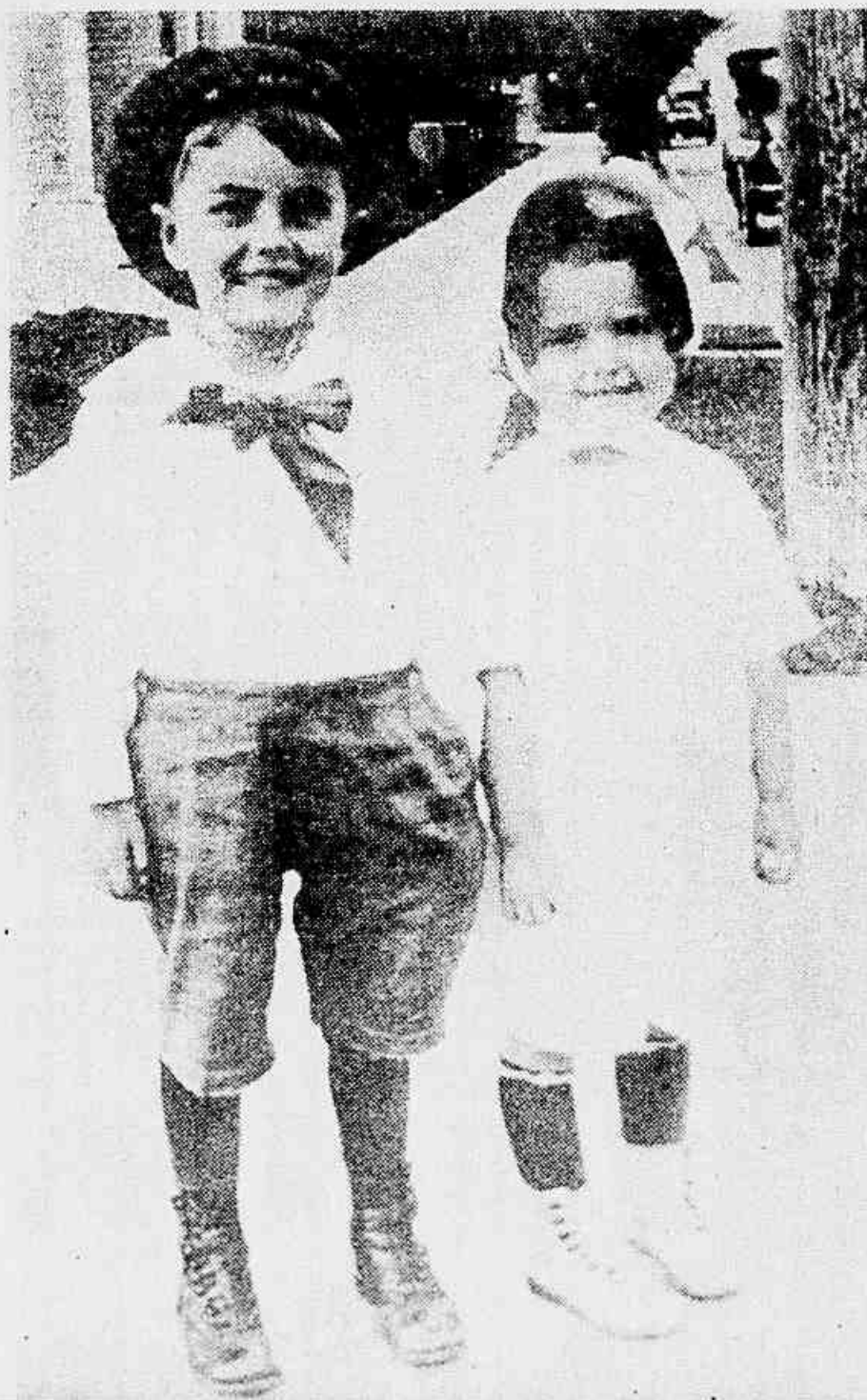
O ATOR, como qualquer pessoa, morre na cama ou num desastre. É raro que um ator morra como ator, como Tyrone Power, que teve a crise fatal de *angina pectoris* quando esgrimia com George Sanders numa cena de *Salomão e a Rainha de Sabá*, que estava filmando na região espanhola de Saragoça. Imediatamente foi transportado para o hospital, onde nem houve tempo para que os médicos o socorressem. Morreu o ator, assim, num set de filmagem, porque ali foi que a sua consciência se apagou. Ainda usava a túnica e os braceletes de couro de Salomão. Só lhe foram tiradas as sandálias.

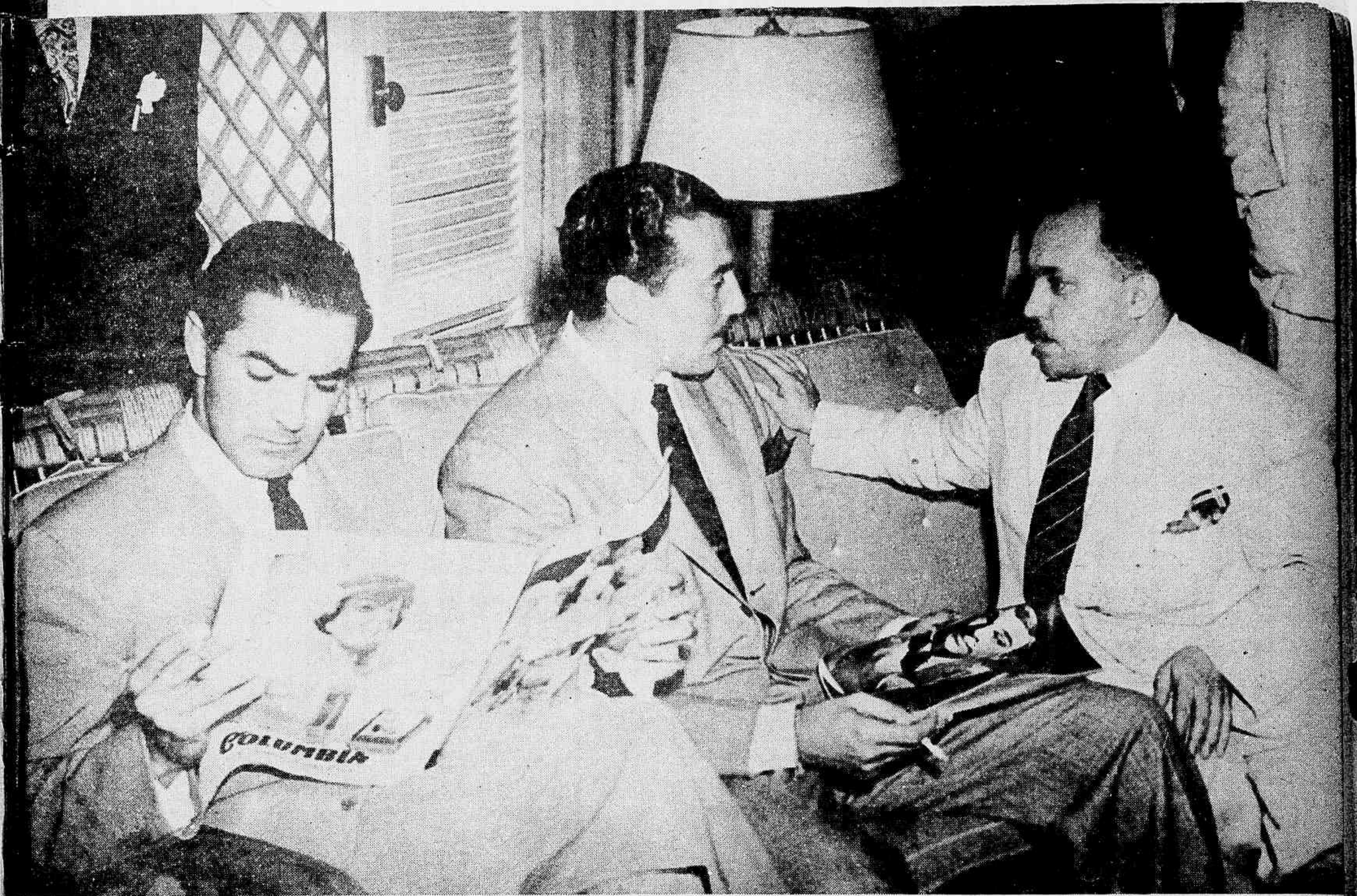
Nascido a 5 de maio de 1914, em Cincinatti (Ohio), Tyrone Power herdou o nome e a profissão de seu pai, que, além de extensa atividade no teatro, interpretou diversos filmes aí por volta de 1927. Aos 22 anos — em 1936 — Ty estreou em Hollywood, já com experiência teatral, pois tinha apenas 7 anos ao pisar num palco pela primeira vez. No teatro, entre outros papéis importantes, fez o Benvolio de "Romeu e Julieta", ao lado da famosa Katharine Cornell. A sua primeira chance profissional, por coincidência, foi também shakespereana, a que lhe foi dada, numa versão de "O Mercador de Veneza", por seu pai.

Tyrone, terceiro filho, ainda em Cincinatti, aos 10 meses. Seu pai, também chamado Tyrone Power, foi um ator famoso, nascido em Londres de pais irlandeses e radicado, desde menino, nos Estados Unidos.

Aos 5 anos, com a irmã Ann (de 3). Ela nasceu em Hollywood, para onde se transferira Tyrone Power Sr., com toda a família. Em Hollywood, mais tarde, o pai interpretaria vários filmes, o último dos quais "The Big Trail".

10 anos: primeiro papel de certa importância. Sua mãe havia sido contratada para trabalhar numa peça encenada na histórica missão de São Gabriel, perto de Los Angeles. Ty, nesta peça, fez um pupilo dos padres franciscanos.





TY NO RIO — Em 1946, Tyrone esteve no Rio pela segunda vez. César Romero foi seu companheiro de viagem e, a seguir, de elenco de "Capitães de Castela". Na foto, os dois conversando com Raymundo Magalhães Jr., então nos quadros da REVISTA DA SEMANA.

Tyrone Power II, Tyrone Power I e Ann. O velho Power iniciou-se como ator em 1884, aos 15 anos de idade. Entre os filmes que interpretou, figuram: *Brave Hearte*, *Bride of the Storm*. Morreu em 1931

Formado, Ty preferiu, todavia, o teatro. Sob a orientação do pai, então com grande prestígio, tornou-se profissional com um papel (não muito importante) em "O Mercador de Veneza", seu primeiro contato com Shakespeare.

Em 1942, em Washington D.C., ingressou na marinha como praça. Um ano depois era oficial, tendo servido no Pacífico durante a guerra. Ao dar baixa, em 1945, tinha o posto de primeiro tenente.





"Um Yankee na R.A.F." — com Betty Grable.



"Sangue e Areia" — com Rita Hayworth.



"Mergulho no Inferno" — com Dana Andrews e Anne Baxter.



"O Cisne Negro".



"O Favorito dos Bórgias" — com Wanda Hendrix.



"O Beco das Almas Perdidas", com Colleen Gray e Mike Mazurki.

A estréia cinematográfica de Tyrone Power se verificou em **Dormitório de Moças** (Girl's Dormitory), cuja heroína era a francesa Simone Simon. Falou-se, na época, de um romance entre os dois, mas só em 1939 o novo e já popular galã casou-se pela primeira vez, com a também francesa e atriz Annabella. O namoro, muito comentado, começou no Rio, durante a primeira viagem ao Brasil do ator, que voltaria mais tarde (em 1946), mas sem Annabella — de quem, todavia, só em 1948 ele se divorciou. Tyrone, um ano depois, casou-se pela segunda vez, em Roma, com a mexicana Linda Christian, de quem teve duas filhas, Francesca Romina (hoje com 7 anos) e Taryn Stephanie (com 5). O segundo divórcio não foi tão calmo como o primeiro. Linda, aliás, é melhor conhecida por suas aventuras fora da tela do que pelos seus filmes, que são poucos e sem importância. Em abril do ano corrente, Ty casava-se pela terceira vez, agora com uma texana chamada Deborah Montgomery e sem a ambição do estrelato ou de ser citada pelos colunistas sociais.

Os primeiros anos da carreira do ator foram muito bons nas bilheterias, porque ele se fez logo um dos ídolos da tela. Mas só bem depois é que a crítica, verificando seus progressos, passou a considerá-lo um ator, em vez de apenas um galã. Daquela fase, os maiores êxitos de Tyrone foram: **Lloyds de Londres**, com Madeleine Carroll, **No Velho Chicago**, com Alice Faye, **Maria Antonieta**, com Norma Shearer, **A Epopéia do Jazz**, com Alice Faye, **Suez**, com Annabella (ainda não eram casados), **E as Chuvas Chegaram**, com Myrna Loy, **Jesse James**, com Henry Fonda e Nancy Kelly, **A Marca do Zorro**, com Linda Darnell, e **Sangue e Areia**, com Rita Hayworth e Linda Darnell. Os dois últimos foram ambiciosos também pelo fato de dar a Ty papéis que no cinema silencioso haviam sido criados por Douglas Fairbanks e Rudolph Valentino.

Em 1941 — e até o advento do CinemaScope em 1953 — Tyrone Power foi o "artista n.º 1" da 20th Century-Fox, que contava com ele para neutralizar os êxitos que a Metro alcançava com os filmes de Robert Taylor. Nesse período, Ty namorou na tela as mais populares (e bonitas) estrelas: Betty Grable em **Um Yankee**

na RAF, Gene Tierney em **Ódio no Coração**, Joan Fontaine em **Isto Acima de Tudo**, Maureen O'Hara em **O Cisne Negro**, Jean Peters em **Capitães de Castela**, Gene Tierney (outra vez) e Anne Baxter em **O Flo da Navalha**, ainda Gene Tierney em **Esse Impulso Maravilhoso**. Com sua atuação, fortemente dramática, em **O Beco das Almas Perdidas**, Ty recebeu elogios de inúmeros críticos, inclusive alguns dos mais exigentes.

Ainda na Fox, o ator fez um bom western, **Correio do Inferno**, com Susan Hayward, e um bom thriller, **Missão Perigosa em Trieste**, com Hildegard Neff — os dois filmes dirigidos pelo competente Henry Hathaway, sob cujas ordens Ty já atuara no pretensioso e ôco **A Rosa Negra**. Tornando-se Free-lance depois do mal sucedido **O Soldado e a Rainha**, trabalhou na Universal (**O Aventureiro do Mississippi**), voltou à Fox (**Rebellão na Índia**), e já havia sido substituído por outros galãs na admiração popular quando John Ford, escolhendo-o para o papel central de **A Paixão de Uma Vida**, proporcionou-lhe a melhor interpretação de toda a sua carreira.

Nos últimos anos, Tyrone Power também se tornou produtor, fundando a Copa Productions, na qual interpretou **Abandon Ship!** Uma medíocre biografia musical, **The Eddy Duchin Story** (Melo-dia Imortal), uma frustrada experiência hemingweyana, **E Agora Brilha o Sol**, e uma excelente performance num excelente thriller extraído por Billy Wilder da peça **Witness for the Prosecution** (Testemunha de Acusação), de Agatha Christie — foram estes os últimos filmes do correto ator.

Ao que tudo indica — de vez que a filmagem estava na metade — **Salomão e a Rainha de Sabá** (Solomon and Sheba) terá outro Salomão ao lado de Gina Lollobrigida. As cenas filmadas por Tyrone Power serão refeitas pelo seu substituto. Seria bom que a empresa produtora não as destruísse — mas as enviasse para enriquecer os arquivos de um Museu de Cinema. Ninguém pode garantir, entretanto, que seja prestada ao ator essa última homenagem.



"A Paixão de uma Vida".



"E Agora Brilha o Sol" — com Ava Gardner.



Deslumbrante vista parcial noturna da cidade de Florianópolis.

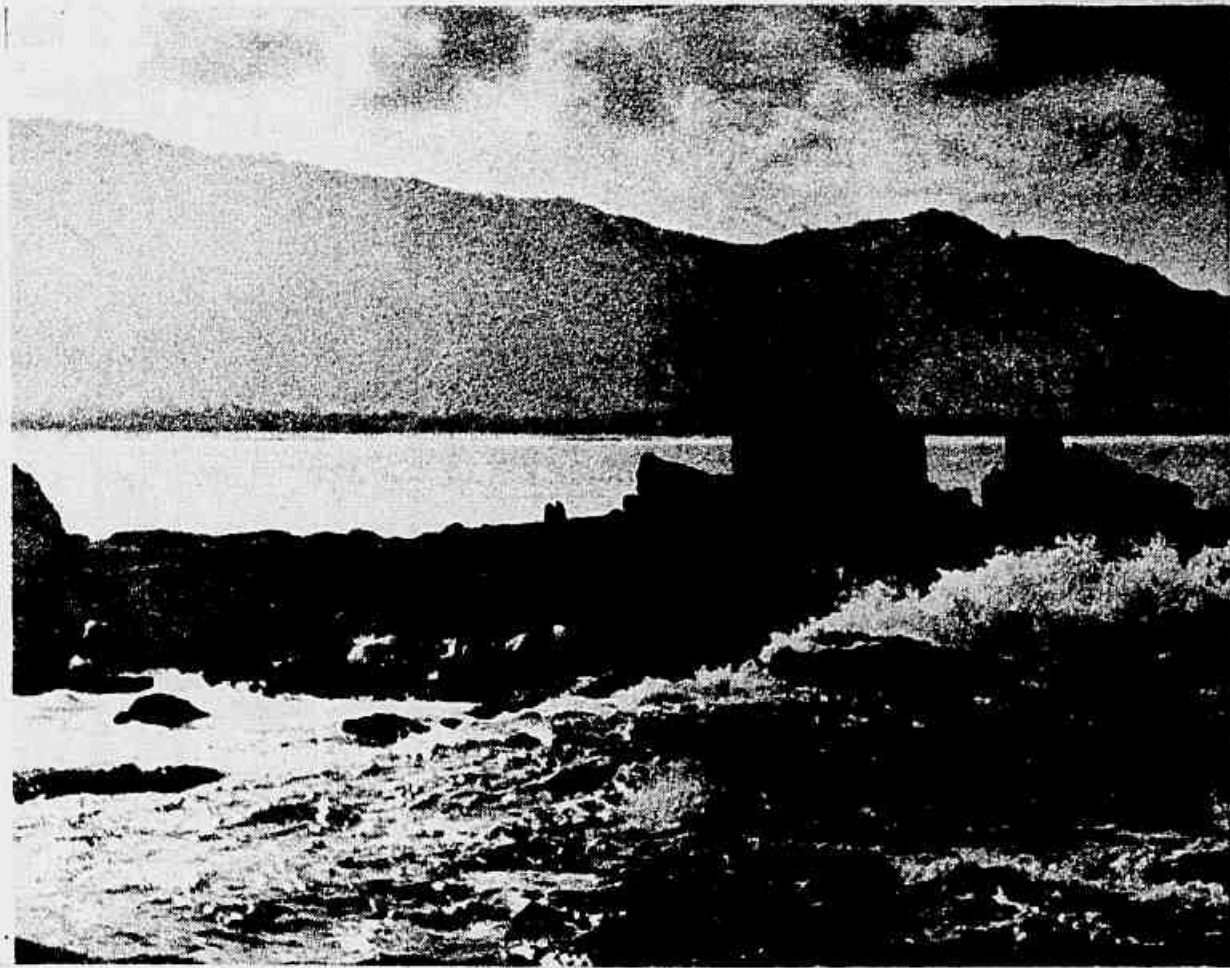
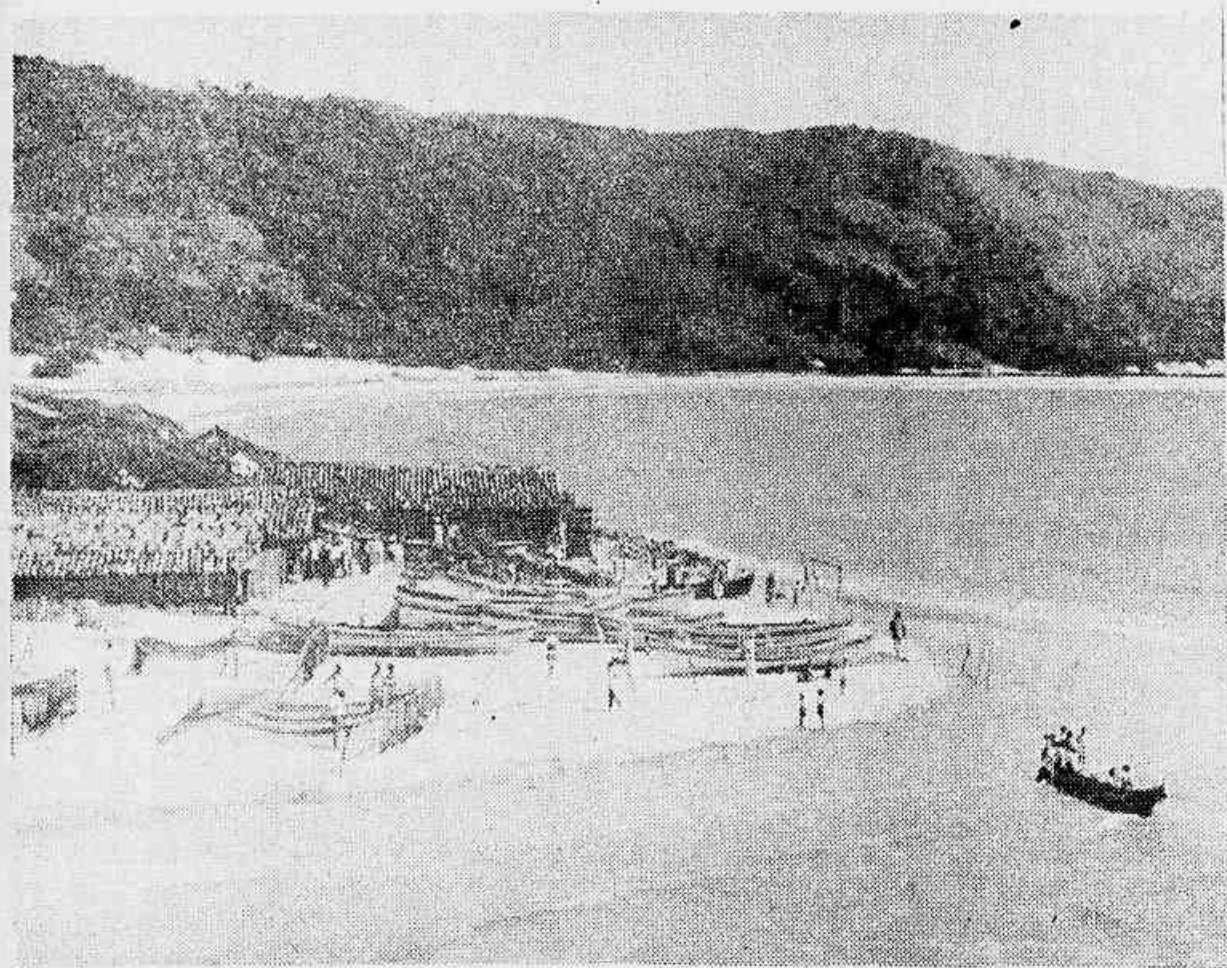
FLORIANÓPOLIS ACOMPANHA O PROGRESSO DO BRASIL

EM MARCHA ACELERADA, A BELA CAPITAL SULINA ESTA SE TORNANDO UM DOS PRINCIPAIS PONTOS DE ATRAÇÃO TURÍSTICA, OFERECENDO AO MUNDO AS MARAVILHAS DE SUA PRODIGIOSA NATUREZA!

JOSÉ DOS REIS MATTOS

FLORIANÓPOLIS! A antiga cidade do Destêrro, está situada na aprazível Ilha de Santa Catarina. Capital de um dos mais ricos Estados do sul brasileiro, Florianópolis dia a dia está se tornando um dos principais pontos de atração turística de todo o território nacional, conseguindo mesmo equiparar-se a outros centros de turismo de renome internacional. Impulsionada fortemente pelo advento da "indústria sem chaminés", a bela cidade do sul tem assumido proporções grandiosas no seu desenvolvimento, quer no setor administrativo, quer no setor cultural e

principalmente no turismo que já é, sem sombra de dúvidas, um dos esteios do progresso daquele município. Administrada diligentemente, pelo operoso prefeito Dr. Osmar Cunha, municipalista dos mais legítimos e Presidente de Honra da Associação Brasileira de Municípios, Florianópolis vai se transformando rapidamente numa cidade cosmopolita para onde convergem as atenções de todo o mundo, dadas as perspectivas que o futuro oferece. O Dr. Osmar Cunha, que está à testa do governo da progressista e moderna cidade já há três anos, e que, diga-se de passagem,



Na linda praia do Pântano do Sul, os pescadores preparam-se para a faina diária no mar. A direita, trecho da praia Armação da Piedade, verdadeiramente encantador.

teve no último pleito uma autêntica consagração de seus co-estaduanos elegendo-se Deputado Federal com quase maciça votação, atingindo mesmo uma soma total de votos jamais verificada naquele Estado, muito tem dado de seus esforços, para colocar Florianópolis num plano de igualdade com as demais capitais brasileiras. Sua profícua administração tem causado a muitos, motivo de verdadeiro espanto, pelas suas arrojadas iniciativas. O fato porém é que, segundo constatamos, aquela capital jamais progrediu tanto em tão pouco tempo. São novas avenidas que se abrem, pavimentadas, arborizadas, oferecendo espetáculo soberbo ao observador! São edifícios modernos, de construções grandiosas que enfeitam a cidade, numa estética primorosa! A pavimentação asfáltica, obra nunca realizada por seus antecessores, encontrou no Dr. Osmar Cunha um pioneiro, fato esse que veio contribuir para o maior conforto dos automobilistas e para uma melhor modernização da capital.

Sem se descuidar do interior da encantadora ilha, tão pródiga em belezas naturais, o Dr. Osmar Cunha levou até lá o seu trabalho de homem progressista e de homem que sabe o que quer. Hoje, Florianópolis, tem suas estradas interioranas, simetricamente traçadas e ôtimamente conservadas, permitindo um rápido acesso aos mais variados recantos da paradisíaca ilha.

Novas obras de vulto, tais como o viaduto que ligará a principal rua do continente à Ponte Hercílio Luz, e a moderníssima

Estação Rodoviária e ainda o Matadouro Municipal, já qualificado como um dos mais completos de toda a América do Sul, mostram também as inegáveis qualidades administrativas desse homem que nos últimos dias da semana passada representou tão condignamente o Brasil no VII Congresso Interamericano de Municípios.

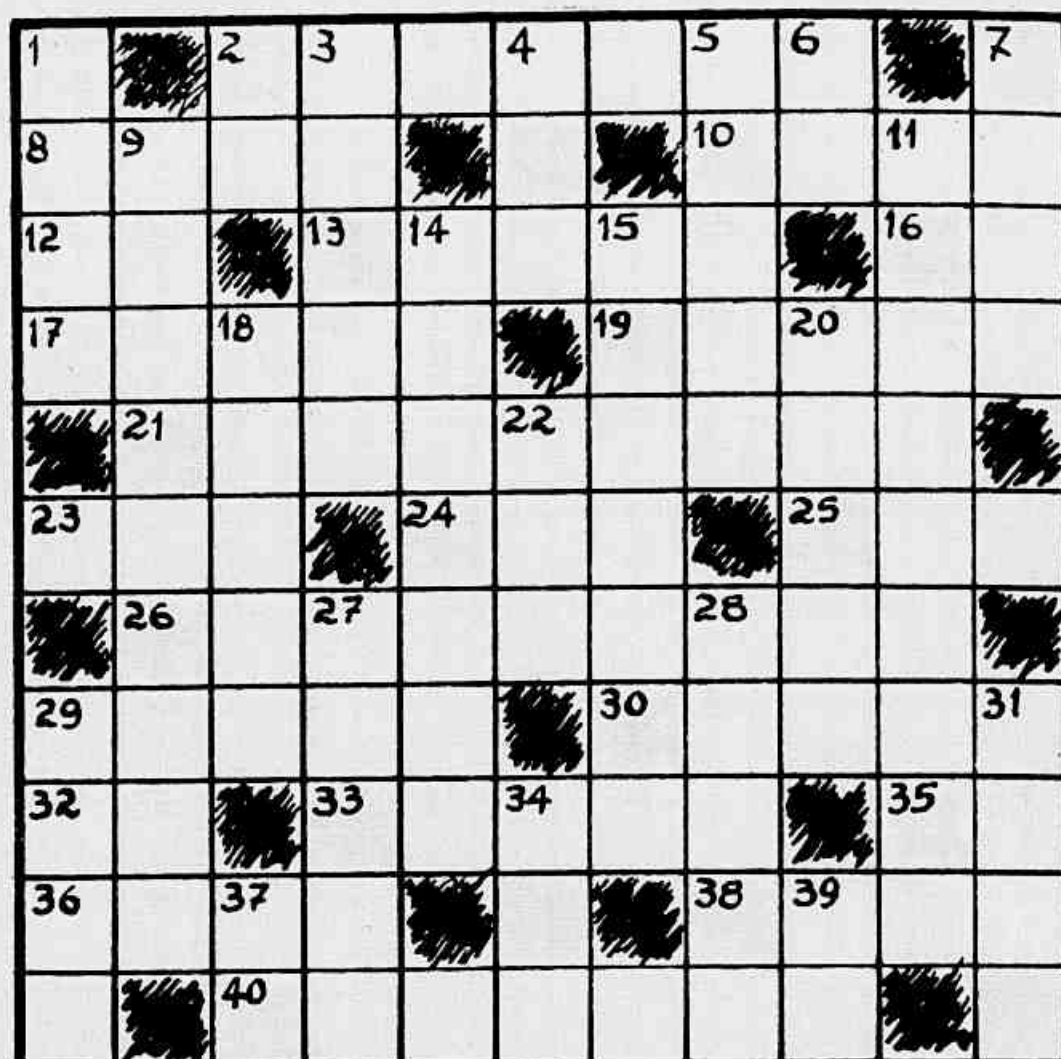
Florianópolis caminha a passos largos para um futuro brilhante. Isso graças a homens desprendidos, que entregam tudo de seu, toda a dedicação, todo o esforço em prol do engrandecimento da terra que dirigem.

Em palestra que nossa reportagem manteve com o Sr. Dr. Osmar Cunha, quando de sua estada na Capital da República, por ocasião do VII Congresso de Municípios fomos informados por S.Sa. que, muito embora tenha sido eleito Deputado Federal, e em consequência ter que passar o cargo de primeiro mandatário do município no próximo mês de fevereiro, não irá se descuidar um só momento de sua cidade, afirmando mesmo que já deu os primeiros passos para a importação de mil máquinas agrícolas e rodoviárias, que irão dar continuidade ao desenvolvimento de Florianópolis.

Caminha a capital catarinense, em marcha acelerada, para a sua libertação econômica dando a todos os brasileiros, o exemplo do que pode ser feito quando se tem em mira o bem estar do povo e o progresso da nação.



O Prefeito Osmar Cunha, cercado de amigos à porta do Hotel Serrador, falando à reportagem da REVISTA DA SEMANA.



PROBLEMA N.º 61 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 2. Reconhecer a força de — 8. Classe de roupa — 10. Ter suspeitas — 12. Cabrito almiscarado da China — 13. Rede de arrastar — 16. Centésimo primeiro — 17. Aplanar terra para cultivo — 19. Ave africana — 21. Reincidência no crime (pl.) — 23. Assim seja — 24. Agrada — 25. Pergaminho — 26. Reunião de animais que vivem em estado gregário — 29. Inseto díptero (pl.) — 30. Vota — 32. Nota forte do tambor dado com a mão direita — 33. História — 35. Pronome pessoal — 36. Amante — 38. Grande quantidade (pl.) — 40. O vômer das bestas.

VERTICAIS: 1. Desempedida — 2. Antes do meio-dia — 3. Estandal — 4. Emblema da realeza francesa — 5. Macaco da Amazônia — 6. Medida itinerária do Japão, equivalente a um quilômetro — 7. Variedade de palmeira (pl.) — 9. Gabolas — 11. Que principia a azedar-se — 14. Planta ornamental, da família das Leguminosas-Papilionáceas — 15. Combinados — 18. Importuna — 20. Nome do mais célebre poeta persa — 22. (Edgard), poeta norte-americano — 27. Trastes sem valor — 28. Problema de difícil ou impossível solução — 29. Manifestação da vontade (pl.) — 31. Empresa árdua — 34. Guri — 37. Fundo de agulha — 39. O Senhor, o Absoluto, na filosofia hindu.

PROBLEMA N.º 61 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Perversa — 3. Nota musical — 5. Seguiam — 7. Possuir — 8. Quer bem — 10. Grande porção de ratos — 13. Pesquisar; procurar — 14. Cessaria de andar — 16. Cólera — 17. Íntima — 19. Espaço de trinta dias — 21. Sétima nota musical — 22. Isolado.

VERTICAIS: 1. Dar miados — 2. Em partes iguais — 3. Estuda — 4. Cantiga — 6. Grande extensão de matas — 7. Pesar para tirar a tara — 9. Assassinar — 11. Mau cheiro — 12. O mesmo que airi — 14. Genitores — 15. Ousadia — 18. Nota musical — 20. Do verbo ser.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 60

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: calmara — va — Aar — go — ibacupari — legitimadas — amam — runa — orbe — belu — aler — cala — manangueras — adoidarrado — dó — ara — om — celeuma.

VERTICAIS: ávila — Laut — Maria — arum — coisa — abemolado — granulado — agareno — cimbrar — parecer — adulara — Amado — agaré — asomo — ndal — urau.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: to — Ag — amarela — mar — ar — rara — rei — sor — asar — ro — rer — anallsa — si — as.

VERTICAIS: tararacas — Om — arar — al — gabarolas — AM — eras — rês — ror — iara — rela — ri — Ni — Sá.

MACAÍBA: A CASA



RENARD PEREZ

Levantada no meio da vegetação, a casa acentuava, ainda mais, a aparência d'esses castelozinhos dos dicionários ilustrados.

DO OUTRO LADO fica o Vilar, cujo caminho, agora calçado, atravessamos de camionete. Adiante, o casarão onde me criei. Por sobre o verde dos coqueiros anões, a sua torre se destaca. Mas a pintura nova, de tonalidade desmaiada, tirou-lhe muito do toque elegante que lhe davam os antigos retângulos vermelhos, imitando tijolos, a se destacarem no fundo branco, numa aparência de castelo medieval. O terreno em volta, antes ocupado pelo jardim e limitado pelo canavial, está coberto de mangueiras, laranjeiras e coqueiros anões. As palmas largas, de um amarelo escuro, se espalham pelo chão.

Um dia, meu irmão botou fogo no canavial. Debruçada à máquina de costura, minha mãe o via pela janela, a passar e a repassar do lado de fora, com uma lata de manteiga na mão, a fisionomia aflita.

— O que é que você está fazendo, menino?

— Estou apagando o fogo!

Imaginando a catástrofe, minha mãe correu, aflita, para fora de casa, além do jardim. O incêndio começava a se propagar; línguas vermelhas lambiam as folhas compridas, e a fumaça subia

num rôlo grosso. Aos gritos de alarme, seu Naro acudiu, vieram os trabalhadores com enxadas. Feito o aceiro, o fogo foi finalmente domado. Mamãe, parada, olhava os efeitos da devastação.

— Mas meu filho, o que foi que você fez?

Meu irmão tremia, emocionado:

— Era o incêndio de Roma, mamãe!...

Antigamente, a entrada era encoberta por uma trepadeira de bougainville, e o terraço no primeiro andar guarnecido por um caramanchão. Mesmo ao lado do jardim, com seu senso de utilidade, seu pai fizera plantar árvores frutíferas. Lembro-me dos limoeiros floridos, com seu perfume excitante; e da parreira que ia da porteira aos batentes da entrada, de onde tenho uma fotografia, aos quatro anos, empunhando uma espingarda de pau. Levantada no meio daquela vegetação, a casa acentuava, ainda mais, a aparência d'esses castelozinhos dos dicionários ilustrados. Tinha uma simplicidade austera e havia, naquele contraste do branco e do vermelho, um requinte raro. É belo e imponente, ainda agora — concordo. Mas o era ainda mais naquele tempo, com os pés de samambaia junto à escadaria de entrada, e as cortinas balan-

quando na grande janela envidraçada sobre o jardim cheio de rosas, dalias, cravos, avencas — com que mamãe presenteava à Igreja, nos dias de novena.

Sei que muitos desses detalhes se fixaram menos porque os presenciei, do que por alusões, conversas, fotografias. Muita coisa não alcancei e certos pormenores, vejo agora, são produtos de histórias contadas. Mas, pouco a pouco eles se reuniram num todo, adquiriram tal realidade, que já não consigo separar o visto do ouvido. De tão repetido, tudo se confundiu. E realizou, em alguma obscura parte, a reconstituição daquilo que agora, desagregado, me decepciona.

Subo, comovido, os batentes e penetro no terraço, ladeado por pilastras. Apesar da rusticidade da construção, aquelas colunas quadradas, rijas, têm a sua elegância. Vejo-me, depois, na sala grande, pintada de escuro. Os móveis negros, austeros, estão empilhados a um canto revestidos por lençóis (Enoch, o atual proprietário, advogado, mora em Natal, e só de longe em longe vem aqui).

Era esta a antiga sala de jantar, e naquele canto foi armado o tablado para a grande festa dos sete anos de minha irmã. O lustre substituiu o abajur de papel crepon, vermelho, feito pelos dedos hábeis de dona Zita.

A sala conserva a sua antiga dignidade. Entretanto, ela me parece menor e, sem os móveis, tem um aspecto lúgubre. Não encontro o solar criado pela imaginação e procuro preencher o vazio. Imagino a grande mesa circular, das refeições em dias de festa, as cortinas na parede, as cadeiras austríacas. As festas que abriam o casarão, traziam Macaíba em pêso, parentes de Natal, gente ruidosa e importante. Também sinto falta do retrato de meu pai, de colête e vastos bigodes, alfinete espetado na gravata de listras, uma corrente de ouro escapando-se da botoeira, o lenço amassado no bolsinho, sobre o coração.

Ao lado, Enoch mostra-me, orgulhoso, as reformas. Tudo foi melhorado, o chão de mosaico substituído pelo taco; e o rodapé marrom, pintado na própria parede, pelo seu equivalente em madeira. Lembrando-me então, dos antigos detalhes, e das flores de papel sobre a mesa, e das rústicas cadeiras de vime, e procurando colocá-los neste ambiente, acode-me o contraste entre a elegância do edifício e a ingênua decoração dos interiores. O novo dono nada mais fez do que adaptar a decoração, ajustá-la às imposições do edifício. Entretanto, aquelas melhorias têm, antes, o aspecto de devastação.

Atravesso as salas abandonadas. Ali ficavam as cortinas, as fotografias coloridas dos meus irmãos mais velhos, encaixadas nas molduras trabalhadas, o piano a um canto.

O piano só se abria nas festas — em casa ninguém sabia tocar — até que um dia meu pai contratou Lourdinha Varela, amiga da casa, para ensinar a minha prima os rudimentos da música. Tenho uma idéia vaga de escalas a ir e vir, no sossêgo do sobrado. Mas aquilo não durou muito tempo. O exercício fastidioso das escalas, as lições áridas, decepcionaram minha prima. E o curso se acabou abruptamente porque ela, na terceira aula, exigiu que a professora lhe ensinasse o Hino Nacional. De nada adiantaram as explicações de que a composição requeria um longo aprendizado. Lenita se manteve inflexível no seu capricho. E apesar de grandes amigos — ela e a professora — romperam relações. Passaram mais de vinte anos brigadas.

A escada de madeira que liga o térreo ao sobrado foi substituída por uma de cimento, e o grande terraço, inútil nos tempos de chuva, recoberto por um telheiro. A trepadeira, enroscada no paredão, também já não existe, e o piso ensolarado, onde minha mãe punha bananas para secar, escurece na sombra.

As lembranças chegam, confrangem-me. Diante dos aposentos vazios, imagens vagas adquirem consistência e acontecimentos imprecisos surgem com facilidade. No entanto, pouco apareço nessas recordações, e sim as pessoas que me envolvem.

Dessas lembranças, uma das mais vivas é a da noite em que meu pai voltou da Espanha. Vejo os presentes distribuídos — um chale de seda preta com grandes rosas vermelhas para minha mãe, um outro branco, para Lenita. Na manhã seguinte — a figura cumprida metida num vestido azul-marinho, sentada num tamborete ao lado da escada. Era nossa prima Dina, que ele trouxera da Espanha, e iria morar conosco.

Dina passava o dia inteiro calada, a olhar-nos; demorou muito tempo para identificar-se com o nosso mundo. Depois, frequentaria o grupo, com meus irmãos mais velhos. Era a menina dos olhos de meu pai.

Da varanda do primeiro andar, a paisagem se descortina — os verdes claros das cajazeiras confundindo-se com o escuro das mangueiras. As frutas pesam nos galhos, tudo cresce luxuriosamente na terra preta. A casa caiu em boas mãos, asseguro-me.

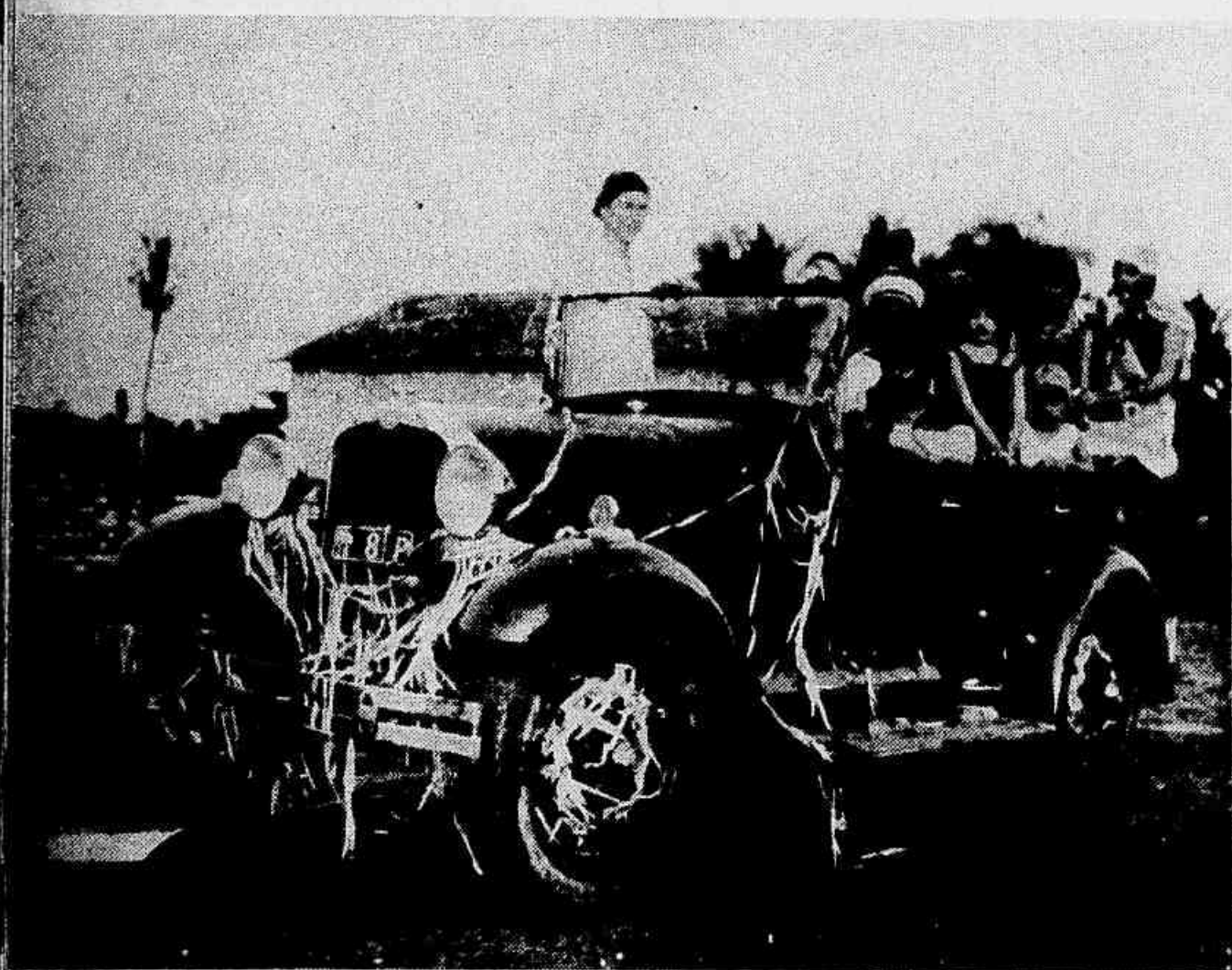
Os dois quatinhos, agora forrados. Era aqui que eu adormecia ao som de cantigas tristes, cantadas por minha mãe:

"Praieira de meus amôres,
Terra de encantos mil..."

Deitado na cama de ferro, ouvia o rumor dos trabalhadores e o zum-zum do sossêgo. Pelas janelas, as luzes apareciam brilhando longe, na cidade. Eu adormecia, cansado das correrias pelo matagal, montado em fôlhas de coqueiros; e das fugidas para a casa de seu Naro, para comer o caranguejo com farinha. Naro envaidecia-se da escolha, tratava com deferência o filho do patrão. Minha mãe aflita com a demora, a empregada que nos ia procurar. Diante da cama, sobre uma prateleira junto ao teto, havia um anúncio de "Good Year" que me intrigava: os pés alados e os caracteres enigmáticos davam-me pesadelos.

Novamente no térreo: o quatinho de depósitos, o banheiro com sua caixa d'água, a cozinha enorme, com o piso de tijolos, e as duas janelas abertas para o quintal. A memória vai revivendo... O vulto de mamãe, debruçado no fogão, a preparar o queijo-manteiga, e o odor forte, excitante, explodindo no ar... A velha Lilioza, enrodilhada a um canto, a contar os mexericos da vila... Transposta a cozinha, o quintal aparece, com a bomba d'água, o poço, o chiqueiro das aves. A bomba ainda é a mesma do meu tempo — afirma-me Enoch. Vermelho, entroncado, metido em grandes botas, ele é bem o tipo do fazendeiro próspero. Entre orgulhoso e condescendente, exhibe o seu feudo — por certo compreende a minha emoção. Entretanto, sinto uma curiosa sensação de posse: tudo isto ainda nos pertence — Enoch é apenas um administrador.

Lá adiante, a garagem, depois as dependências do caseiro e, além delas, o curral. A garagem tinha para mim um aspecto misterioso, quase sinistro, com sua profunda cavidade no centro. Não



O automóvel (foto de 1933, tirada pelo carnaval). Meu pai com uma echarpe ao pescoço, diante da direção.

tinha coragem de lá ir sozinho. Mas, acompanhado, esvaia-se o temor. E o meu irmão, estudante em Natal, gostava do alcapão para suas brincadeiras — histórias de raptos e esconderijos, aprendidas no Ateneu, e que me fascinavam.

A respeito desta garagem, existe um episódio que não cheguei a presenciar, talvez anterior a meu nascimento — contado por minha mãe. Meu pai comprara um carro — um "Ford" 1928 — e convidou-a para um passeio a Natal. Era a estréia do automóvel.

Mamãe saía pouco de casa. Os filhos pequenos, o governo doméstico enchiam-lhe o tempo. Sua vida estava reduzida às atividades no sítio, às pequenas visitas pelos arredores, e só de longe em longe ultrapassava os limites da cidade. As idas a Natal eram raras e aquele passeio de automóvel representava um acontecimento.

Mamãe preparou-se, botou bolsa e sapatos, um chapéu dos grandes dias. E ficou no alpendre a esperar papai, que deveria tirar o carro da garagem, passar pelo alpendre e levá-la.

Meu pai também se enfiotara. Não sei porquê, estou a vê-lo na roupa com que aparece na fotografia do álbum — de colête e flor na lapela, os grandes bigodes retorcidos. Esperando o carro, mamãe se postara dignamente numa cadeira de balanço, retesa, para não enxovalhar o vestido.

Daí a pouco, o carro aparece, aos pinotes. O caseiro, sua mulher, os meninos — todos acompanhavam a cena, emocionados. O carro aproximou-se, resfolegante, e mamãe desceu os batentes e se postou sob a latada do caramanchão. Além do pára-brisa, ela via a face concentrada de meu pai, as mãos segurando rigidamente a roda da direção. Na garagem, os filhos de Naro davam adeus. Mas, diante da latada, algo aconteceu e, ao contrário do que estava previsto, o carro não parou. Meu pai começou a mexer em botões e alavancas, nervoso e excitado. Depois, pôs-se a gritar para mamãe, ao mesmo tempo que lhe fazia sinais.

— Pare, Jaime, pare!

Mas papai, inexperiente na direção, não sabia o que fazer a fim de parar. E o carro se foi, aos solavancos, enquanto mamãe, de chapéu e bolsa, prêtes a chorar, olhava-o desaparecer...

Ainda alcancei esse automóvel, e existe mesmo uma fotografia de 1933, tirada pelo carnaval, em que toda a família aparece sobre ele, fantasiada. Papai com uma echarpe envolta no pescoço, diante da direção, e atrás — em pé ou sentados no encosto — Lenita, Lourdinha, outros amigos da casa, meu irmão em marinho e minha irmã com um capuz amarelo, corpete justo e saia rodada, fantasiada de flor...

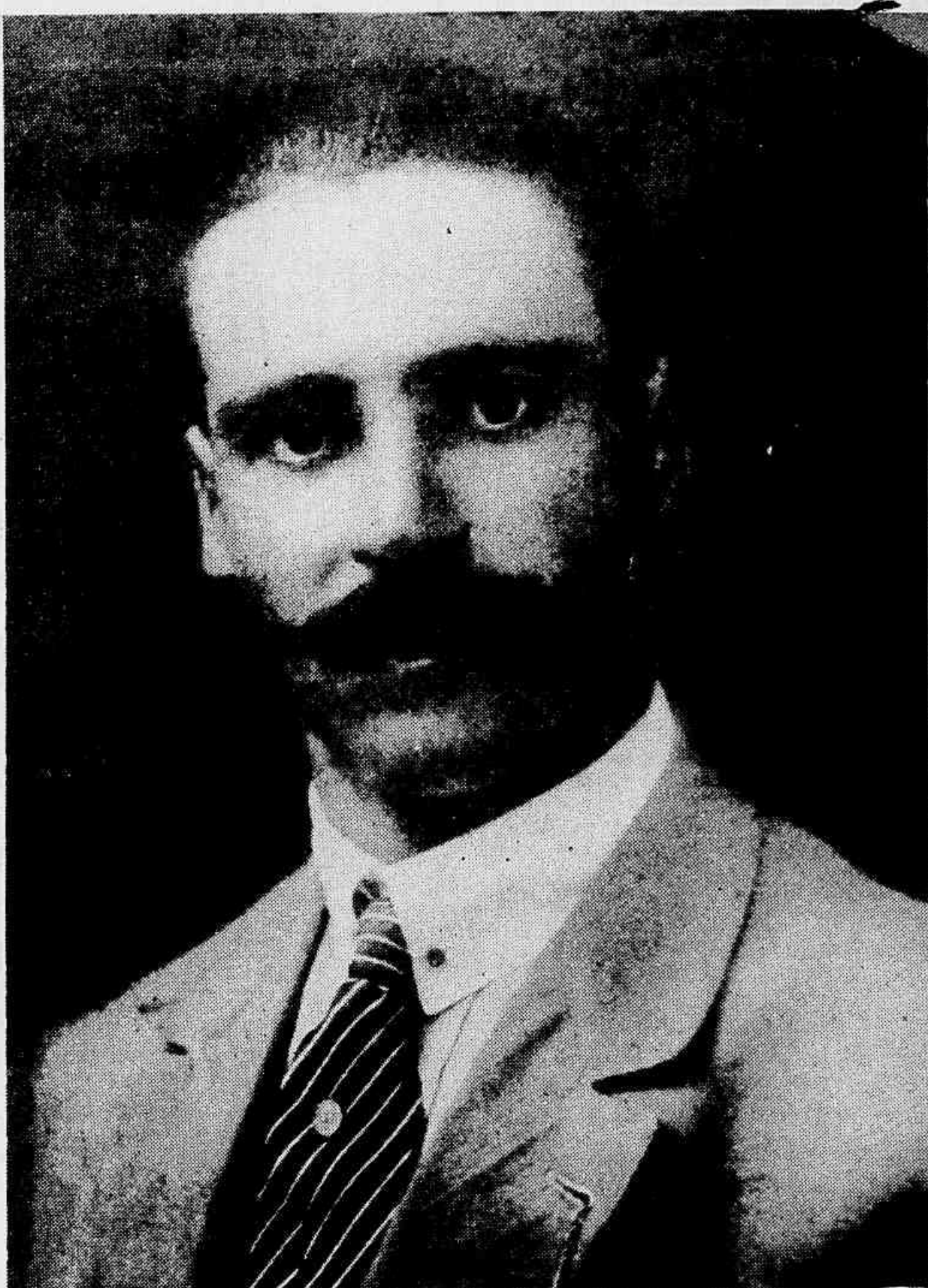
Pequenas construções limitam a paisagem, que antigamente se rasgava, exibindo o pomar. Os córregos foram drenados, transformados em vala para a irrigação do canavial, e do poço restam apenas vestígios numa leve depressão de terreno, ou nos trilhos que serviam de pinguela, e que descubro, entre touceiras.

Aqui, meu irmão fazia balsas, com troncos de bananeiras, e nelas nós viajávamos para terras de imaginação.

Meu irmão sabia coisas. Aprendia nos livros e punha em prática, no sítio. Depois de meus pais, é ele a figura mais viva em todas essas evocações. Vejo-o soltando papagaios, ou construindo, sob a ingazeira, com a ajuda de um amigo de casa, um pequeno monjolo.

A meu lado, Enoch mostra melhorias: os antigos limites foram superados, e o sítio se estende a perder de vista. A cajazeira imensa derrama seus galhos, numa copa protetora. O solo úmido, coberto de folhas, está salpicado de cajás. O céu é azul, muito puro.

Entretanto, sinto uma melancolia — uma dor não localizada, uma dor na alma, que a cada momento se torna mais opressiva. Não é exatamente isso o que esperava. Na verdade, ignoro o que esperava encontrar. Mas existe uma ausência dentro de mim, e as lembranças que me vêm, doces, acabam por se tornarem pungentes. É como se olhasse para trás e visse um mundo que, apesar de íntimo, não me pertence. É curioso considerar que sou eu, que foram pessoas de minha família as personagens que a memória revive. Mas não aconteceu o esperado sortilégio. Não consigo reviver-me criança, mas apenas rever a criança que eu era. Agrada-me recordar a antiga vida, reconstruir o meu mundo infantil, e as lembranças me chegam nítidas e borbulhantes. Mas sou apenas espectador, embora de mim mesmo, e isso me decepciona.



Meu pai, ao tempo do casamento: alfinete na gravata, a corrente escapando-se da botoeira, os grandes bigodes retorcidos.

na. Os dois mundos me aparecem estanques — rompeu-se um elo. Esperava, talvez, que o passado ressurgisse, concreto e real, sem a necessidade de artifícios de memória. Mas a minha emoção é fruto apenas da lembrança — não consigo atravessar fisicamente o tempo.

E eu, que passei tantos anos esperando por isto... Admito que pretendia um absurdo, mas por um instante me veio a noção de sua possibilidade, e agora me sinto como que burlado. Não experimento o prazer que esperava, mas uma sensação pungente e doida. Irrita-me essa frieza de analisar, em fazer comparações e notar contrastes. Não posso evitar a idéia de que estou fazendo uma visita. No fundo, é como se folheasse outra vez o álbum. Talvez as fotografias ainda estivessem mais verossimilhança — eram um instante verdadeiro, o momento fugaz retirado, era uma relíquia viva do tempo passado.

Sei que o sítio está em boas mãos. Mas isso não me reconforta, e de repente me vem, como ao "Dom Casmurro", a idéia sentimental de adquiri-lo. Reconheço que nada posso fazer aqui, que me distanciei por completo deste mundo, que vinte e quatro anos me separam dele. Minha infância jaz aqui, como soterrada. Mas agora uma emoção me aflige; talvez por aquele meio conseguisse, de certa forma, recuperar o tempo. Moraria aqui, recusaria os melhoramentos, tornaria o sobrado à fragilidade antiga, tósca e poética. Os "abajurs" feitos por dona Zita seriam repostos nos primitivos lugares, como também o piano, com seus castiçais retorcidos, onde Lenita tocava escalas, e os quartos no primeiro andar. Mas muita coisa sei que não posso reviver — reviver a inocência, e meu pai, hoje morto, e Naro e suas filhas — por onde elas andarão? — a brincar com as folhas caídas dos coqueiros.

— Oh, Joaquim, vai cortar uns cocos para o doutor!

Enoch lembra-me. Na varanda, tomo água de côco, saborosa, encho os bolsos de cajás para comer no caminho da volta. Enquanto provo das laranjas da Bahia, conversamos sobre assuntos comuns — sobre Natal, sobre o Rio, a situação política. E assim, lentamente, o mundo retorna, e o outro vai andando devagarinho, sumindo devagarinho, como sorvido.



POLÍCIA E QUESTÃO SOCIAL — Foto nova, tema antigo.

- MINHA TAREFA É ALIVIAR TENSÕES



MINISTERIO DO TRABALHO — Aos 28 anos, crise de crescimento.

PROCLAMANDO-SE INSPIRADO nos “ideais políticos ditados pelo grande Getúlio Vargas”, o ministro do Trabalho, em entrevista exclusiva ontem a este repórter, concitou operários e empregadores a estabelecerem ambiente de “mútuas transigências” como base de “um clima de paz social e de legalidade”, e anunciou algumas das medidas que a seu ver se tornam imprescindíveis no sentido de “dar maior assistência aos esforços da iniciativa privada e de proporcionar melhores condições de vida à coletividade obreira do País”. Trecho de suas declarações: “Se entre as linhas componentes de nossa estrutura social houver desconfianças, longe de agravá-las, a missão que me impus é a de desfazê-las. Meu pensamento concentra-se no desejo de realizar o objetivo do presidente da República, de servir à paz social e ao

clima de legalidade em que ela deve projetar-se. Para atingir êsse fim não me poderia fazer surdo aos apelos das classes trabalhadoras, demonstrada a sua procedência, sem que isso, porém, implique no propósito de concessões unilaterais tendentes a criar, entre trabalhadores e patrões, um clima de ressentimentos e incompreensões. Ao contrário, anima-me no Ministério a firme direttriz de aliviar tensões porventura existentes, eliminar antagonismos e criar entre empregadores e empregados uma atmosfera de entendimento e confiança recíproca, sem a qual estará profundamente comprometida a própria economia nacional.”

Convenhamos: não é tarefa nada fácil. O sr. Fernando Nóbrega (paraibano, ex-UDN, agora PTB) está a braços, como ministro, com uma das crises mais sérias e de graves reflexos já através-



SR. FERNANDO NÓBREGA — Reflexos atrapalham.

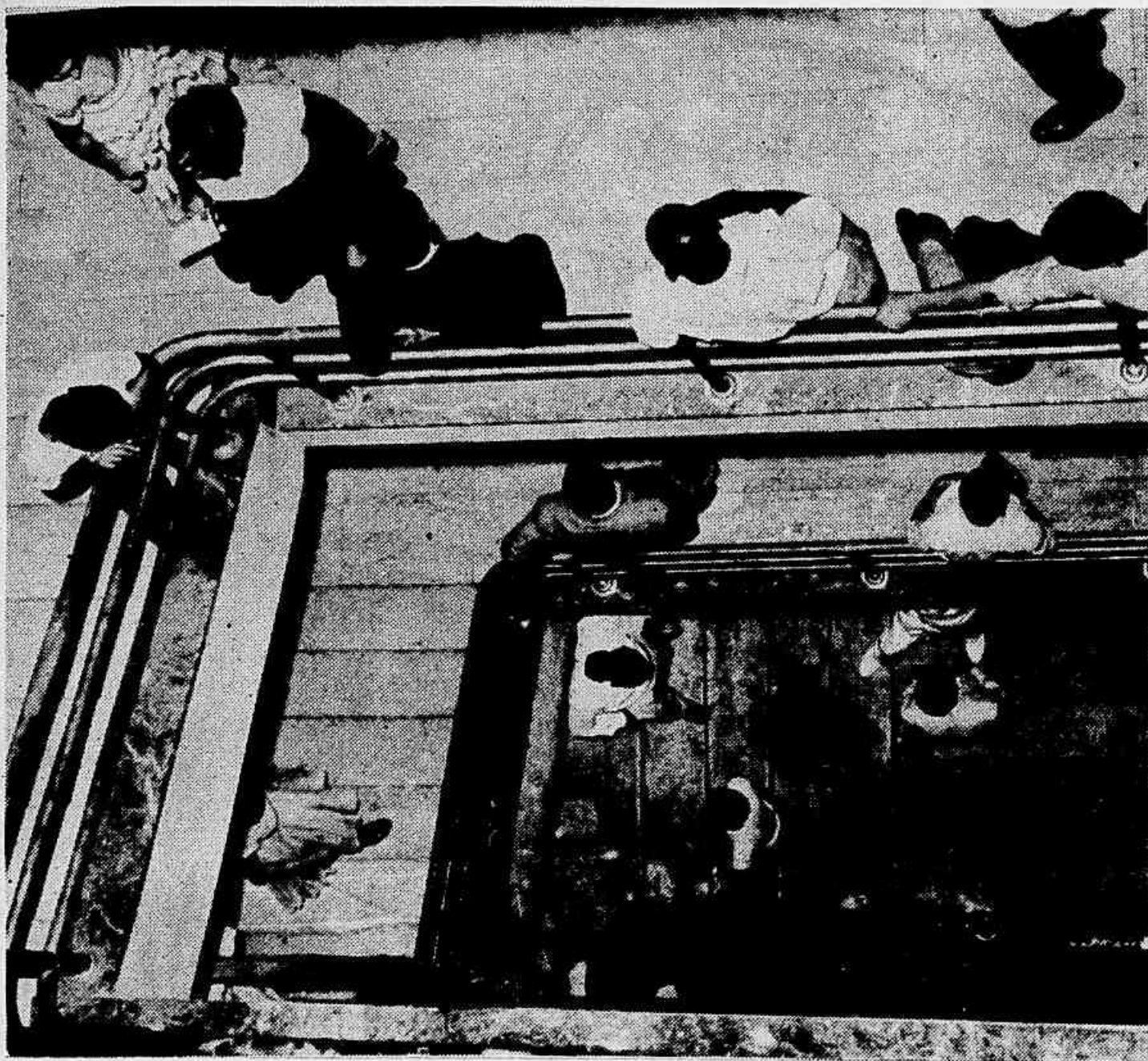
sadas por industriais (além da parte operária, o Ministério abrange indústria e comércio), comerciantes e trabalhadores. "Dos vinte e um ministros do Trabalho, quase um por ano, que já teve este país", dizia-me há menos de duas semanas um dos mais competentes especialistas em questões sociais do Brasil, "nenhum enfrentou panorama assim sombrio nem se houve com divergências tamanhas entre governo, empregados e empregadores". Exato. Os acontecimentos (salários, greves, manifestações populares, desajustamentos sociais, redução assustadora do poder aquisitivo, queixas que sobem — enquanto a demagogia desce — as escadas do M.T.I.C., e por aí avante) provam-no à saciedade; e têm repercussões tremendas, às quais veio juntar-se a ameaça de desmoronamento do sistema da previdência social sangrada pela corrupção, pelos desvios de milhões de cruzeiros para Brasília e para fins eleitorais, pela malversação dos fundos dos institutos de aposentadorias e pensões (não existe praticamente um só isento de escândalos apurados em inquéritos) e pela falta de espírito público da maioria dos administradores que atiram dinheiro pelas janelas. Por isso talvez, na conversa, o sr. Fernando Nóbrega mostra-se muito preocupado com a previdência. Frases dele: "O seguro social brasileiro divorciou-se da realidade e evoluiu afastado da estrutura econômica nacional. As instituições de previdência têm hoje sobre os ombros enorme conjunto de encargos, a que não corresponde base concreta que as torne capazes de suportá-los". Uma afirmação: "Os benefícios que não podem ser ampliados somente no papel. É indispensável que traduzam possibilidades efetivas, a fim de que sua execução imediata ateste a sinceridade do poder outorgante e corresponda à boa-fé do beneficiário."

Então, que fazer? Ele explica: "Defendo a necessidade de uma revisão de critérios visando a um plano que conjugue os esforços de todas as classes para que os que produzem o façam em condições de ajudar a prosperidade do País e os que trabalham encontrem, sob melhores condições de vida, campo propício aos atendimentos de seus justos anseios."

Mas vão vendo.

RETRATO AO NATURAL

"A previdência social nasceu no Brasil em 1923 com a Lei Elói Chaves", F.N. prossegue, "em moldes ditados pela prudência



MONTANHA RUSSA — Queixas sobem, demagogia desce.



GABINETE DO MINISTRO — Paz social caiu do 8.º

na experimentação de uma idéia política, no âmbito de cada empresa, única solução adotada até 1933, quando começaram a surgir os grandes institutos de âmbito nacional, obedientes à categoria profissional. Com a mais recente fusão de todas as caixas de aposentadorias e pensões em uma só entidade para todos os ferroviários e empregados em serviços públicos — CAPFESP — ultimou-se a estruturação da previdência social em categoria profissional. Não me parece, entretanto, que essa estrutura (em categoria profissional) possa resistir a uma análise de profundidade, se considerarmos o vulto das despesas administrativas, vulto que indiscutivelmente resulta da existência, na mesma localidade, na mesma unidade administrativa do País, enfim na mesma área, de seis entidades operando para o mesmo fim. O mal ainda é agravado pela descoordenação decorrente da autonomia de gestão característica da natureza autárquica de que se revestem essas instituições. Enquanto em certas áreas se superpõem e se multiplicam perdulariamente redes de fiscalização, de arrecadação e de agências concessionárias de benefícios daquelas seis autarquias (IAPC, IAPI, IAPB, IPASE, IAPETC, CAPFESP) de previdência, outras localidades ficam ao abandono. Afora as razões de gênese da previdência social, quais os princípios de organização e racionalização de serviços que poderiam ser invocados para justificar essa pluralidade de instituições com os mesmos fins? As soluções por empresa e por categoria profissional, por todos os títulos recomendáveis como veículos da implantação e do desenvolvimento progressivo da previdência social no Brasil, não mais se nos afiguram ter qualquer cabimento neste momento em que a quase totalidade dos trabalhadores urbanos está abrangida pelo seguro social."

Como assim? O ministro vai dizendo que cada instituição da previdência é atualmente obrigada, a um só tempo (êle não fala em Brasília, mas isso está implícito), a realizar o seguro social propriamente dito, a dar assistência médica a seus segurados e dependentes, a resolver os problemas da habitação destes, "assumindo por vezes a condição de empresa construtora de conjuntos residenciais, e a operar como banco de investimento de suas reservas". Um só desses problemas — o da assistência-médica, cirúrgica, odontológica e farmacêutica, em ambulatório, em hospital e a domicílio, a cerca de treze milhões de segurados e dependentes (aproximadamente metade das populações urbanas, porque as rurais, essas, digo eu, continuam ao Deus dará) — é de

tal magnitude, considerados os índices de morbidade do Brasil, que "o seu tratamento, de permeio com o pagamento de prestações em espécie, próprio do seguro social *stricto sensum*, só pode conduzir à crescente perda de crédito das instituições previdenciárias no conceito público, colocando-as no pelourinho da crítica diária da imprensa e dos segurados."

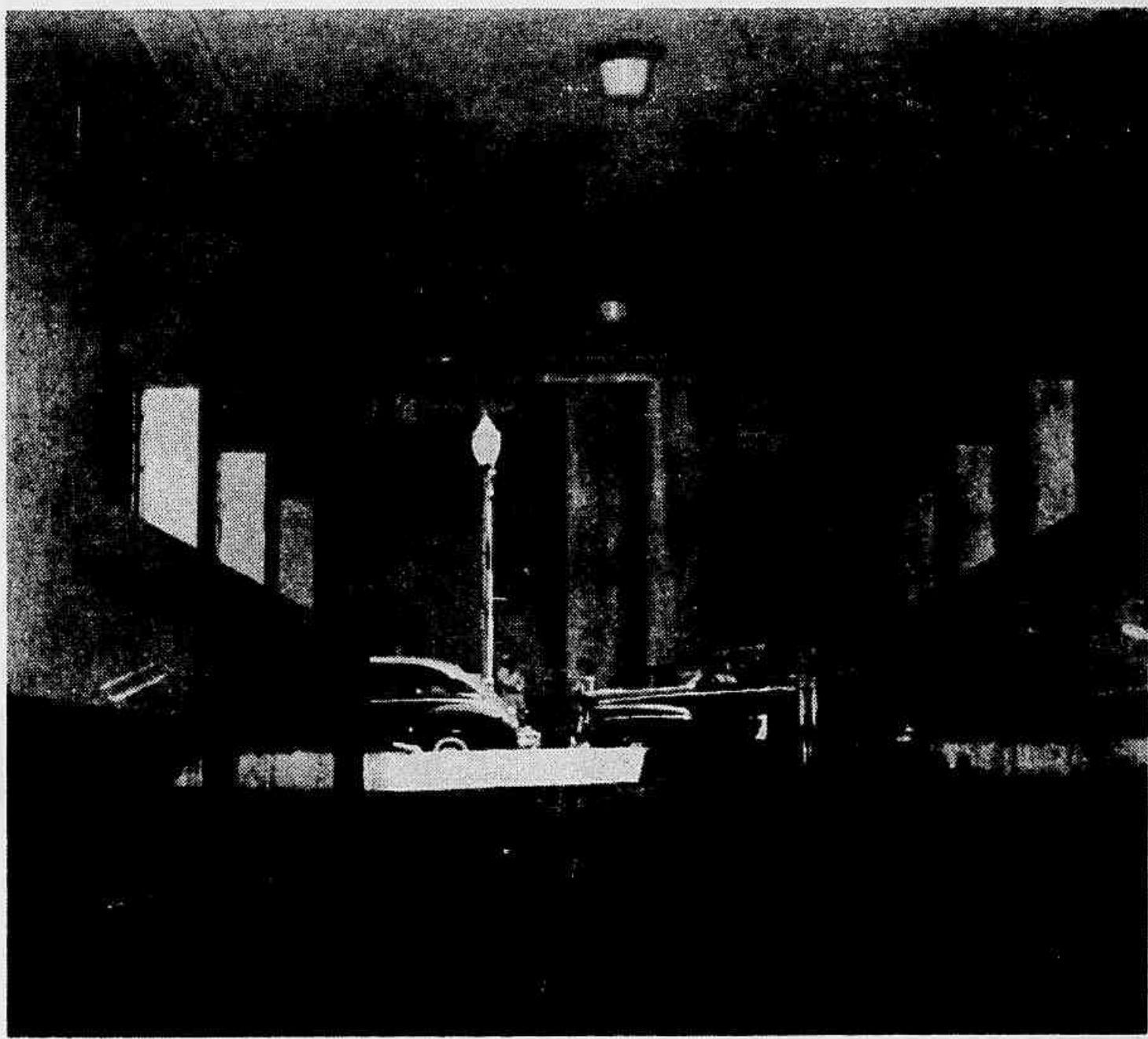
Uma opinião (ou um plano, vá lá): "Penso que a pluralidade institucional tem cabimento, não para repetir ação do Estado na mesma região, mas para retirar às autarquias da previdência a complexidade que as emperra e que provoca as aludidas restrições. A reforma deveria assim tratar, em instituições diferentes, cada ramo de atividade das seis autarquias existentes. Em princípio, sou pois favorável à dissociação de tratamento dos problemas do seguro social propriamente dito de assistência-médica, assim como de separação desses dois setores do de aplicação de reservas". E observa: "A mistura tem tumultuado e deturpado sobremaneira a vida das instituições da previdência social."

PLANO ÚNICO

O ministro procura demonstrar as vantagens da unificação, especialmente no tocante aos serviços médicos. Cita exemplos. No terreno administrativo, ela permitiria (palavras de F.N.) a uniformização dos benefícios de prestação desses serviços, evitando os critérios díspares existentes; notável compressão de despesas administrativas e gerais em face da unificação técnica e administrativa; possibilidade de levar os serviços-médicos a todos os recantos do País, conjugando o máximo de eficiência e o mínimo de despesas; "a caixa e os institutos, livres da preocupação dos serviços-médicos, se dedicariam às suas finalidades imediatas". No terreno financeiro, a reforma traria a uniformização do critério técnico de definição e fixação do conceito de invalidez e suas diversas modalidades, permitindo a confecção de tábuas de mortalidade, invalidez, morbidez e, de resto, alicerçar a mortalidade de inválidos em dados uniformemente colhidos e abrangendo uma coletividade de proporções vultosas; a elaboração de cálculos de taxas e determinação das funções biométricas definidoras da experiência nacional, base fundamental para estudos técnicos da verificação da estabilidade dos organismos seguradores; a prevenção pela assistência ao segurado ativo e ao inválido, com a diminuição e recuperação dos incapacitados, aliviando o ônus perma-



andar.



M.T.I.C. — Beco sem saída.



DISTÚRBIOS CONTRA TRANSPORTES — Salário mínimo, preços máximos.

nente dos institutos. Quanto aos proveitos médicos-sociais, resalta: "Prestação uniforme e equânime da assistência-médica a toda a massa segurada, indistintamente; aproveitamento racional do trabalho médico; aproveitamento total e uniforme da aparelhagem médica; expansão dos serviços de assistência que carecem os segurados de modo a reduzir os índices de mortalidade; maior utilização que a atual do trabalho humano, pelos recursos de que se poderia dispor em proveito da saúde do operário e da recuperação da sua capacidade de trabalho."

E mais adiante: "É óbvio que uma reforma da previdência social não poderia deixar de trazer um plano único de benefícios com a unidade de conceito de cada risco segurador e a igualdade de condições para a aquisição de direito ao benefício, ressalvado o tratamento especial a que têm direito os trabalhadores que operam em condições insalubres. Da presença do Estado no tratamento de problema de interesse geral para todas as populações não pode derivar solução instituidora de privilégios para algumas classes em detrimento de outras. O projeto da Lei Orgânica em tramitação no Senado prevê a extensão aos trabalhadores rurais e aos domésticos."

UM MINISTRO EM ITENS

Aqui vai um resumo de opiniões (e projetos) do ministro:

1 — "Assumindo o posto de ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, não me julgaria identificado com os altos compromissos que emanam dessa investidura se me concentrasse apenas nas tarefas próprias do setor que superintende os interesses da coletividade trabalhadora, afastando-me dos problemas que afetam a ordem econômica, na órbita em que as classes produtoras desempenham papel preponderante e que exigem de minha posição uma assistência irrecusável."

2 — "Estou identificado com as diretrizes do governo do sr. Juscelino Kubitschek."

3 — "Aos homens de empresa e aos trabalhadores, dirijo nesta oportunidade um apelo no sentido de que, compreendendo a delicadeza do instante presente, prestem sua colaboração ao governo e ao Ministério do Trabalho, facilitando-lhes a missão conciliadora."

Minha tarefa é aliviar tensões

4 — "Num clima de entendimentos sinceros entre os homens de trabalho, da indústria e do comércio, sem campo para a criação de estrutura econômica em base puramente conservadora alheia ao drama das classes operárias, nem para as soluções de êxito aparente, precipitadas pela mera ostentação de promessas difíceis de cumprir, será possível traçar, dentro da realidade social do País, esquema de programa fiel aos estilos do governo representativo."

5 — "Não tenho ilusões e afasto do pensamento as soluções quiméricas ou milagrosas."

6 — "Essas metas não serão alcançadas senão através de etapas sucessivas, concomitantemente com medidas imediatas que aperfeiçoem e dinamizem o sistema vigente."

7 — "A unificação dos serviços-médicos da previdência social, permitindo justa distribuição geográfica dos médicos e aparelhamento adequado dos serviços médico-assistenciais das zonas pobres, constitui a solução nacional e lógica do problema médico-social da previdência. É ademais a única maneira de pôr, continuamente, por todos os meios e métodos, medicina ao alcance de todos os segurados correspondendo, portanto, efetivamente, às suas exigências e preenchendo a verdadeira finalidade da previdência."

8 — "Unificar e uniformizar para melhor beneficiar", eis o lema.

9 — "Outras medidas de ordem administrativa vêm sendo adotadas a fim de situar os problemas da previdência dentro da realidade atual, bem como de proporcionar às instituições os meios materiais indispensáveis."

10 — "Estão sendo determinadas providências tendentes a efetuar, de maneira mais eficiente e objetiva, a cobrança das contribuições devidas às instituições de seguro social, eliminando-se quanto possível as imensas dívidas que lhes oneram a situação financeira." (Só a União deve à previdência social, quinze bilhões de cruzeiros).

11 — "A implantação de um sistema que possibilite o reajustamento dos benefícios concedidos, imperativo de justiça social que não pode sofrer maior retardamento, pois sinto perfeitamente as dificuldades com que lutam os aposentados e pensionistas, em geral em situação que lhes não permite valer-se de outros meios de subsistência. Asseguro que não descansarei enquanto não lhes minorar as dificuldades presentes."

12 — "Para os operários ativos, já se empenha o Ministério do Trabalho na revisão dos atuais níveis do salário-mínimo, de conformidade com os índices do custo de vida. Essa fixação será justa e criteriosa."

13 — "Os ideais políticos que me inspiram, ditados pelo grande Getúlio Vargas, e a liderança de João Goulart, presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, são responsáveis principais, pelo meu ingresso no Ministério, para onde não levei inclinações tendenciosas, que não possuo, nem sectarismos apaixonados, que não alimento."

14 — "Falar em reforma de bases e de estrutura da previdência e esquecer os malefícios da pluralidade institucional com a sequência de desperdícios e de mau emprego das despesas administrativas que ela enseja, não é racional."

A SAÍDA

A entrevista, que se realiza no gabinete do ministro, no 8.º andar (no 14.º está o gabinete do vice-presidente da República), chega então ao fim. Não sem que antes o sr. Fernando Nóbrega repise que "no setor da previdência o programa de ação contendo contribuições razoáveis sofre restrições ao peso das dificuldades financeiras que há anos se acumulam" e que "nada será conseguido sem um ambiente de mútuas transigências" entre empregados e patrões (ele não menciona transigências de parte do governo). "O importante", repete, "é o clima de legalidade, é a paz social."

Sim. Boas intenções. Bom começo. O caso, contudo, é ver como dêsses planos se sairá o ministro. Planos, no Ministério do Trabalho (que a 26 do corrente completa 28 anos de idade), já houve em profusão. Mas os seus idealizadores ou executores, também ministros, apenas — saíram.

Quanto vale a tradição?

TRADIÇÃO é experiência em forma de bons serviços.

É a dedicação e o empenho de uma equipe no cumprimento do dever. É, acima de tudo, o respeito honesto ao trabalho. Tudo isso, se acumulando por anos e anos, escreve um dia a palavra TRADIÇÃO.

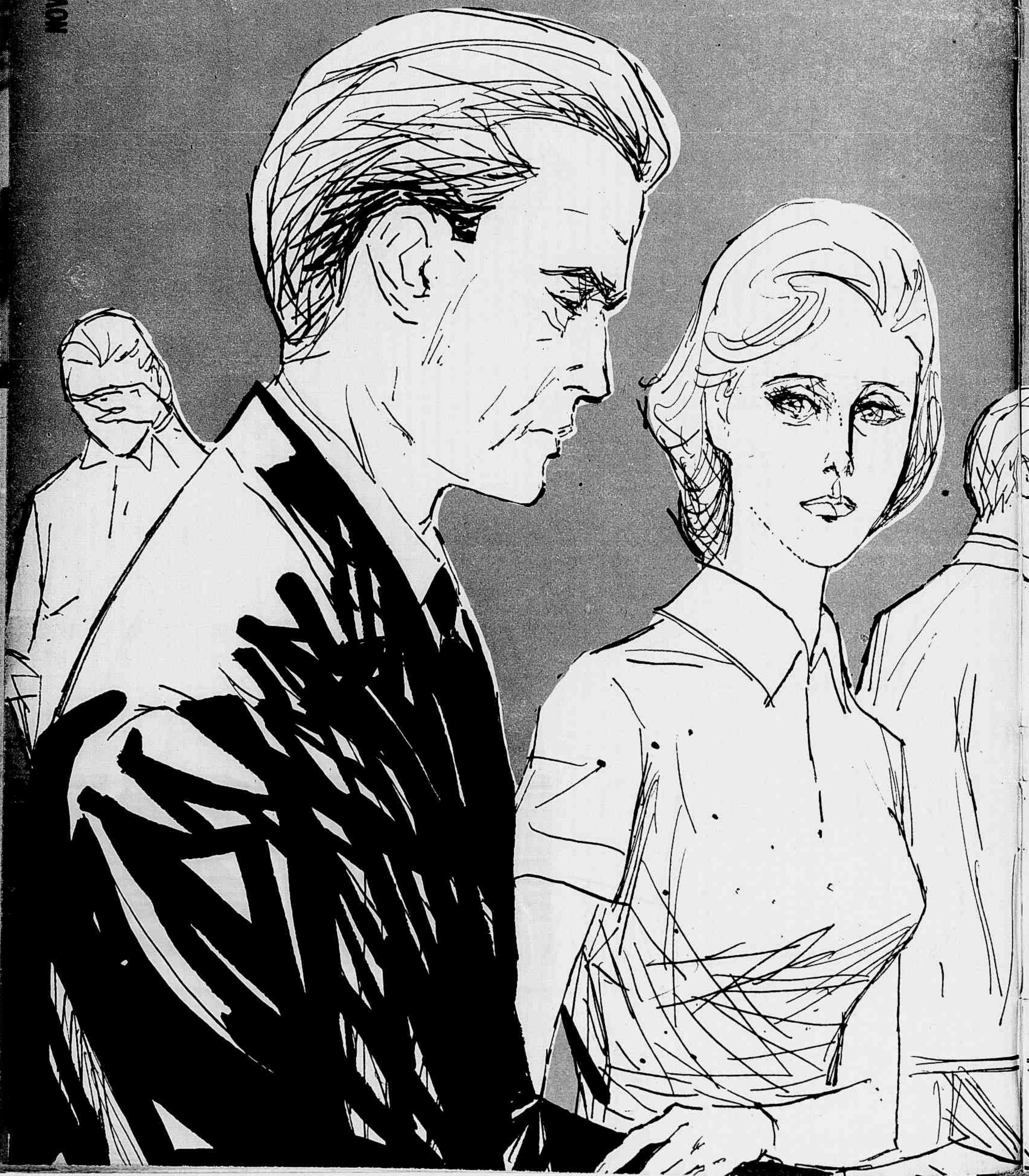
No transporte aéreo, TRADIÇÃO quer dizer CRUZEIRO DO SUL — a mais extensa rede aérea doméstica do mundo.

SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL

32 anos de experiência nos céus brasileiros.

OS GALHOS

NOVELA XV



DO CEDRO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD

LUIZ CANABRAYA

AGRAVOU-SE PRECIPITADAMENTE a enfermidade de Nabira, a ponto de os médicos julgarem inútil sua ida ao Rio. Estava debilitadíssima e com a pressão muito alta. Declarara-se a uremia.

Sérgio revoltado contra a própria impotência para salvá-la, parecia uma fera enjaulada. Andava bruto e agressivo, respondendo mal a todo mundo, culpando-se e aos parentes, pela incúria de não a terem levado de comêço, a uma cidade com mais recursos médicos. Mesmo Jasmina sofria-lhe o mau gênio e uma tarde êle lhe dissera com amargura, que ela havia trazido má sorte ao sobradão. A idéia magoou-a profundamente.

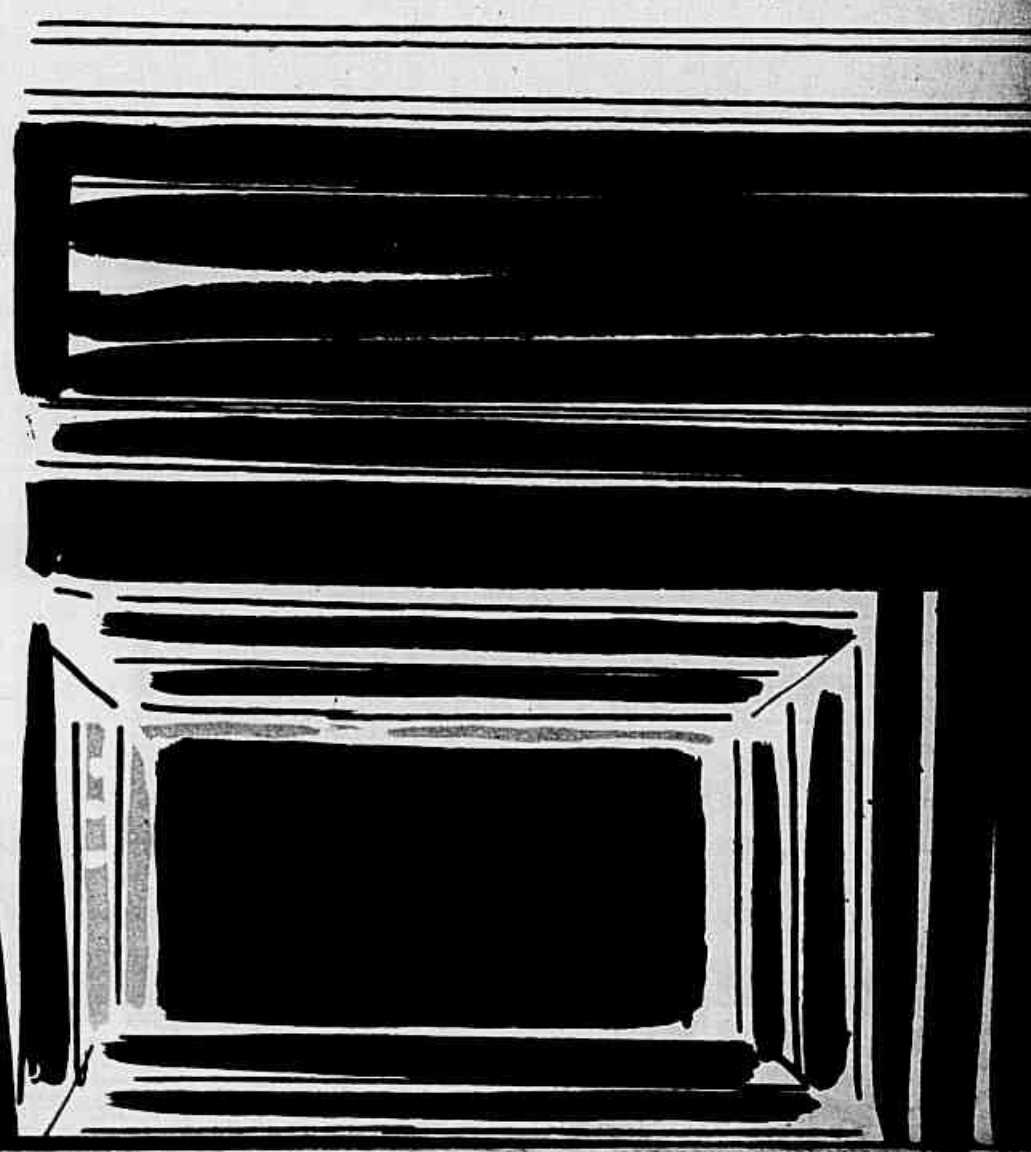
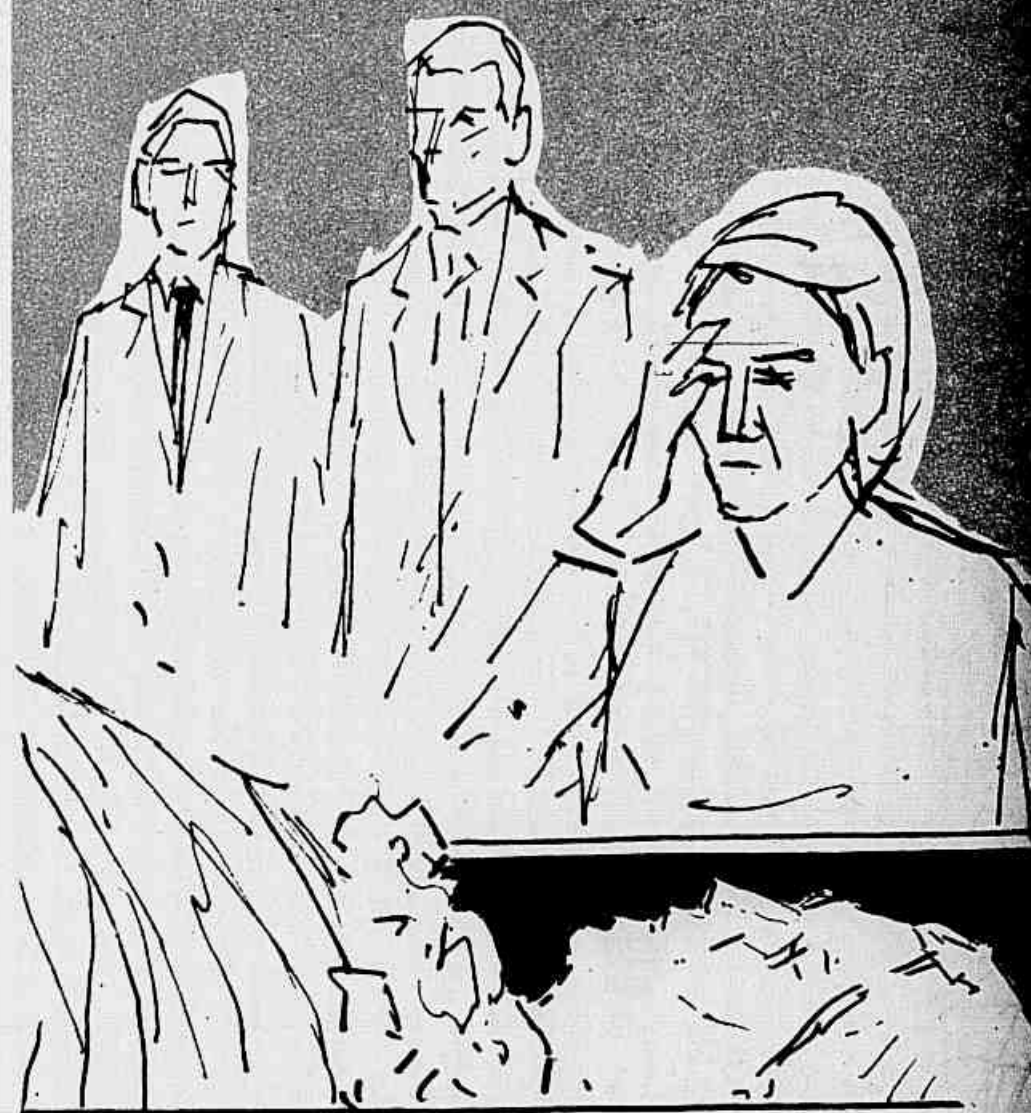
Era um rapaz acostumado com a felicidade. Jamais coisa alguma saíra ao contrário de seus desejos, jamais fizera concessões ou perdera uma batalha. A doença da avó, era sua primeira grande contrariedade.

Uma noite, não tolerando o quadro da velhinha parecendo cada vez mais fanada e encolhida no grande leito de jacarandá, a gemer baixinho ou a divagar em árabe, fugiu para a casa de Maria.

Ela recebeu-o humilde e pegajosa, insinuando-se, sensualmente, tentando arrastá-lo ao leito. Sérgio explodiu numa crise de asco de si mesmo, da vida, dominado, infantilmente, pelos remorsos e, numa injustiça, empurrou-a com violência. Disse-lhe que por sua culpa e de outras mulheres assim, não se tinha casado, há muito tempo, satisfazendo a avó e dando-lhe o bisneto pelo qual ansiara sempre. Por culpa dela, não se interessara em conquistar Jasmina para se casarem depressa, evitando a tragédia e enchendo de alegria o coração da heróica velhinha que, mourejando como um negro, erguera a firma comercial de onde escoava o dinheiro gasto por êle, com vagabundas.

Maria enfureceu-se, agatanhou-o, dizendo-lhe andar farta de suas grosserias, alternadas apenas pela indiferença. Saturara-se. Não queria mais vê-lo. Queria sòmente o dinheiro prometido e a casa garantida por mais alguns meses.

Sérgio jogou-lhe as cédulas grandes trazidas na carteira, comprometendo-se a lhe mandar o resto dos dez contos prometidos, depois. Saiu mais irritado do que viera, para rodar velozmente pela cidade sonolenta. Levava sob o ôlho esquerdo duas unhas de Maria. Entrou em casa às onze, encontrando o mesmo quadro desolador. Sâmia disse-lhe à entrada, com entonação trágica e teatral:



Jasmina não o perdia de vista. Apavorava-a a fixidez de ira a contrair-lhe a boca.

— SÉRGIO, vai te consolando porque "martame" não dura muito.

Olhou-a enraivecida:

— Você é uma ave agourenta.

Quando penetrou no quarto da avó, a família achava-se à sua cabeceira. Oscar, de propósito, no interesse de envenená-lo com a namorada e sabendo que Nabira não estava mais em condições de observar coisa alguma, comentou:

— Tua gata da Rua de S. Pantaleão te fez umas carícias violentas, puxa!

Sérgio não se dignou a responder, mas a frase cruel feriu Jasmina no âmago. Ela mirou o rosto do seu amor onde dois arranhões rubros, cercavam-se de manchas violáceas. Refletiu, desesperada e surpresa, no fato de o rapaz continuar freqüentando a casa da amante vulgar, apesar de amá-la. Afinal, ele não contestara a insinuação de Oscar. Seria um marido perigoso!

A noite arrastou-se longa e dolorosa. De madrugada pensaram que Nabira morreria. Chamaram os médicos para lhe darem ilusórias injeções. Sérgio odiava-os. Arrepiava-se quando as agulhas furavam a carne mole da velha.

As dez horas do dia seguinte, Nabira expirou. Gritos soaram na mansão secular, ecos de outros gritos penosos que certamente ali haviam ecoado, antes de a clã de sangue árabe vir habitá-la. A cozinheira teve um ataque histérico, fingido e exagerado. Berrava intermitentemente — Minha patroinha! Minha patroinha! As mulheres soluçavam, Abdo e Samir atracaram-se num interminável abraço. Oscar e Lino choravam como crianças. Sérgio não derramou uma lágrima nem se levantou de uma cadeira que levava para o fundo do quarto, desejando ficar o mais longe possível da anciã a sofrer. Mas, tôdas as consolações eram para ele. Georgette tentava tomar-lhe as mãos:

— Meu filhinho, ela tinha de morrer um dia. Não era eterna... morreu... bem velha... com mais de oitenta anos.

Jasmina não o perdia de vista. Apavorava-a a fixidez do olhar de Sarkis e o rito de ira a contrair-lhe a boca. Foi para junto dele, abraçando-o com a força de seus braços macios. Sérgio avisou-a num tom que não admitia réplica:

— Querendo ou não, você não volta para o Líbano. Vai ficar aqui, ouviu? Aqui e casa-se comigo, queira ou não queira. Enganamos a velha quando estava doente, coitadinha, mas morta eu não a enganarei. Nunca! Nunca! Você fica aqui e casa comigo de qualquer maneira.

Jasmina beijou-lhe uma das mãos:

— Sarkis, ficar é minha felicidade. Eu amo você muito que até me dói o coração. Ia embora de orgulho, pensava você não me querer. Agora eu sei que você me ama. Nós quisemos fugir do nosso amor mas ela não deixou, ela sabia mais que nós. Sarkis, je t'aime, je t'aime. Yaiune, habib...

Sérgio pareceu indiferente à ardente declaração. A dor de haver perdido a sua Rainha da Inglaterra, anulava-lhe as demais sensações. Levantou-se e disse-lhe entre dentes:

— Fomos umas bêstas. Se nos tivéssemos sujeitado logo ao seu capricho, quem sabe ela não teria querido sair naquela noite desgraçada. Quem quiser que tome providências, não quero saber de nada, nada. Não quero vê-la presa no caixão. Não quero ver um bando de gente que não a amava nem conhecia direito, chorando à sua volta. Não quero vê-la no caixão!

Atravessou lentamente o quarto da avó para ir refugiar-se no seu. Oscar reclamou:

— Deixa tudo nos nossos ombros!

Jasmina ia vê-lo cada cinco minutos, encontrando-o sempre impassível, imóvel, os olhos secos, a boca crispada. Numa das vezes Sérgio avisou-a:

— Diz para o pessoal que eu não admito que tirem fotografia do caixão. Não admito.

Quando Jasmina deu o recado, Oscar abespinhou-se:

— Sérgio sempre pensou que vó Nabira era só dele. Quer mandar mais do que papai ou tio Samir.

Georgette rogou:

— Não tirem retrato, não. Porque guardar a lembrança de um dia assim?

A escada do sobrado gemeu a tarde inteira, pisada por centenas de pés. Foi o seu castigo pelo fato de ter, traiçoeiramente, derubado Nabira, levando-a à morte.

A árabe mais velha da colônia, infalível nos enterros dos sírios e libaneses de S. Luís, lamentava-se aos gritos, em dorida cantoria, numa evocação das remotas carpideiras. Sérgio escutava do quarto, a irritante melopéia e num dos momentos em que Jasmina foi vê-lo, rogou-lhe:

— Manda a velha abuba calar senão eu fico maluco, vou lá e boto ela para fora.

— Sarkis, paciência. Yaiune, vovó non sofreu tanto na vida, non perdeu vovô Nassim, non sofreu tanto au Brasil? A primêrra vez que você sofre, se descontrola assim? Eu pense que vovó querria você perto dela, até o fim. Vamos Sarkis? Vamos yaiune?

Sérgio virou-se de braços apertando o travesseiro sobre a cabeça, tentando não ouvir, não ver, fugir do mundo e do momento cruciante.

Amortalharam a velha vinda do Líbano dos cedros eternos e das esplêndidas florações, em rosas vermelhas e angélicas-dobradas, quase que as únicas flores daquela S. Luís sem jardins e sem primavera.

Maria dos Remédios, embora sofrendo a tristeza do momento, sentia-se tal qual uma espectadora de teatro dramático, observando a fantástica emotividade dos árabes. Como eram unidos, sentimentais e sensíveis! Homens, não tendo laço algum de parentesco com a morta, deixavam as lágrimas correrem livres, sem pejo ou constrangimento.

Ao aproximar-se a hora do entêrro, Jasmina pediu a amiga para ajudá-la convencer Sérgio vir despedir-se da avó. Encontraram-na ainda de olhos secos e maxilares cerrados. Ele recordava ininterruptamente, sua vida ao lado da velha: vó Nabira curando-lhe os joelhos esfolados, vó Nabira dando-lhe dinheiro para cinema e papagaios, vó Nabira tentando convencê-lo a gostar de música árabe, vó Nabira aflitíssima porque ele tivera angina, vó Nabira à cabeceira da mesa, regendo orgulhos os almoços e jantares, vó Nabira contando "causos" com sua linguagem única, vó Nabira fingindo dormir, vó Nabira contente porque Jasmina e ele iriam casar-se, vó Nabira pavoneando-se em setins brilhantes e jóias exageradas, vó Nabira na armadura de gesso, vó Nabira fanando-se, fanando-se, vó Nabira dizendo — Sérge, riso de oce parece de mê marido. Nassim ria iguasino... Ou então, — Sérge, dá gole de "árake" pra ieu. Swisk num presta, é só bobage de sê bebida chic, porque é inglêsa...

As moças entraram no quarto. Jasmina sentou-se ao lado dele:

— Sarkis, vovó já vai. Vem dar um beijo nela, Sarkis, se non depois você fica mais triste. Viens cheri.

Remédios interferiu:

do olhar de Sarkis e o ritos



— Sérgio, algum dia na vida você fez um sacrifício por sua avó? Nunca! Duvido! Faça esse. Vá vê-la. Console-se sabendo que ela descansou de qualquer sofrimento e fadiga e não morreu porque a firma que ela fundou é o seu espírito, esta casa, é o seu espírito e o amor e a saudade da família não a deixarão morrer completamente. Não seja egoísta, Sérgio. Faça um sacrifício por sua avó.

Ele levantou-se e em silêncio foi até a sala do velório, abraçando Jasmina com uma força cruel. Parecia querer mostrar à velha, que ela os deixara indissolúvelmente unidos.

Ao vê-la serena, o rosto e as mãos emergindo das flores, sofreu menos do que esperava. Falou bem alto:

— Nossa Rainha não parece morta. Aposto que vai ficar por aqui nos manobrando, mexendo os paizinhos para os negócios da firma, que ela adorava, darem sempre certos. Vocês vão ver, ela vai tomar conta da gente, tratar da nossa felicidade. Rainha da Inglaterra, eu pensei que nem a morte pudesse com você!

Essas palavras incoerentes, provocaram lágrimas e receios. Lino bateu a ponta do índice na testa, significando que o irmão não estava muito certo. Georgette pediu para lhe darem Água Carmelitana.

Na ampla testa da morta, os beijos de despedida se sucediam. Mas, o de Sérgio foi em suas mãos ásperas de unhas cravadas nos dedos. Aquelas mãos retratavam a vida daquela mulher... Maltratadas pelo trabalho rude, ágeis em contar dinheiro, cariciosas para os seus descendentes... Aquelas mãos eram o seu símbolo.

Apenas quando os lábios de Sérgio tocaram os dedos frios do cadáver, ele chorou numa explosão violenta e tocante. Um homem chorando, tendo as espáduas largas, trêmulas de soluços, comove mais do que a morte fria e estática.

Jasmina trouxe reverentemente o cofre de lembranças para ser enterrado com a avó. Teria consigo, alguma coisa do marido, amado com a violência extraordinária de seu ardente coração.

Os filhos e netos, homens de seu sangue, por ela deixados em terras brasileiras, carregaram-lhe o caixão pela escada maligna que a derrubara.

Nabira se transformaria em pó, na terra maranhense. As esbeltas casuarinas do humilde cemitério de S. Luís pareciam cantar tristemente, harpas tangidas pelo vento eterno e mutável.

Sérgio pensou que se ainda nascessem cedros, plantaria um para sombrear o túmulo da Rainha. Mas, os cedros eram agora árvores praticamente estéreis. Nem no Líbano se reproduziam mais, assim como mulheres daquela têmpera não ressurgiriam. Iam desaparecendo, aos poucos, uma em S. Luís, outra no interior do Amazonas ou na Tijuca, na Austrália, em Nova Iorque e em S. Paulo...

Nabira morrera em S. Luís e no seu concorridíssimo enterro talvez houvesse ainda mais brasileiros do que libaneses e sírios. Figuras do governo e das finanças, levaram-lhe as últimas homenagens pelo que ela fôra e pelo que eram seus filhos e netos, trabalhadores indômitos que no grande Maranhão, plantaram numerosos núcleos de trabalho, concorrendo para o desenvolvimento econômico do Estado.

No Brasil inteiro, os sírios e libaneses trabalham e produzem. S. Paulo um dos maiores centros de emigração árabe internacional, deve à colônia rica e unida, criadora de inúmeras casas de caridade e de clubes sociais maravilhosos, grande parte do seu fabuloso adiantamento social-econômico. Na máquina de pro-

gresso que é o maior estado brasileiro, muitas engrenagens são movidas pelas mãos fortes e incansáveis dos árabes.

A família voltou para a casa tremendamente vazia, apesar dos numerosos amigos a acompanharem-na. Faltava vovó, faltava "martame", faltava a patroinha, faltava Dona Nabira...

Criadas passavam bandejas com café à moda árabe e à brasileira. A conversa corria mole, entremeada de soluços, cheia de "porquês" — porque não a levaram logo ao Rio? Porque Nabira não fizera um pedido, uma recomendação, fingindo ignorar a aproximação da morte? (Dissera apenas, quando estava relativamente forte, que se morresse, a firma seria a sua herdeira, pois pertencia a todos. Instintivamente sabia que quanto mais dinheiro se investisse numa organização comercial, mais possibilidades de lucros ela apresenta. Nada possuía em seu próprio nome e pouco lhe importava o fato de Yussef não herdar coisa alguma. Ele jamais pensara em vir ao Brasil, lutar com eles? Era um mole!) Por que levava aquela queda? Por que se fôra? Por que sempre rija e saudável, morrera tão depressa? — dos "porquês", o último era o mais freqüentemente repetido.

Sérgio disse com acentuada tristeza:

— Vó Nabira era forte na aparência, mas por dentro estava minada de tanta luta e trabalho. Depois, tinha a vaidade infantil de convencer a gente, que possuía uma saúde de ferro. Quando eu lhe pedia para se consultar, tomar umas vitaminas, ela caçoava de mim. Eu aconselhava vagamente, sem convicção. Como poderia adivinhar que atrás da cara corada e de sua disposição e agilidade, a morte esperasse uma brecha para entrar no seu corpo? Como?! Estava escrito, minha gente. "Maktube"... Estava escrito! As Rainhas também morrem.

Espantavam-se daquela pronta conformação. Julgaram-na mais difícil. É que Sérgio durante o enterro, buscara consolar-se, refletindo no fato de a avó ter vivido mais do que o comum dos mortais, não só no corpo, mas pelo espírito. Basta viver para não se morrer. Ela então que vivera intensamente, construíra muito, continuaria viva, na firma, no sobrado, no amor da família contente porque Jasmina e ele se casariam. Uma de suas filhas se chamaria Nabira. Revolta, ele não sentia mais. Só saudade, uma saudade louca! Até parecia que vó Nabira no seu incomensurável amor por ele, apressara-se a vir do além, onde apenas chegara, para confortá-lo e incutir-lhe na alma a resignação.

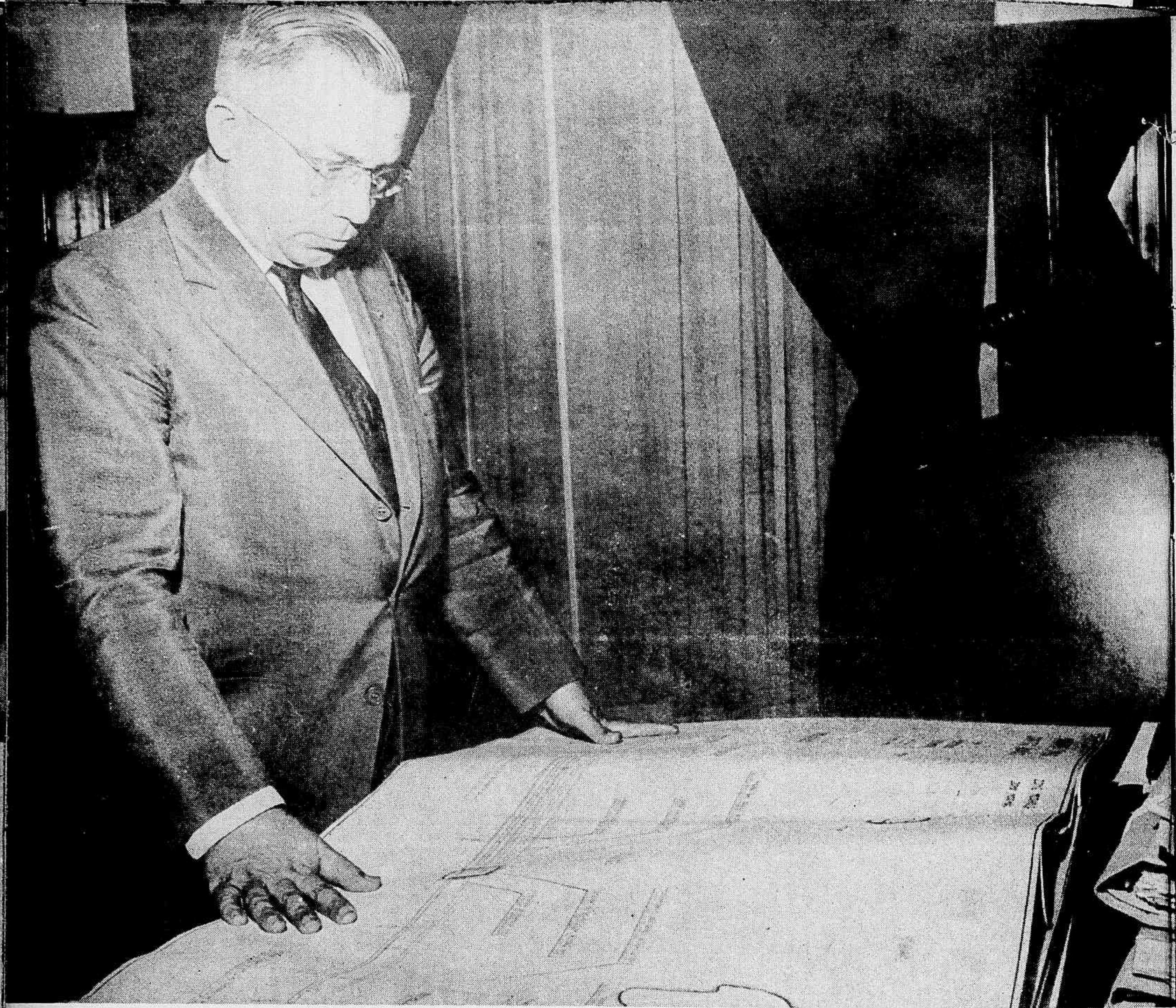
A família retinha insistentemente as visitas, com medo de ficar só, sem o derivativo das conversas. Cada um temia enfrentar a realidade de suas camas ou redes, onde a insônia os perseguiria. Mas, às onze horas tinham-se ido todos. Afastaram-se então para seus aposentos, sem ousar darem-se boa noite. Chorariam na certa.

Jasmina tomou o braço de Sérgio e levou-o ao seu quarto de cortinas de labirinto. Deu-lhe a carta da avó, trazida do Líbano como um documento de sua promessa em levá-la a Europa.

— Sarkis, eu trouxe essa carta de prova da promessa de vovó de me leva em Europe. Non querria ficar aqui nunca! Eu non conhecia você! Rasgue a carta, Sarkis. Eu precise dizer a você que non fico por sentimentalismo nem pela lembrança de vovó. Fico porque amo muito você.

Ele abraçou-a estreitamente, beijando-a, sem sensualidade, pela primeira vez. Guardou a carta no bolso:

(Continua)



Gilberto Canedo de Magalhães: "idéia do túnel tem 83 anos. Mas agora vai sair."

SAIU DO TRABALHO, cansado e segurando (pelo barbante) um pequeno embrulho amarelo. Era quase seis horas e ele já estava atrasado. Tomou um micro-ônibus, viajou em pé e saltou no ponto final: Praça 15. Passou por uma banca de jornais e antes de entrar na fila das barcas, comprou o seu. As sete e pouco, depois de ter lido tôdas as notícias nacionais (e as internacionais também) chegou sua vez. Não havia lugar para sentar-se; ficou na amurada a olhar para o mar, pensando em "como seria bom se houvesse um meio mais rápido de se chegar em casa". Meia hora depois, desembarcava em Niterói.

Todo dia era aquela pequena tragédia. A fila imensa, a viagem demorada. Mas, agora, tudo vai ser diferente. Desta vez, o Túnel Rio-Niterói vai sair. E os cariocas estarão na capital fluminense em 7 ou 8 minutos.

O edital de concorrência para as obras do túnel Rio-Niterói já foi publicado. E' o resultado de um trabalho longo e positivo, efetuado por uma comissão de três membros.

No ano de 1956, o então Ministro da Viação e Obras Públicas Lúcio Meira, autorizou a constituição de uma comissão, que iria supervisionar os trabalhos para a realização do túnel. Tal comissão era composta de três membros: um representante do Governo Federal (Sr. Gilberto Canedo de Magalhães), um representante do Estado do Rio de Janeiro, que inicialmente foi o sr. Saol Brand, substituído depois pelo Sr. Leo Ferraz Alves,

e um membro da Prefeitura do DF (ao início dos trabalhos o Sr. Paulo Marques de Azevedo, depois o Sr. Ulisses Hellmeister).

Iniciando os trabalhos, a comissão autorizou a publicação de um edital de concorrência para elaboração de estudos relativos ao projeto para a construção da obra. Após a realização dos estudos (que ficaram a cargo da firma francesa Études et Entreprises), a comissão providenciou o relatório do projeto, encaminhando-o, a seguir, ao Ministro Lúcio Meira para a decisão final. Há duas semanas o Ministro da Viação noticiava a publicação do edital de concorrência e, dias após, as firmas interessadas na construção do túnel já podiam armar os seus planos.

SAUDAÇÃO AO PASSADO

O Sr. Gilberto Canedo de Magalhães (Diretor do Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais e representante do Governo Federal) foi o presidente da comissão. Assim que os estudos foram encerrados pela firma francesa, levou-os ao Ministro da Viação. **REVISTA DA SEMANA** encontrou-o no Departamento, às voltas com mapas e relatórios sobre o túnel. Depois de inteirado dos motivos de nossa visita, disse-nos:

— Sempre que falo à imprensa sobre o túnel Rio-Niterói evoco a figura de um dos maiores engenheiros fluminenses. Lembro-me do professor J. Belfort Vieira, nome dos mais ilustres entre aqueles que militam na nossa profissão. O professor Belfort Vieira, com um acendrado amor ao seu Estado natal, dedicou-se com

LANÇADA A IDÉIA HÁ 83 ANOS SÓ EM 1962 SERÁ REALIDADE

ROBERTO QUINTAES

todo o brilho de sua inteligência a muitos dos mais importantes problemas da terra fluminense, destacando-se, entre eles, o da construção do pôrto de Niterói e o do túnel-ligação entre as duas cidades. O engenheiro Belfort Vieira era dos mais entusiastas da idéia de se construir um túnel-ligação, e, desde cedo, o problema se identificou comigo, levando-me à presidência da Comissão do Túnel Rio-Niterói, mesmo sabendo de toda a responsabilidade que caberia a essa Comissão, pois que de seus trabalhos resultariam os elementos que iriam permitir (pela primeira vez) a elaboração de um projeto efetivo para a construção da monumental obra.

IDÉIA DO TÚNEL TEM 83 ANOS

De longa data se vem cogitando de estabelecer um sistema de ligação entre Niterói e o Rio de Janeiro, seja por meio de uma ponte, seja através de um túnel submarino. Foram apresentadas, sucessivamente para o problema, várias soluções, de cujos projetos se pode dizer, com segurança, que não passavam de simples croquis (a afirmação é do Sr. Canedo de Magalhães), pois faltava-lhes o conhecimento de um fator essencialmente importante para a sua elaboração, qual seja a natureza do terreno do fundo submarino, tão necessário para o projeto de fundação das tôrres (no caso de construção da ponte), como, no caso do túnel, para a escolha de tipo de sua construção.

As primeiras notícias que se encontram sobre o problema dessa

ligação, datam de 1876, quando, em 4 de março, é concedido a Hamilton Landsay Bicknall o privilégio para a construção, uso e gozo de um túnel submarino ligando a Córte a Niterói. Não tendo sido levado a térmo o empreendimento, nem por isso ficou a idéia inteiramente afastada; em 1920, sob a administração do prefeito Carlos Sampaio, voltou o problema a ser cogitado, com a preferência, porém, para a construção de uma ponte, podendo ser destacados os projetos dos Srs. Engenheiro Melo Marques (apresentado em 1932) e Pedro Escofier (pouco tempo depois).

Já em 1934 revive novamente a idéia da construção do túnel, apresentada, desta vez, pelo Engenheiro Mário Crissiuma Paranhos, que solicitava a concessão, por um prazo de 60 anos, para uso e gozo da obra, a qual era proposta ser executada sem quaisquer ônus para o govêrno. Encaminhado o assunto ao Congresso Nacional, com vários e brilhantes Pareceres dos órgãos técnicos do Govêrno (e entre eles o Sr. Canedo de Magalhães cita o do seu departamento), resultou a expedição da Lei n.º 1783-A, de 26 de dezembro de 1952, que, muito judicialmente, mandou abrir concorrência pública para a execução dos estudos e elaboração do projeto que servirá de base à concessão para a construção e exploração de um túnel submarino entre as duas cidades.

— Finalmente, íamos contar com elementos necessários e imprescindíveis para se enfrentar (com seriedade) a realização de uma obra de importância — é o desabafo do Sr. Canedo de Magalhães.



Ministro Lúcio Meira: responsável pelo impulso que tomou a iniciativa, ultimamente.

TÚNEL E NÃO PONTE

Afirmou à REVISTA DA SEMANA o Sr. Canedo de Magalhães que muitas pessoas lhe têm inquirido sobre a preferência do túnel submarino. Algumas delas pensam que a ponte seria mais prática e econômica, o que é errado.

Ele explica porque:

— A altura dos mastros dos navios é, em média, muito alta. Algumas embarcações chegam a ter 70 metros, o que fez com que pensássemos em pontes demasiado altas, pois nos baseamos no caso da Ponte São Francisco-Okland, que tem altura superior a 66 metros. O porto do Rio de Janeiro é um dos mais movimentados do mundo e, por isso, teríamos de erguer uma ponte bem

elevada, visto que aqui transitam os maiores navios de turismo, imensos petroleiros e navios cargueiros. No entanto, com a construção do Aeroporto de Santos Dumont, ocorreu a portaria de proteção respectiva àquele local. Sendo assim, só seria possível a construção da ponte em locais bem afastados do centro urbano, o que deixaria de interessar ao transporte das populações das duas cidades.

Acrescentando, afirmou o Diretor do Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais que também sob o aspecto técnico a construção da ponte oferece garantias e condições muito mais difíceis que a de um túnel, pois a fundação de seus pilares teria de atingir a profundidade superior a 40 metros. A par de todas essas dificuldades, pensou-se, definitivamente, na construção do túnel, ainda mais porque o terreno é propício a esse tipo de obra.

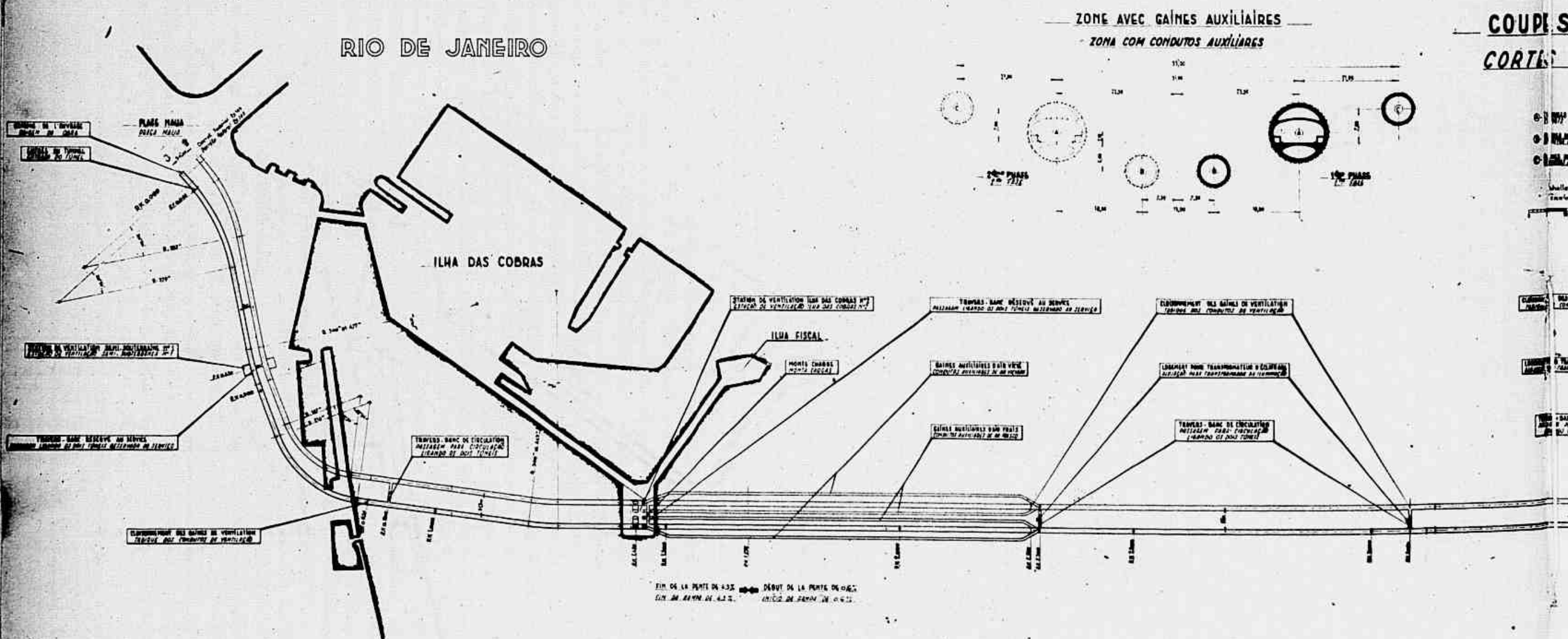
OS PROJETOS

O Sr. Canedo de Magalhães prossegue, enquanto exhibe os decretos e projetos relativos ao túnel:

— Alguns decretos possuem grande importância na história da obra, tais como o 1.783-A, que autorizava o Governo Federal a abrir um crédito especial de 8 milhões de cruzeiros para pagamento dos estudos que seriam realizados para construção do túnel; o 36.602, de 16 de dezembro de 1954, dando abertura ao crédito solicitado pelo decreto anterior, além do decreto-portaria n.º 107 (28 de janeiro de 1955), pelo qual o Ministro da Viação criou a Comissão do Túnel Rio-Niterói, iniciando-se os trabalhos já previstos.

Após o estudo dos elementos básicos do problema, foi redigido o edital de concorrência (publicado no "Diário Oficial" de 21 de março de 1955), ao mesmo tempo que, em vista da importância da obra, era enviada cópia desse edital aos Conselheiros Comerciais das embaixadas da França, Bélgica, Alemanha, Holanda, Estados Unidos e Japão, solicitando-se a divulgação do mesmo nos respectivos países, entre as firmas interessadas no assunto. Sete firmas apresentaram propostas, havendo a Comissão classificado (em primeiro lugar) a da firma Études et Entreprises, de Paris, com quem foi lavrado em dezembro de 1955 o necessário termo de Contrato, para execução dos estudos e elaboração do projeto para a construção do túnel submarino.

Iniciados os trabalhos contratuais, foram apresentados pela firma escolhida, em junho de 56, os primeiros croquis para o tra-



Traçado geral do anteprojeto do túnel rodoviário submarino, ligando as cidades do Rio

gado do túnel, levando-se em conta a urbanização da Praça Mauá, o traçado da Avenida Perimetral, o movimento de aviões no aeroporto Santos Dumont, as exigências de ventilação do túnel e as declividades máximas fixadas, de modo a, escolhida essa posição, poderem ser iniciados os estudos geológicos necessários a verificação da estrutura do fundo da baía de Guanabara, no trecho considerado. Foram também levados em conta os dados estatísticos referentes ao tráfego de passageiros e veículos entre as duas cidades consideradas, com base em elementos oficiais, de modo a poder ser previsto o movimento a que o túnel R-N terá de atender e, conseqüentemente, que recursos poderão advir de sua utilização, pois daí decorrerá a possibilidade econômica da obra.

Havendo sido determinada pela Prefeitura do DF a saída do túnel, no Rio de Janeiro, por sob o morro de São Bento e diretamente na Praça Mauá, foi mantido esse ponto como de passagem obrigatória, tendo sido escolhido o atêrro a ser realizado em frente à Praia Grande (e no Prolongamento da Av. Feliciano Sodré) como local de saída em Niterói.

O TÚNEL

Pela extensão do túnel tornar-se-á necessário a implantação de quatro estações de ventilação, duas das quais deverão ser localizadas próximo às saídas do túnel. As duas estações centrais deverão ficar, uma entre as ilhas Fiscal e das Cobras, outra mais para Niterói. O túnel R-N compreende dois tubos paralelos, onde, em cada um, se inscreverá uma seção útil de circulação, com uma faixa de rolamento de 7,50 m e uma altura de 4,95 m. Dêse modo, na faixa de rolamento prevista poderão circular duas filas de veículos (dirigidos ou não no mesmo sentido), sendo idéia inicial utilizar-se os tubos assim: um para atender aos veículos que trafeguem na direção Rio-Niterói, outro para os que vêm ao Rio.

Embora apresentando percursos distintos, os dois tubos se juntam nas saídas, no lado do Rio e de Niterói.

Partindo do RJ apresenta uma declividade de 4,5% desde o km 1,676, continuando no mesmo sentido, com uma declividade de 0,6%, atingindo-se nesse último ponto a profundidade de 88 metros. Daí, o túnel ascende no sentido de Niterói, apresentando uma declividade de 4,5% até atingir o km 6,105.

O túnel Rio-Niterói apresentará uma extensão total de 6.105 kms havendo uma área útil, na seção padrão do túnel, de 44 m2. Além do túnel propriamente dito, a obra constará de:

1. Quatro estações de bombeamento, para o esgotamento das águas de infiltração (pelas paredes do túnel, pelas chaminés de ventilação e pela própria pista de rolamento);

2. Quatro estações de ventilação, sendo duas secundárias, estabelecidas de um lado e outro do túnel, junto à costa, e duas principais, no intervalo médio do túnel e que serão fundadas em verdadeiras ilhas artificiais;

3. Quatro passagens transversais, de serviço, unindo os dois tubos e permitindo, em caso de acidente, desviar o tráfego de um para outro tubo;

4. Edifícios para a produção de energia, trabalhos de conservação e operação do túnel, bem como para cobrança de pedágio.

O orçamento geral da obra foi calculado em 5.502 bilhões de cruzeiros; há esperanças, também, de que a obra termine num prazo de 3 anos.

ILUMINAÇÃO

No estudo da iluminação artificial no interior do túnel, foram consideradas três condições de luminosidade natural no exterior, como sejam: sol brilhante, dia sombrio e noite, tendo, para cada caso, sido previstas zonas de transição, de maneira a obter-se a acomodação visual gradativa, partindo de 2.000 lux até o limite de 30 lux, que é o geralmente adotado, como mínimo nas obras desse gênero.

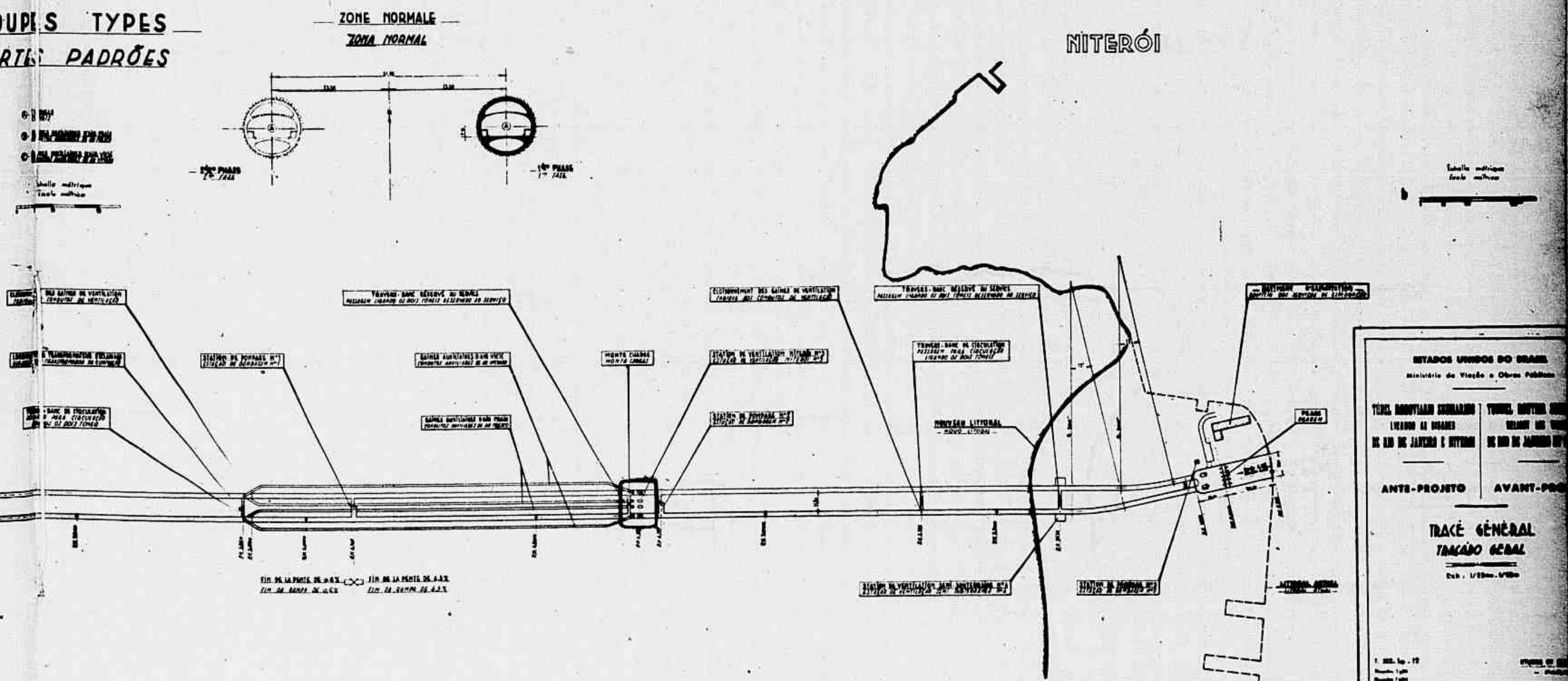
Dispositivos de segurança permitirão uma alimentação contínua das lâmpadas através de energia fornecida por meio de baterias de 125 volts, na eventualidade de interrupção das fontes normais de suprimento de energia elétrica.

INSONORIZAÇÃO

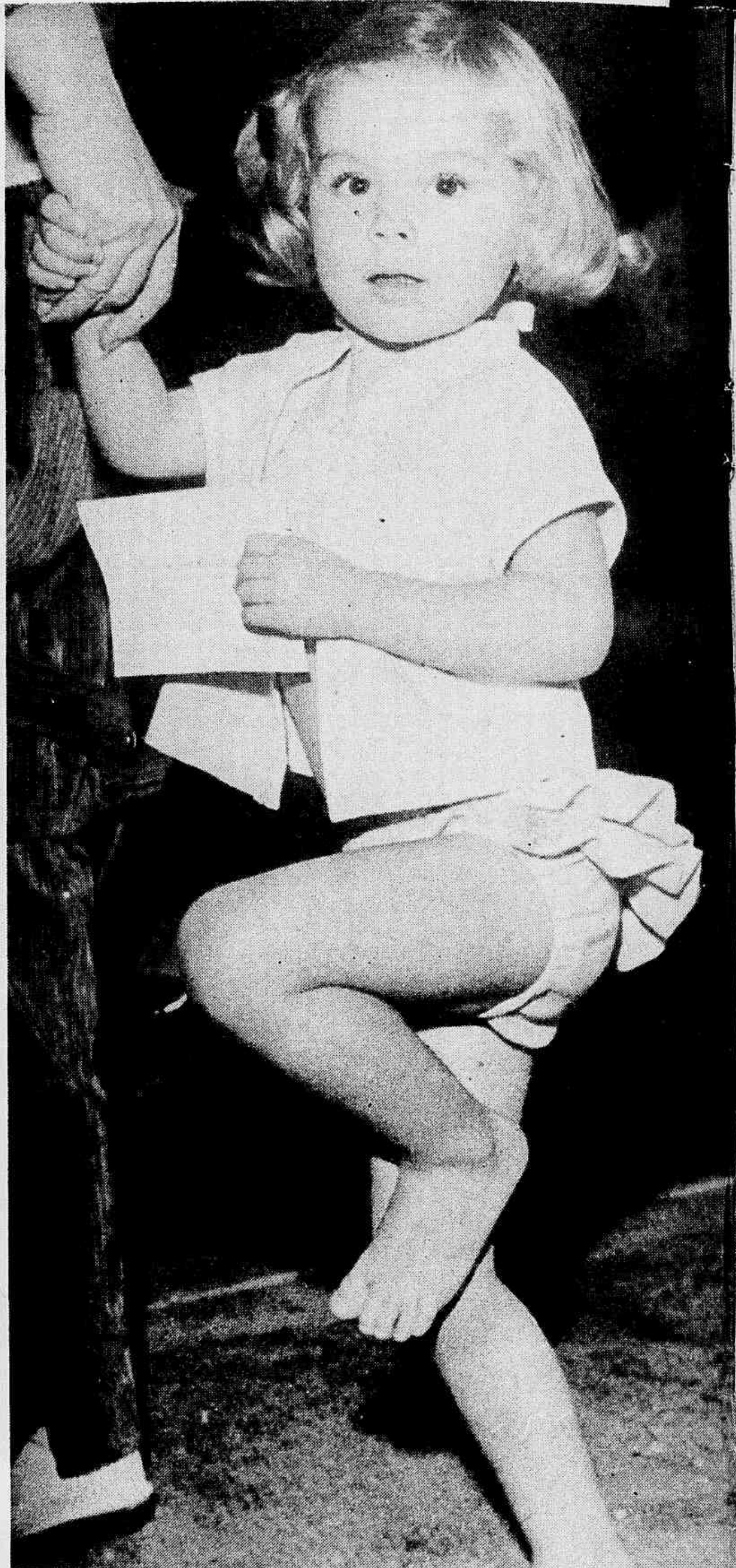
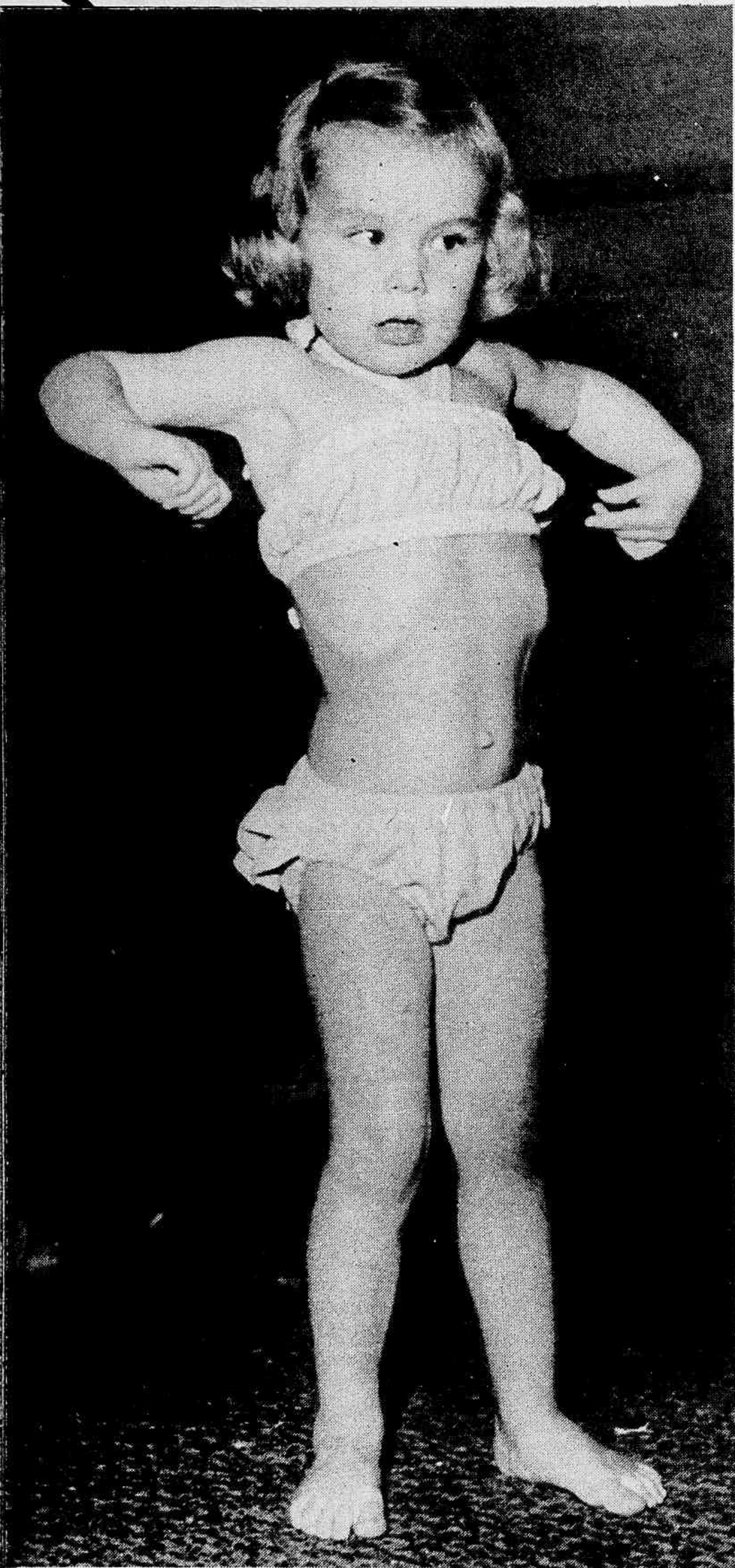
O Túnel Rio-Niterói apresentará uma novidade: **insonorização**. Disse-nos o Sr. Canedo de Magalhães que o problema do ruído é muito importante, tendo, por isso, merecido atenções especiais.

Os inconvenientes da ressonância resultante da movimentação de veículos no túnel serão eliminados por meio de corpos vasados especiais colocados nas paredes e abóbada da seção útil do túnel, os quais terão a finalidade de absorver os veículos e os ruídos. A técnica empregada é considerada, em outras obras da mesma espécie, como das mais satisfatórias, obtendo-se uma insonorização completa, não se ouvindo nenhum ruído de um veículo que esteja a 200 metros de distância.

GRUPES TYPES ARTES PADRÕES



o Rio e de Niterói. A esquerda, a praça Mauá, onde tem origem a obra e a entrada do túnel.



MINÚSCULOS MANEQUINS
APRESENTAM
MODA INFANTIL

FEMININAS

VOCÊS TÊM QUASE TÔDAS UM PONTO FRACO

NINGUÉM É PERFEITO e vocês têm aqui tôdas um ponto fraco: unhas que se partem, uma pele um pouco áspera ou simplesmente uma tez demasiadamente opaca, em sua opinião. Você é jovem e tudo isto não é grave mas é preciso corrigir desde agora; o tempo não arranjará nada, se você não tomar o mais cedo possível resoluções enérgicas. Elas são aliás muito fáceis de manter: basta modificar ligeiramente sua alimentação insistindo nesse ou naquele ponto. Nós indicamos para cada caso uma variedade muito grande de alimentos: poderá pois escolher exatamente o que lhe convém sem ser obrigada a comer o que não gosta.

NA MAIORIA DAS FAMÍLIAS, foi compreendida enfim e admitida a necessidade de vigiar o regime alimentar dos bebês, regime do qual não se poderia afastar sem graves inconvenientes. Aliás o bebê, muito frágil, reage imediatamente contra qualquer erro e faz voltar assim ao caminho reto aqueles que têm o encargo de alimentá-lo. Mas à medida que a criança cresce, as reações fazem-se menos imediatas e seu regime torna-se menos fácil de equili-

brar. Por isto vemos muitos adolescentes submetidos a alimentações que não correspondem às suas necessidades.

PARA UMA MOCINHA, o período decisivo situa-se entre 13 e 18 anos: segundo suas necessidades nutritivas haja sido satisfeitas ou não, a jovem será bem lançada, esbelta e dinâmica, ou já curvada (não são os "fica direita" reiterados que arranjarão grande coisa) empapuçada de celulite ou já vítima de distúrbio nervoso. A carência de algumas miligramas de ferro, de iodo, de cálcio, a falta de vitaminas, repetidas todos os dias, poderão ter desastrosas consequências, tanto mais que nessa idade, as causas de desequilíbrio são numerosas: as jovens atravessam um período de formação física e moral que pode privá-las de apetite, ou, ao contrário, levá-las a absorverem sem discernimento exageradas quantidades de alimento. Depois disso, a preocupação do talhe esbelto e das pernas finas, a constante obsessão "da linha" reaparecendo elas se entregam a regimes para emagrecer particularmente arriscados nessa idade.



◆ **NO SALÃO** da infância, inaugurado em Paris, minúsculos manequins exibiram as novas criações de moda infantil. Ao lado, Marie-José, de 17 meses, apresenta um conjunto para praia em algodão estampado; Gaële, 2 anos, exibe vestidinho curto com enfeites de renda; na página à esquerda, Frédérique traja conjunto para banho de mar, duas peças; e, o mesmo conjunto com casaquinho cor de rosa em algodão.

CRÔNICA DE LIVROS

ADEUS, LIVRO ESTRANGEIRO

FUI OUTRO DIA à Livraria Leonardo da Vince, para encomendar — ingênuo que sou! — a obra do recentemente falecido Max J. Friedlander sobre a antiga pintura flamenga, Altniederlandische Malerei — 14 cartapácios indispensáveis a quem deseja conhecer, do ponto de vista da história da pintura, o século XV em Flandres e, de modo geral, nos Países-Baixos. A coisa teria de vir da Holanda e da Alemanha, e julgava eu que me sairia aí por uns dez ou doze mil cruzeiros, que eu não possuo, mas que cavarla em tempo; afinal, tenho (ou tinha) necessidade dos livros mencionados, que me servirão para estabelecer os liames que unem certo tipo de pintura religiosa ainda hoje encontrável, nas velhas igrejas de Pernambuco e da Paraíba, com a pintura portuguesa e com a flamenga. Disse servirão, mas creio que deveria ter dito serviriam, pois a dona da livraria, desencorajando-me de vez, afirmou — e eu logo cri — que a coleção certamente iria ficar por mais de dez vezes o preço que eu imaginava, em vista da última portaria baixada pelos gênios do Banco do Brasil, no que diz respeito a importação de livros. Citou-me até o exemplo de velho professor universitário, que encomendou — sem lhe saber o preço — a obra do erudito (e chatíssimo) Mommsen sobre Inscrições Romanas, vindo depois a saber, com os livros já no balcão, que o preço era apenas de 280 mil cruzeiros...

Aí, não se pode mais comprar livro estrangeiro: outro dia adquiri um livrinho magro, esmirrado, sobre La Jeune École de Paris — coisinha de nada, umas trinta pagininhas, uma porcaria de livro — pela importância de 300 cruzeiros. Pode agüentar, um cristão alfabetizado? E o caso, que já é ruim para quem lida com literatura e com o mundo das idéias, torna-se pior quando se tem de tratar com artes visuais, de que não possuímos edições, nem boas, nem más. Quem não tem Henry Miller caça com Magalhães Júnior, mas como fazer, no que se refere à pintura e aos pintores, sem recorrer às grandes casas editôras da Europa e da América do Norte?

E' verdade que o senhor Nelson Werneck Sodré, em sua fabulosa coluna de Última Hora, aplaudiu a diminuição de livros estrangeiros no mercado nacional, afirmando que é bom, até, que entrem menos livros de fora no Brasil — para que os brasileiros se moldem uma mentalidade autônoma, própria, peculiar...

Assim sendo, e na esperança de que também eu possa adquirir-me, um dia, uma mentalidade tipicamente brasileira, sem nada dever aos antipáticos estrangeiros, deixo de lado os livros importados, e passo, com fé e orgulho, a ler o que escreve diariamente o senhor Sodré. Abaixo o livro da estranja! A burrice é nossa!

ROTEIRO DOS LIVROS

MAURO MOTA: Paisagem das Sêcas (M. E. C., Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, 1958. 156 p. Capa de Lula Cardoso Ayres) — O presente volume é o desenvolvimento de uma exposição levada a efeito por Mauro Mota, perante estagiários do Curso do Estado Maior e Comando das Forças Armadas, em agosto do ano passado, e constitui exame minucioso e profundo do fenômeno das sêcas, com todas as suas consequências sociais: banditismo, fanatismo religioso, fome, pauperismo. Todo o livro, de resto, pode ser resumido na frase que o inicia, quando o autor afirma que nele irá tratar de "as condições da população nordestina, particularmente a sertaneja, em face das hostilidades da natureza e das medidas para atenuá-las". E' um bom estudo, e estudo que se lê com agrado e proveito; nele, o poeta de "As Elegias" mostra que o drama dos sertanejos nordestinos — que tão de perto pode sentir, como habitante do Recife —, não o deixou indiferente. Cumpre realçar algumas fotografias reproduzidas na obra — documentos trágicos, da maior importância humana, e que são como uma crítica muda, mas terrível, a todos os governos brasileiros que passaram pelo poder, sem se lembrar de amenizar as consequências das sêcas.

A. DA SILVA MELLO: Panoramas da América Latina (Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1958. 264 p.) — Esse livro nasceu de uma viagem aos Estados Unidos, levada a efeito pelo autor em 1952 — e será continuado justamente por duas obras sobre os Estados Unidos: *Panoramas Norte-Americanos* e *Os Estados Unidos da América: Prós e Contras*. O volume em análise traz as impressões — ligeiras, umas, outras mais profundas, todas interessantes todavia — de Silva Mello sobre diversos países latino-americanos de fala espanhola: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Panamá e México. O mesmo estilo fluente do autor de *Alimentação, Instituto e Cultura* é aqui encontrado.

HARRY LAUS: Os Inocentes (Livraria São José. Rio de Janeiro, 1958. 195 p. Capa de Luiz Canabrava) — Eis o primeiro livro de contos do autor, que sem embargo vem publicando com assiduidade suas obras em jornais e suplementos literários da cidade. Os contos de Henry Laus, como explica na *Apresentação* Renard Perez, são divididos em três partes, na primeira aparecendo os trabalhos mais recentes — entre eles *As Horas de Zenão das Chagas*, talvez o melhor —, na segunda peças subordinadas a um só tema: a Morte, e afinal na terceira, contos que têm como fonte de motivação ou



Padre Antônio Vieira.

como cenário a vida militar (H. L. é capitão do Exército). Não há dúvidas de que Laus sabe como desenvolver narrativas, e mais: sabe empregar, no tempo certo, o vocábulo exato para caracterizar um estado ou uma circunstância. Por tudo isso seu volume de estréia sobressai dentre os últimos que temos recebido, para registro, nessas mesmas páginas.

PE. ANTÔNIO VIEIRA: Sermões (Progresso Editôra, São Paulo, 1958. 447 p.) — Eis o décimo segundo volume dos *Sermões* de Vieira. — que a Progresso vem apresentando em edições mensais de grande interesse cultural.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

ARTISTAS PERNAMBUCANOS (Cabanga Iate Clube, do Recife) — O êxito dessa coletiva, levada a efeito pelo senhor Fernando Rodrigues, comodoro do Cabanga Iate Clube do Recife, pode ser avaliado pelo fato de já dois convites lhe terem sido endereçados, no sentido de que seja repetida fora de Recife: em Santos, pelo Clube de Arte local, e em Washington, na União Pan-americana. A mostra é retrospectiva, apresentando a arte dos pintores, escultores, gravadores e desenhistas pernambucanos dos últimos anos. Alguns dos nomes mais em evidência das artes visuais brasileiras contemporâneas — Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, Darel, Vicente do Rego Monteiro, Augusto Rodrigues, etc. — acham-se representados na exposição do Cabanga, ao lado de artistas mais moços, porém já consagrados, como Aloísio Magalhães, por exemplo, ou Ivan Carneiro.

ARTISTAS ARGENTINOS (Escolinha de Arte do Brasil, desde 17) — Nove artistas-pintores da Argentina, praticamente todos não-figurativos, apresentam-se na Escolinha de Arte do Brasil, sob o patrocínio da Embaixada Argentina, e os auspícios do ARCO. O mais notável destes pintores é Del Prete, grande prêmio na EXPO 58, de Bruxelas. Acompanhou a mostra a sra. Martha Eidrin.

CARLOS MAGANO (Ginástico Português) — Eis um artista que a cada dia consegue subir, em sua carreira. Suas obras atuais muito ganharam em cor, e mantêm a composição sóbria e digna que o artista sabe lhes dar. A temática é constante: fachadas, sobrados, casario, tudo numa técnica e segundo uma concepção que bem atestam a presença, inegável em Magano, de um muralista.

JACINTO DE MORAES (Instituto Brasil-Estados Unidos) — Este pintor apresenta um grupo de óleos no Brasil-Estados Unidos, óleos em que sua arte se evidencia depurada de superfluidades, boa de cor e de matéria, de composição e de nível estético, em suma, bastante convincente.

AGUINALDO DOS SANTOS (Gea, até fim do mês) — Aguinaldo até bem pouco trabalhava para Mário Cravo, de quem se separou para formar seu próprio *atelier*. É artista que segue as tendências características de sua raça negra, e em suas esculturas consagra as formas tradicionais da arte afro-brasileira: Oxossis, Oguns, etc. Suas peças têm particular encanto, e conseguem agradar a leigos e a entendidos, não só pela ciência escultórica que nelas demonstra o artista, como pela poesia ingênua que parecem emanar. Talvez por isso Aguinaldo venda tanto, sempre que vem ao Rio de Janeiro — por isso, e porque indiscutivelmente cobra bem pouco pelo que faz, por vezes se injustificando.

MARCELLO GRASSMANN (Gea, até fim do mês) — Arte estranha, a desse Marcello Grassmann, senhor de uma técnica muito boa, que lhe permite fazer, do traço, o que quiser: apresenta-se, ele, aos bons artistas *fantasmagóricos* — que em todos os tempos existiram: Bosch, Bruegel, Grünewald, Arcimboldo, Leonardo por vezes, Goya, Blake... a lista não acabaria tão cedo. A visão de Grassmann se apodera dos seres e das coisas e as transforma em monstros compostos, uns, em mecanismos com vida autônoma, outras, em seres que participam de duas naturezas. Seria interessante averiguar.

na arte de Grassmann, o que é típico, dele próprio, Grassmann, e o que herdou daqueles grandes criadores. Pois o desenhista de S. Paulo não é, evidentemente, um criador, mas um continuador, embora de alta classe. Outra questão é saber se comporta, nossa era, um Jheronimus Bosch nacional. De qualquer modo, a arte de Grassmann possui alto nível, e exposição como a sua não se vê todos os dias.

ALUNOS DE HENRIQUE CAVALLEIRO (Escola Nacional de Belas Artes, desde 17) — Os alunos do professor Cavalleiro na Escola de Belas Artes realizam sua mostra anual.



ARTISTAS ARGENTINOS (Escolinha de Arte do Brasil, desde 17 de novembro) — sob os auspícios da ARCO, a senhora Martha Eidrin exhibe, no Brasil, 36 quadros de nove artistas argentinos contemporâneos, entre eles Del Prete, contemplado na última grande exposição internacional, a de Bruxelas recém-terminada. Quase todos os artistas praticam uma arte da qual a figura foi escoimada. Chab, Yente, Agüero Testa, Peluffo, Forte, Yadviga e Pierri além do já mencionado Juan Del Prete, atestam, através da presente coletiva, a vitalidade da arte argentina contemporânea. A foto mostra uma das obras da pintora Marta Peluffo: Pintura (1957).

CRÔNICA DE ARTE

DACOSTA E A NOVACAP

A QUESTÃO PODE ser resumida em poucas frases: a Novacap, através de seu presidente, Israel Pinheiro, encarregou os críticos de arte Mário Pedrosa e Flávio de Aquino de adquirirem obras de arte para Brasília, o que os mencionados senhores fizeram. Não havendo qualquer indicação quanto ao número de obras a serem adquiridas, Mário e Flávio compraram tantas quantas lhes pareceram necessárias. De Milton Dacosta, por exemplo, foram compradas três, pela importância de cento e noventa mil cruzeiros.

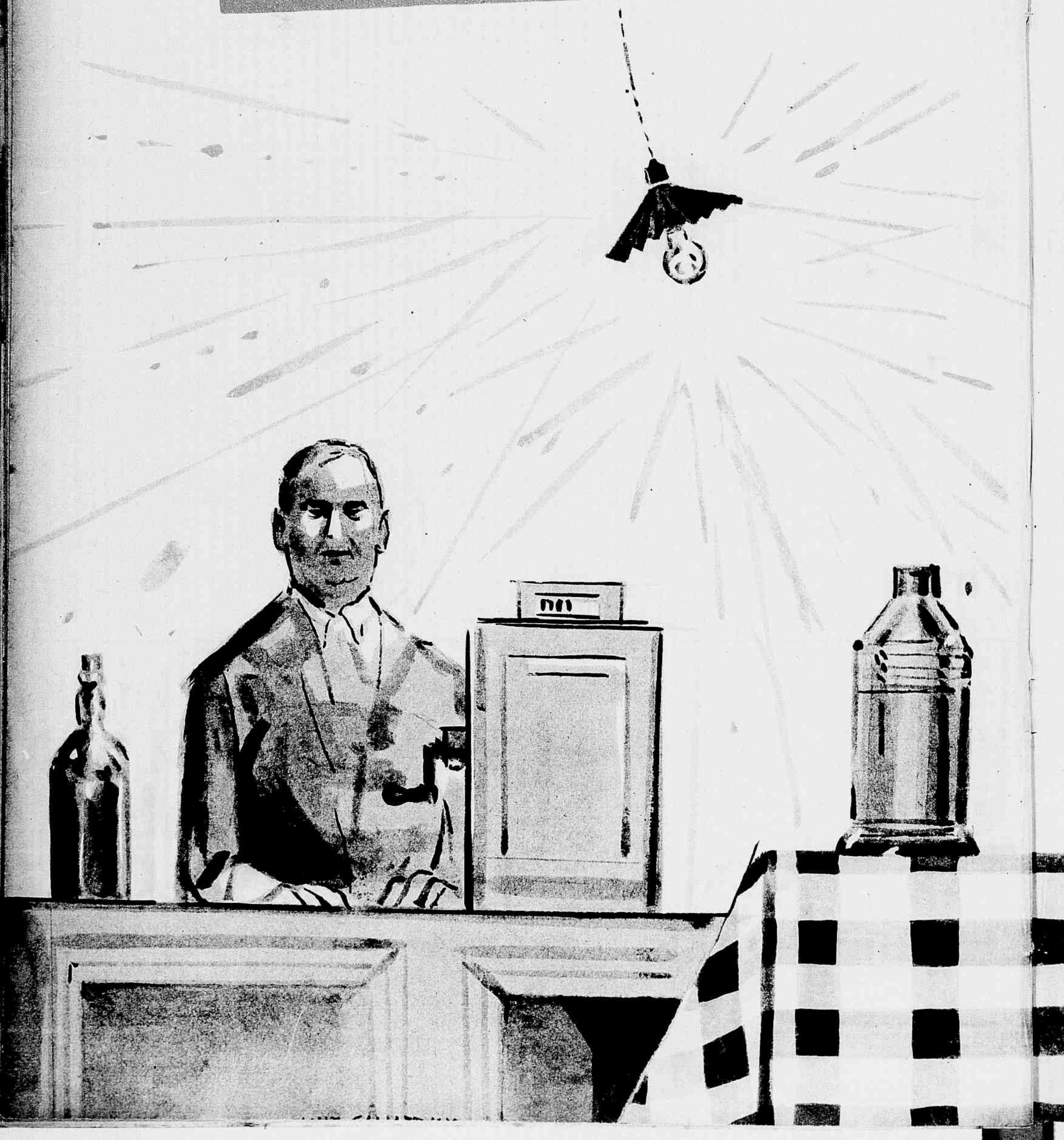
Acontece que os meses se escoaram, e agora Dacosta recebe, de volta, duas daquelas obras, e o aviso de que a terceira lhe seria paga, mas em prestações. Ora, o pintor não pediu a ninguém que lhe adquirissem quadros; mas se os quadros lhe foram solicitados, é natural que agora lhe sejam pagos, e a dinheiro, e sem mais titubeios. Qualquer solução diferente dessa é errônea, e fará pouca justiça ao pintor Dacosta, sem dúvida um dos melhores artistas brasileiros contemporâneos.

O caso, porém, deixa de ser um problema de Milton Dacosta, para se transformar num problema de todos os artistas brasileiros, que assim podem aquilatar como age a Novacap, sempre que seus interesses mais palpitantes se acham em jogo. Porque se foi Dacosta o único artista que até o momento botou a boca no mundo, estrilando contra o pouco caso da direção da Novacap para com as promessas que ela mesma assume, a verdade é que não foi o único até agora bigodeado pelos construtores de Brasília — cujo amor pelas artes visuais não parece ser dos mais sinceros e duradouros, ao que se vê.

Não sabemos como irá terminar a pendenga; mas desejamos de coração que termine de modo digno para ambas as partes, ainda que, a essa altura dos acontecimentos, o conceito que da Novacap devem estar fazendo Dacosta e os artistas brasileiros não seja lá dos mais entusiastas.

CONTO

OS BOTEQUINS



NOITE FRIA e, como tôdas as noites, o botequim estava deserto. José sentava-se na mesa do fundo, o gordo saía detrás do balcão com a garrafa. Enquanto ficava no botequim (e ficava até a hora de fechar), o gordo deixava a garrafa aberta no balcão. José trazia seu jornal dobrado no bôlso, fazia com o cálice círculos úmidos na mesa.

Antes de beber, lia uma notícia inteira do jornal. Erguia então o cálice e fechava os olhos, engolindo dum trago. Ao abri-los, tristes por causa do cálice vazio, via no teto a sombra redonda da lâmpada. O gordo dava volta ao balcão, enchia o cálice até a borda, derramando algumas gotas. José esperava o dia em que, escondendo-se atrás do jornal, iria lamber as gotas perdidas.

No quarto ou quinto cálice começava a bebê-lo em mais de um gole. Estendia as pernas sob a mesa, contemplava a sombra redonda no teto e lia o jornal. Não olhava para o gordo, entre as garrafas no balcão, de cabeça calva e lustrosa, um galhinho de arruda na orelha. Se o gordo se atrasava em servi-lo, batia com o cálice na mesa.

O botequim era um corredor escuro, com três ou quatro mesas encostadas na parede e o balcão no meio, atrás do qual o gordo abaixava a cabeça sob as garrafas. No balcão havia um vidro de pepinos com bolor alvacentos boiando no vinagre.

DALTON TREVISAN



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00
Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



(Continuação da pág 41)

E nenhum espelho nas paredes. José não gostava de olhar-se quando bebia. Descobriu aquele botequim e vinha, tôdas as noites, sentar-se à sua mesa, o jornal dobrado no bôlso. Sempre o mesmo jornal, rasgado nas dobras. Lia uma notícia inteira antes de emborcar o primeiro cálice.

Os raros, muito raros intrusos que se aventuravam no botequim, davam as costas a José. Você não gosta de estar, num botequim vazio, de cara com um desconhecido. A mesa era ao lado do reservado. Cada vez que o gordo ali entrava, José sentia pela porta entreaberta o odor familiar de amoníaco. Ficava sempre de chapéu, com uma sombra no rosto, bebendo seus cálices. Na hora de fechar, o gordo retirava o avental sujo da barriga e, sem olhar para José, começava a contar o dinheiro da gaveta.

José avançava devagar entre as mesas vazias como se não fôsse tempo de ir para casa. Tinha casa e família, preferia ficar no botequim, olhando na mesa os círculos úmidos do cálice. Botequim frio, escuro, com odor de amoníaco. Não falava com ninguém, nem sequer com o gordo atrás do balcão. Mas ali não se sentia só. Sabia que no balcão estava a garrafa aberta e ninguém lhe diria: "não beba mais, meu amor... Pelas sete chagas de Nosso Senhor, seja êsse o teu último cálice!" Não tinha vergonha de beber no botequim. O gordo era uma pessoa que compreendia as coisas. Além do mais, o botequim não tinha espelho na parede.

O gordo era pessoa que compreendia as coisas. Sabia quando José não tinha dinheiro: deixara o jornal no bôlso e depois do quinto cálice ainda o bebia dum trago. E, quando se levantando, antes da hora de fechar, encostava sua cadeira na mesa e saía, sem dizer boa-noite, o gordo não corria atrás dêle. Voltava na noite seguinte: o relógio no bolsinho do gordo e a aliança na grossa mão cabeluda do gordo já tinham sido o relógio e a aliança dêle. Desde que o gordo começou a usá-la no dedo mindinho, José soube que também êle era casado. Por amor da família sujeitava-se a encher o cálice do único freguês?

O botequim não tinha movimento (no balcão havia também um prato com ovos duros, ao lado do vidro de pepinos e ninguém sabia a sua idade, as cascas escuras de pó) e o gordo permanecia, tôdas as noites, debruçado no balcão, o raminho fresco de arruda na orelha. Ou, por medo da solidão, conservava o botequim aberto, na esperança de que alguém entrasse e lhe fizesse companhia? Era o único botequim que se mantinha aberto aos domingos, embora sem fumaça de cigarros, sem o calor das vozes humanas, sem o bafo azul na boca dos bebedores em noites frias de inverno.

Naquela noite um estranho entrou inesperadamente no botequim deserto, além do gordo e de José na mesa do fundo. O estranho, em vez de dar-lhe as costas, sentou-se na mesa próxima. Depois que o gordo o serviu, o estranho saudou José com o copo. Ele não retribuiu — o cálice vazio. O estranho, sem deixar de sorrir-lhe, sacou um pacote do bôlso, derramando o pó róseo no copo.

José olhou a sombra redonda do teto, as manchas de umidade na parede, com riscos dourados de lesmas e, por último, o outro. O estranho ergueu o copo, bebeu-o até a última gota — o copo rolou da mão e saía-lhe uma flor negra na boca. José nunca vira aquele homem, que lhe sorria, preparando seu gesto. Entrara naquele botequim entre todos os botequins da cidade. Escolhera a mesa à sua frente para o obrigar a vê-lo morrer.

O cálice vazio — esperou o homem acabar de morrer, antes de batê-lo na mesa. Engoliu ainda um trago, antes de erguer-se, derrubando a cadeira. O gordo ficou lá debruçado sobre a flor negra.

Andava sem pressa e, a cada passo, sentia a meia molhada. Podia andar a noite inteira sob a chuva. Não era hora de voltar para casa. O gordo, levando o dinheiro da gaveta, teria abandonado o botequim, onde o estranho docemente dormia, sem medo da porta aberta. As lesmas erguiam os chifres nos cantos, para ir comer-lhe aquela flor negra da boca. O estranho fizera, antes que êle, os gestos com que sonhara tôdas as noites. Teria de voltar aos botequins e começar outra vez.

Da beleza
do busto
depende
sua
elegância

**SENO
BEL**



Nº 1 para desenvolver seios pequenos. Nº 2 para reduzir e firmar seios volumosos.

A venda nas Drogarias: Pacheco — V. Silva, Neofarm, ou pelo reembolso — Cr\$ 200.00. Caixa Postal, 4 — Tijuca — Rio — Tel.: 48-3087. São Paulo: Caixa Postal, 3764. Tel.: 32-3507 — Pôrto Alegre: rua Alm. Barroso, 625 Tel.: 2-4328 — Belo Horizonte: Av. Santos Dumont, 664. Tel.: 4-2787.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 o quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

**B É L -
HORMON**



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150.00

CARECAS!

Não usem carecas! Usem A K I ROL, a última palavra contra a calvície! Nas drogarias Pacheco, V. Silva, Neofarm ou pelo reembolso. Caixa Postal 4 - Tijuca - Rio - Tel. 48-3087.

ASTENIA SEXUAL

Voronof revolucionou a Medicina, demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e do vigor sexual. Chamamos pois a atenção da classe médica para a fórmula do TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais. Nas drogarias ou pelo reembolso. Caixa Postal 4, Tijuca, Rio. Tel. 48-3087. Peça literatura grátis.

'Mil' lhe oferece:

PARACHUVAS

Super Luxo

colocação imediata



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



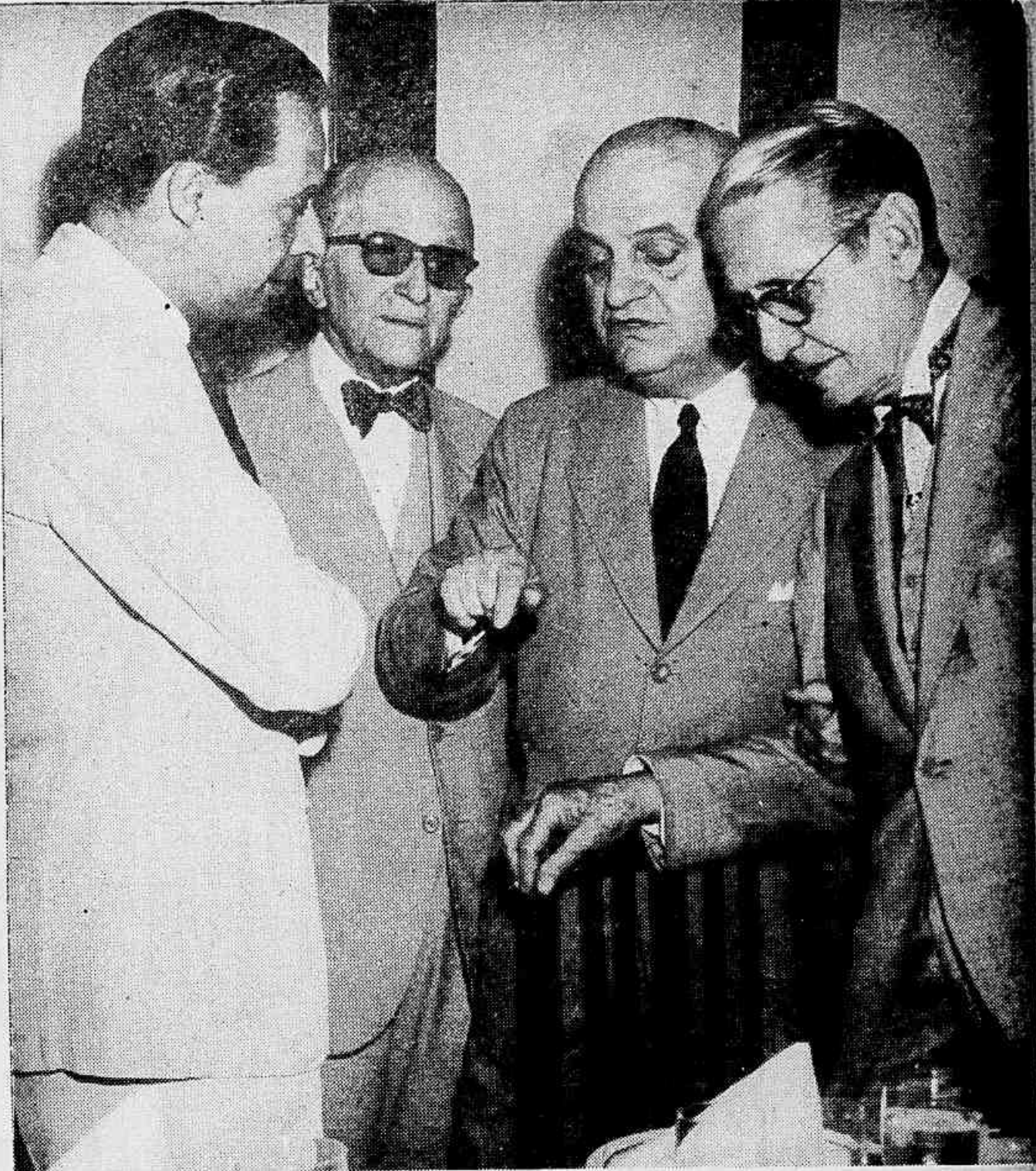
HOMEM DO TURFE DE 1958



O casal Mário de Azevedo Ribeiro brindando D. Celina Guinle de Paula Machado, pela homenagem recebida por seu ilustre filho.

Francisco Eduardo de Paula Machado é uma das figuras mais queridas e apreciadas do nosso turfe. Herdeiro das tradições paternas, é um legítimo continuador da obra do saudoso Linneo de Paula Machado, considerado das maiores expressões já havidas no mundo carreirista. Cavalheiro de fino trato, turfista e criador apaixonado, foi justo e simpático recair na sua pessoa a distinção que lhe acaba de ser conferido sob o aplauso geral: «Homem do Turfe de 1958».

Para assinalar o acontecimento, foi oferecido a Francisco Eduardo um almoço na Tribuna Especial do Hipódromo da Gávea, que reuniu em



Os srs. Francisco Eduardo de Paula Machado, Mário de Azevedo Ribeiro, Luiz Galloti e Guilherme Guinle, num grupo antes do almoço.

torno do homenageado destacados elementos do mundo oficial, da criação puro sangue, do jornalismo, colegas de diretoria do Jockey Club Brasileiro. Diversos oradores falaram da feliz escolha e fizeram o elogio de Francisco Eduardo, um verdadeiro homem do turfe. No Salão das Rosas do Hipódromo, após corrido o páreo dedicado ao Homem do Turfe de 1958, o homenageado recebeu novas demonstrações de aprêço e simpatia, agora cercado pelos seus familiares, inclusive sua genitora D. Celina Guinle de Paula Machado. Nessa ocasião, a diretoria do Jockey Club ofereceu uma taça de champagne aos presentes.



O sr. Oswaldo Aranha faz o oferecimento do almoço em nome dos criadores nacionais.



Agradece o sr. Francisco Eduardo. À sua esquerda está o ministro Mário Meneghetti



Carmem.



Tyrone.

O FATOR COINCIDÊNCIA é da maior importância no jornalismo e no teatro. No jornalismo, devemos sempre considerar dois pontos altos numa reportagem: os fatos e a história. Se nos fatos não houver coincidência, não teremos história alguma para contar. No teatro, podemos dizer que sua essência é a coincidência. Há dias vimos "A alma boa de Sé-Tsuan" pela Companhia Maria Della Costa. Brecht, o autor da peça, declara-se diferente de todos teatrólogos, e friza sobretudo não gostar da coincidência. Mas a verdade é que "A alma boa" é uma série de coincidências, a mais forte (e de maior efeito) talvez, sendo o fato dos três deuses no final serem também os três juizes da corte policial.

ESTA SEMANA A COINCIDÊNCIA safou minha onça no meu jornal. Cheguei atrasado à redação e havia deixado minha pasta em casa. Fazer uma coluna sem as anotações à mão é um problema. Resolvi então dedicar a coluna inteira à morte de Tyrone Power. Vasculhei todos os telegramas à cata de algo que não fôsse apenas os já bastante repetidos detalhes de como sofreu o ataque e em que clínica foi socorrido.

Não achei nada de novo. Então resolvi esquecer Tyrone e falar de "Pedro Mico" no Teatro de Bólso. Fui ao arquivo, e distraidamente, em vez de abrir a pasta de Milton Moraes (ator da peça), abri a pasta de Antônio Callado (autor da peça). A primeira foto que vi foi de Tyrone Power.

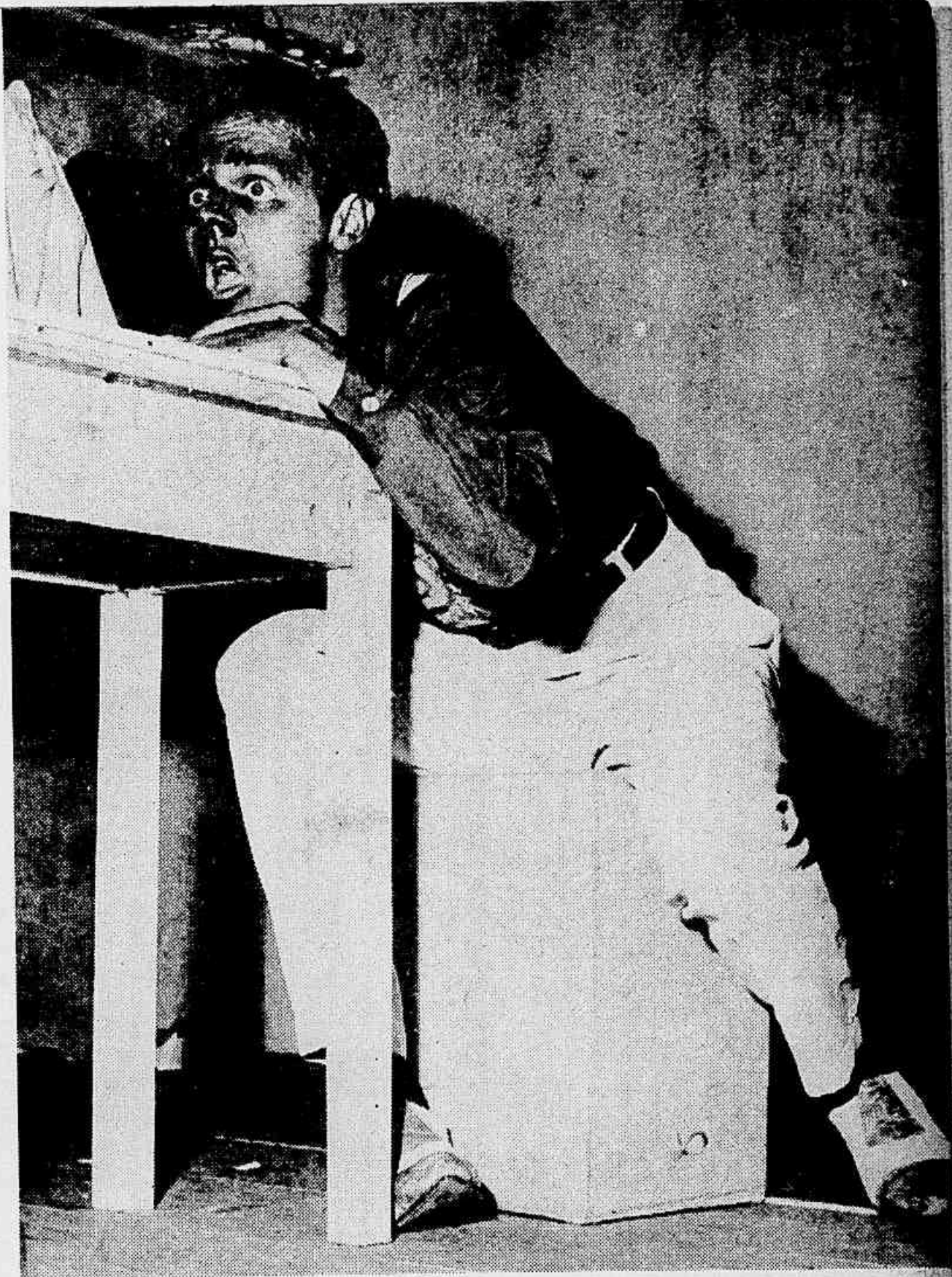
"Que diabo de arquivo confuso, êste", pensei. Mas reparando bem na foto vi um jovem ao lado de Tyrone parecido com Antônio Callado. Verifiquei a data em que a foto foi publicada: 6 de dezembro de 1938. Corri à coleção e procurei o exemplar de 1938. E achei a solução do meu problema: transcrevi a reportagem que Antônio Callado, aos 21 anos de idade, quando simples repórter do jornal que mais tarde dirigiria, escreveu sobre a primeira visita do astro ao Brasil.

A PRESENÇA DE Tyrone Power provocou um carnaval extra na cidade. Disse Callado: "Se loucura fôsse transmitida por bacilos, era de se dizer que Tyrone Power havia trazido violento carregamento dêles a bordo do avião em que chegou ao Rio. Foi

colocar o pé direito (ou esquerdo?...) no cimento do Aeroporto Santos Dumond e desencadeou-se o vendaval que começou a rugir ininterruptamente dentro das cabecinhas adornadas de cachos louros ou franjas negras. A estada de Tyrone Power tem sido um verdadeiro carnaval, bem maior que o de todos os anos, e com muito menos preocupação pelo terrível day after."

CARMEM MIRANDA NAMOROU o galã, segundo alguns jornais. Contudo, a verdade, é que Tyrone estava apaixonado por Annabella, embora a atriz o negasse. Em Pôrto Alegre, Annabella comentou que "não há nada entre nós além de uma grande afinidade artística e de amizade, que nos devotamos mutuamente. Somos muito bons amigos. Natural, pois, que andasse com ele numa cidade em que nos encontramos". E alguns jornais continuaram a afirmar que Carmem Miranda trocara palavras simpáticas com Tyrone desde o primeiro encontro. Sobre o primeiro encontro escreveu Callado: "Carmem Miranda ganhou um vigoroso apêto de mão: 'How do you do?', perguntou Tyrone. 'O que foi que ele disse?', perguntou a graciosa sambista com o mais brejeiro dos sorrisos. Carmem Miranda ainda balanceou a cabeça. 'Qual! Esse americano é o tal mesmo, no cinema ou fora dele. E ele é muito maior visto em pessoa...'"

PARECE ESCRITO POR UM FANTASMA, disse Antônio Callado, quando lhe mostrei a cópia de sua reportagem de 1938. Por coincidência (sempre a coincidência), fomos assistir sua peça "Pedro Mico" que estreava no Teatro de Bôlso. Não havia cachos louros em "Aparecida" e as franjas negras em "Melize" eram pichaim. Mas o sucesso da peça foi confirmado pelo número de vezes que o público fez Milton Moraes, Nicette Bruno, Renée Brown e Haroldo de Oliveira virem à cena receber aplausos. Deixei Antônio Callado conversando com Milton Moraes. Era um final justo para um dia de coincidências, que havia começado com a procura de um retrato de Milton Moraes, por coincidência me levado a Tyrone Power, e, por coincidência numa reportagem de Antônio Callado. Com Milton e Callado juntos encerrava-se o ciclo.



Milton Moraes.

Tyrone e Callado.



KALEIDOSCÓPIO

CHUCK WOODWARD

FALANDO

DE...

GASTRONOMIA

CARLOS A. NASCIMENTO

A HISTÓRIA DA GASTROLOGIA está pontilhada de fatos curiosos. Personalidades de tôdas as nações e de todos os tempos escreveram páginas brilhantes no livro da arte culinária. Gastrôlatas existiram nas requintadas côrtes da Europa e no meio artístico e social do Velho Mundo. Revela o historiador Pierre Bourget que personagens como a bela Agnès Sore, o pintor Lorrain, o rei Luís XIII, Madame Pompadour, o marechal duque de Richelieu, o rei D. João XVI contribuíram com suas pedras para a construção do edifício da arte culinária.

No decorrer do século XIX, continua Bourget, um homem lutou tenazmente para introduzir a carne de cavalo nas mesas européias. Seu nome era Geofroy Saint Hilaire que depois de anos de discussão com os médicos da época conseguiu impor o bife de cavalo como alimento ideal. O acontecimento foi comemorado com um grande banquete que reuniu pela primeira vez na história, a 6 de fevereiro de 1869, 132 personalidades das mais eminentes da Europa para festejar o acontecimento. Naturalmente que não vamos nos deter na história da alimentação; nossa intenção é trazer para os leitores alguns fatos curiosos dessa arte tão deliciosa.

MINHOCAS ENSOPADAS

Pouco antes de sua morte, o produtor cinematográfico Michael Todd oferecera um banquete em sinal de reconhecimento àqueles que assistiram a "première" australiana de "A Volta ao Mundo em 80 Dias". O banquete de Mike, que fôra oferecido em Sydney, teve como cardápio (escolhido pelo próprio anfitrião) os seguintes pratos: "sopa de canguru", "larvas de lagarta", "serpente ao forno" e "heng-ti (uma espécie de minhoca) ensopada". Esses pratos são considerados os mais suculentos da Austrália. Para dar maior originalidade ao ágape, os convidados foram solicitados a comparecerem de qualquer veículo (não motorizado) desde o cabriolé até a charrete.

GAFANHOTO COM CHOCOLATE

A exposição "Around the World Confection Cuisine", atualmente funcionando no Teatro Temple Art de Detroit (E.U.A.) apresenta um livro sobre arte culinária assaz curioso. Dentre as incríveis informações cite-se a de que lagartas, gafanhotos, abelhas e formigas, cobertas com chocolate, são 4 das melhores "iguarias" do Japão. O mesmo livro informa que beijo de girafa ao molho de pimenta, gengivas de camelo e língua de camaleão são considerados pratos suculentos na Índia.

FARINHA DE GAFANHOTO

O gafanhoto parece ser mesmo o alimento preferido pelos povos do Oriente. Em algumas aldeias da China a farinha de trigo é misturada com gafanhoto triturado e torrado. Dizem os consumidores que o pão fica deliciosíssimo!

PORCO ASSADO COM PERFUME

Sem dúvida a arte culinária da Indochina está bastante difundida no mundo, mas poucos restaurantes existirão fora daquele país que sirvam pratos exclusivamente vietnameses. Pois no Ocidente existe um — em Paris. Trata-se do restaurante "Tien-nga". As iguarias têm nomes tais como "pho", "nuoe-man" "thang-pho", etc. Dentre os pratos mais apreciados pelos fregueses conta-se o "porco assado com 5 perfumes" (o perfume é de aroma semelhante ao usado nas penteadeiras). Aliás, tempêro perfumado é uma das características dessa bizarra cozinha oriental.

COMER E MORRER

Um homem morreu assassinado a golpes de faca depois de comer sozinho um porco de 18 quilos. O fato deu-se recentemente numa aldeia do norte de Portugal quando o lavrador Antônio Miguel Frias apostou a importância de 2 contos com seu colega José Honestino como era capaz de comer inteiro o gordo leitão. José topou a aposta, não acreditando que Antônio fôsse capaz de tal façanha. Mas Antônio era mesmo um fenômeno gastronômico e após assar o leitão no espêto, comeu-o inteirinho, deixando apenas os ossos, o pêlo e os miúdos. Honestino, que de



A sra. Eisenhower é uma apreciadora de guloseimas. Ei-la, na foto à direita, quando apagava as velas de um volumoso bôlo de aniversário.



Eis como se prepara artisticamente um "roast-beef": à esquerda: antes de assada a carne, amarra-se barbantes em torno da mesma; a seguir faz-se uma fôrma de massa de pastel e em seguida recorta-se uma flor (com a mesma massa) e leva-se ao forno. Após o necessário cozimento, retira-se cuidadosamente os barbantes e o prato se torna um ornamento na mesa. Um açougueiro francês executa o trabalho.

honesto só tem o nome, recusou-se a pagar a aposta alegando que seu colega só havia comido a carne do leitão. Daí surgiu uma violenta discussão que culminou com a morte de Antônio Miguel.

GALÃ DE CINEMA ENSINA A COZINHAR

Anthony Perkins e Sal Mineo são dois atores contratados pela G.E. para gravarem uma série de discos sobre arte culinária. Os discos, segundo a propaganda da empresa, têm por fim evitar que a dona de casa tire as mãos do que está fazendo para folhear o livro de receitas em busca de um detalhe esquecido. Com receitas culinárias em disco a dona de casa cozinha à medida que ouve as instruções do narrador-galã.

FEIJOADA EM PARIS

Um dos lugares mais caros e mais elegantes de Paris noturno chama-se "Keur Samba", um restaurante brasileiro situado na rua Rennes. O ambiente é exótico com "shows" afro-brasileiros e cozinha baiana.

COPACABANA — O RESTAURANTE MAIS FAMOSO DE NOVA IORQUE

Uma das maiores "boites"-restaurantes dos EE.UU. chama-se "Copacabana". O restaurante, que está situado em Nova Iorque, faz 2.500.000 cruzeiros de receita por mês.



"La Rotisserie Périgourdine", um dos mais famosos restaurantes de Paris.



O famoso restaurante Coconnas, de Paris, não usa toalhas nas mesas que por sinal são tóscas.

A COMÉDIA HUMANA

O RESTAURANTE MAIS CARO DO MUNDO

O preço de uma refeição no "Romanoff's" de Hollywood custa, em nossa moeda, cerca de 4.100 cruzeiros. Sendo as refeições o "máximo", o Romanoff's conta com fregueses de almoço e jantar.

QUANDO OS "GARÇONS" PRECISAM SER CANTORES

O restaurante "Pomp Room" de Nova Iorque é considerado o mais excêntrico da cidade: todos os "garçons" servem os fregueses cantando em cântico, tendo como acompanhamento uma orquestra composta exclusivamente de mulheres.

É PROIBIDO ENTRAR DE SAPATOS

Um restaurante chamado "Barefoot Bar", situado em Honolulu (Havaí), tem um estranho regulamento: todos os "habitués" são obrigados a entrarem de pés descalços no salão de refeição. Na entrada existe, não uma chapelaria, mas uma sapataria.

A OUTRA UTILIDADE DO SOL

Fogão solar é a última novidade em matéria de melhoramentos em "oficinas de gastronomia". A invenção, que está sendo usada na União Soviética, se baseia na transformação da luz solar em eletricidade, tendo como veículo de funcionamento uma célula foto-elétrica.

NOTÍCIAS GASTRONÔMICAS

O prêmio Prosper Montagné (culinária) para 1958 foi conferido ao mestre-cozido Georges Dury, cozinheiro-chefe do restau-

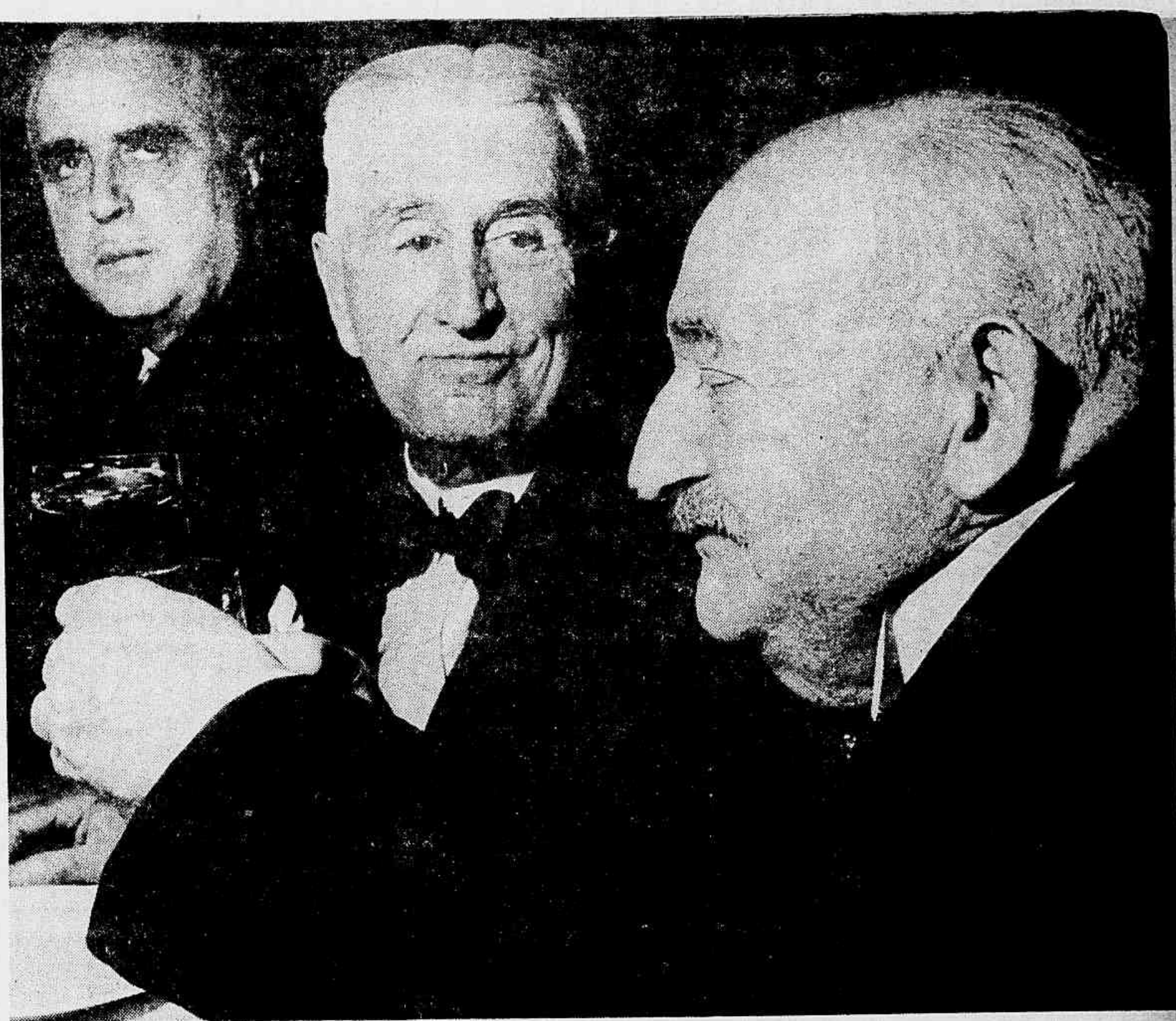
rante "Elysées-Matignon", de Paris, por seu prato "galinha a la Nantes". A competição desse ano, que se deu em homenagem ao príncipe dos gastrônomos — o falecido Curuonsky, realizou-se na Escola de Hoteleiros sob o patrocínio do Salão de Artes Domésticas e tendo como motivo culinário: galinha ao forno guarnecida com legumes e carnes.

Um dos vícios mais elegantes na Metropolitan Opera House de Nova Iorque é tomar champanha nos próprios camarotes durante os intervalos operísticos.

10 mil cruzeiros por bôca foi quanto custou o banquete inaugural do Hotel Elizabeth de Montreal, o mais luxuoso hotel do Canadá. Para a festa de inauguração, que contou com a presença das maiores personalidades da política e das artes mundiais, foram fretados dois aviões para transportar os convidados da Europa e dos EE.UU.

Uma competição juvenil de arte culinária realizou-se recentemente no Café Royal, de Londres, que reuniu 35 mil candidatos de ambos os sexos de 12 a 16 anos de idade. A nenhum competidor foi permitido gastar mais do que 15 xelins (48 cruzeiros, aproximadamente) na preparação de uma refeição que girava sobre o tema "celebração do aniversário de mamãe". Entre os 12 finalistas figuravam 3 cegos e a vencedora da competição foi uma garôta de 15 anos que recebeu o prêmio (cerca de 60 mil cruzeiros) das mãos da Princesa Alexandra, a prim da Rainha.

No clichê, o sr. Curuonsky (à esquerda), príncipe eleito dos gastrônomos, Presidente-fundador da Academia dos Gastrônomos. O curioso personagem faleceu recentemente em Paris.



Eis aqui uma cozinheira que servia para a minha casa. As beldades que aparecem na foto estão tomando aulas de como se prepara uma refeição no interior de um avião nos EE.UU.



O MELHOR PRESENTE PARA AS CRIANÇAS

22 OBRAS PRIMAS

EM 17 VOLUMES

ENCADERNADOS,

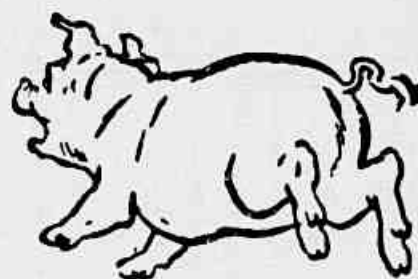
MAIS DE 5.000

PÁGINAS COM 750

ILUSTRAÇÕES



COLEÇÃO COMPLETA DOS LIVROS INFANTÍLS DE MONTEIRO LOBATO



NOSSO PLANO DE VENDA — Para facilitar a aquisição desse verdadeiro tesouro constituído pela coleção dos livros infantis de Monteiro Lobato, o DEPARTAMENTO DE CRÉDITO da EDITORA BRASILIENSE oferece um plano de vendas realmente suave e acessível a todas as bolsos.

Rua São José, 90, s/2001 — tel. 52-7561
Distrito Federal

Rua Barão Itapetininga, 93 — tel. 36-2423
São Paulo

CARTAS

A PAPAI NOEL

"Acho meu netinho muito pequeno para escrever uma carta. Mas como tem muita vontade de ganhar a mesblota, pergunto se valeria a pena fazê-lo rabiscar algumas linhas com o pedido a Papai Noel?"

Nora Velloso — Niterói

§ Se ele pode e sabe escrever, certamente que vale a pena. A criança que faz sua carta sozinho, sem ajuda dos parentes, leva a vantagem da espontaneidade e do esforço próprio, que os julgadores da "Caixa Postal", sem dúvida alguma, levarão em consideração.

O Editor

"... escrevo-lhes esta para saber se a outra, enviada por minha filhinha a Papai Noel, nesta bela iniciativa que é a "Caixa Postal REVISTA DA SEMANA", está realmente em mãos dos srs."

Rosa M. Cerqueira — D.F.

§ Não tenha susto, Dona Rosa. Por ora nos é impossível dar uma resposta segura, pois recebemos já cerca de duas mil cartas e teríamos que identificá-las uma a uma. Mas, se nos foi entregue, é forçoso que a carta de sua garôta esteja entre elas."

O Editor

ENEIDA E RENARD PEREZ

"... Macaíba, a cidade" e "Vila da Barca à espera de um romancista" dizem bem da qualidade de conteúdo que a Revista vem apresentando ultimamente. São trabalhos que oferecem, com penetração popular, bons autores e uma visão humana das coisas e lugares do Brasil."

J.B. — Juiz, de Fora

"STRIP-TEASE"

"... gostei da tal revolução na madrugada, Denise Duprée. Entretanto, confesso que esperava mais. Me delíciei com as duas primeiras páginas, virei a folha esperando a terceira... e não encontrei o resto. Peço "bis" aí pela Revista desta maravilha de "strip-tease". Mas com percurso integral desta vez.

Cerinaldo dos Santos — Pôrto Alegre

§ Compreendemos sua decepção, seu Cerinaldo, mas o caro amigo há de compreender a razão da supressão da sequência, na quarta foto. Há que levar em consideração a penetração da R.S. nos ambientes familiares. Quanto ao amigo, e a outros de curiosidade idêntica, sugerimos uma excelente solução: "the imagination", como diria Shakespeare. Ponha a sua imaginação a trabalhar e verá o que, infelizmente, não podemos oferecer diretamente. Que excelente efeito, seu Cerinaldo!

O Editor

O GENERAL KRUEL deveria ordenar a imediata divulgação da tão falada lista dos consumidores de cocaína, que segundo dizem foi apreendida em mãos da quadrilha de traficantes recentemente detida. Não importa o escândalo que a divulgação provoque. Escândalo muito maior está sendo causado pela circulação de algumas listas, que se dizem cópias autênticas do documento originalmente apreendido, e que envolvem de má fé um número elevado de pessoas ligadas aos círculos sociais, intelectuais, políticos e militares. Conheço várias delas e sei perfeitamente que não são viciadas. O sigilo oficial está concorrendo apenas para que gente mal intencionada difame à vontade pessoas de bem.

A SANTA IGNORÂNCIA de um brôto freqüentador das areias fronteiras ao Country, pode ser medida no seguinte comentário, surpreendido por Mariazinha no último domingo: "Êsse tal de Doutor Jivago já está mais falado que o próprio Doutor Pitangui!"

A CLIENTE entrou na Livraria Agir e se dirigiu imediatamente ao balcão de livros infantis, onde passou a examinar os volumes. Minutos depois, sentada no chão, promovia grande desordem e espalhava os livros pelo chão da livraria. Foi quando mamãe apareceu e comunicou a jovem herdeira do sr. Cândido Guinle Paula Machado, que o negócio do papai não era mafuá para suas peraltices...

O MINISTRO Clóvis Salgado ofereceu um almôço de confraternização a imprensa. Contaram-me que a louça onde o almôço foi servido trazia um brasão misterioso: GG. Os copos tinham a inscrição de "Germania". A comida, ao que parece, era do Ministério mesmo. E segundo o meu informante, surpreendentemente gostosa.

VAO CASAR Alberto Dines e Rosaly Bloch. Noivos em manchete, pela simpatia e amizade que desfrutam.

O CRONISTA José Alvaro contou em sua coluna algumas desventuras futebolísticas que um domingo ocioso lhe valeu, fazendo com que bancasse o goal-keeper numa pelada de Jacarepaguá e engolissem seis frangos. A posição de goal-keeper, aliás, exerce uma estranha fascinação sobre os cronistas e, particularmente, os cronistas sociais. Jacinto, Chuck, Sérgio Porto e José Alvaro são alguns dos goleiros frustrados cujo nome me ocorre, no momento. Dêles, sem dúvida alguma, o pior mesmo é o José Alvaro. Joga sempre com um olho nas mulheres da arquibancada direita e outro nas mulheres da arquibancada esquerda. Bola é o que ele nunca viu e jamais verá...

CONSELHO a menina Camilinha Amado, que inegavelmente possui bastante talento mas necessita de orientação: faça menos

caretas e trejeitos. Você já é graciosa, por si só, e não precisa desses recursos para vencer no palco.

CAUSOU MÁ IMPRESSÃO o pouco caso com que a diretoria do Botafogo recebeu os participantes do Torneio de Bridge dos Veteranos, organizado por Alínio de Salles e que reuniu velhos adeptos do bridge. Nenhum diretor do clube para receber os participantes do torneio. Nada de gelo para quem desejasse bebericar um uísquezinho. E dizer-se que o Alínio é um botafoguense de quatro costados! Imagine se não fôsse...

TENHO A IMPRESSÃO de que o chanceler Negrão de Lima andou afiando o seu francês depois que foi para a direção do Itamarati. A pronúncia está em grande forma...

O EMBAIXADOR Hugo Gouthier prestigiou em grande estilo a passagem do coronel Janari Nunes por Bruxelas. Muito inteligente, o Hugo percebeu que o apoio nacionalista já é trunfo para o newlook da política itamaratiana.

MUITO COTADO para a presidência da UDN o deputado Magalhães Pinto, cuja lábia é muito grande — que o diga a eleição do sr. Milton Campos! O deputado Carlos Lacerda, que normalmente se constituiria no maior obstáculo a esta eleição, já não possui tantas objeções a política matreira do seu colega mineiro.

NUNCA SE DEVE subir a serra, até Petrópolis, inesperadamente, em meio às temporadas extra-veraneio. Disso se convenceu a senhora de um cônsul, que foi fazer compras numa cerâmica e encontrou o marido na cidade serrana, de gazeta, braço dado com a filha de uma sua vizinha de apartamento. As águas do Piabanha lavaram muita roupa suja naquele triste dia...

OS PLAYBOYS PAULISTAS não sabem mais o que inventar para distrair a sua ignorância respeitável. Como não conseguem ler, não gostam de teatro e articulam uma conversa com grande esforço, voltam-se diariamente para os hobbies violentos: a última façanha foi a tentativa de roubo de um teco-teco.

COM A MORTE de Mike Todd abrandaram-se as intransigências quanto aos lançamentos internacionais de "A Volta ao Mundo em 80 Dias". Várias das exigências de Mike serão suspensas pelos seus herdeiros, o que talvez permita muito brevemente a apresentação da película no Rio de Janeiro.

MARIAZINHA AGRADECE ao João Augusto Penido as providências para banir o pó da Lapa e adjacências. Somente assim ela poderá dar um pulinho à redação, pessoalmente, para examinar a correspondência, sem correr o perigo de sair com a alma empoeirada.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

NOVEMBRO: QUENTE

CATETE: FRIO

CONGELAMENTO: IMPOSSÍVEL

NOVEMBRO AQUECEU CASAS E CABEÇAS. Manteve tradição de aquecimento da atmosfera política. As pequenas crises parciais do ano se acumulam no penúltimo mês e rebentam. Com o calor do verão que chega, as cabeças se aquecem, as imaginações se exaltam, as palavras se levantam. Foi o que aconteceu com o povo (aborrecido com os preços altos) e com parte da Aeronáutica (aborrecida com a presença do Ministro da Guerra na FAB).

TUDO NÃO PASSA DE TROVOADA DE VERÃO. É o que dizem os observadores experimentados. A Oposição não quer golpes: aspira chegar ao Poder, pelas urnas, em 1960. O Governo é dirigido por um homem conciliador: O Sr. Juscelino Kubitschek. O General Lott: tem reais condições para chegar ao Poder, pelo voto, em 1960.

LOGO, AFASTOU-SE A POSSIBILIDADE DE GOLPE. Por falta de quem o quisesse vibrar. Por falta de quem o pudesse aproveitar.

EM TUDO ISSO, HA MUITA GENTE FAZENDO A GUERRA POR SUA CONTA PRÓPRIA.

CATETE MANTENDO ATITUDE FRIA. Confiante na sorte realmente peluda que Deus lhe deu, o Sr. Juscelino Kubitschek não se abalou. Fêz questão de tirar vastas fotografias rindo, durante a crise, e de se saber que ele dormia numa das tardes mais ardentes. Não era com ele.

CONGELAMENTO IRREALIZAVEL DE PREÇOS. Tão frio estava, que lhe ocorreu, para baixar um pouco a atmosfera externa, decretar o congelamento de preços de 17 artigos básicos na vida de cada brasileiro. O congelamento é impossível, sabem-no todos. O calor da inflação dos meios de pagamento, o encampamento de novas emissões, novas emissões, a alta de impostos, de tarifas, reajustamentos de preços, tudo isso aquece e funde o dinheiro, a tal ponto que já sumiu a moeda metálica, dissolvida pela inflação.

LOGO, NÃO HAVERA CONGELAMENTO. Nem nos preços nem na política. Os preços continuarão subindo, indiferentes à ordem governamentais. A política continuará se aquecendo, por que isso é próprio do livre jogo das democracias. Os preços são formados por fatores presumivelmente livres e a política é feita por homens proclamadamente livres. Logo, não podem ser congelados...



ATMOSFERA DE NOVEMBRO

NA Densa ATMOSFERA de novembro, a figura do General Henrique Duffles Teixeira Lott levantou-se como o que seria definido "um pára-raios político do Brasil".

Depois da acidentada passagem pelo Ministério da Aeronáutica, o Ministro da Guerra voltou às exclusivas atribuições de seu posto, no Exército (onde não procura intervir nos negócios civis, mas é constantemente assediado por interesses diversos). A festa do seu aniversário foi motivo para que o homenageassem os que nele acreditam (e são muitos). Nunca o General esteve tão zangado (episódio com o "Diário de Notícias"). Mas nunca foi tão homenageado (e isto deve servir de consolo a quem sabe que a vida pública é assim mesmo).

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES



SUBINDO SEMPRE

O SR. HERBERT LEVY terá grandes incumbências em 1958. Dizem que será o Secretário da Fazenda do Governador Carvalho Pinto. Sua opinião terá muita influência na discussão do Plano de Estabilização Monetária. (O Governo Federal está ansioso por estabilizações artificiais na economia e nos preços). Seu maior papel foi definido, agora, pelo Sr. Afonso Arns, em São Paulo. No momento em que a UDN tem de enfrentar criaturas que não sabe se são santos ou se são monstros, a bandeira da UDN nacional fica com a UDN de São Paulo.

PRESIDENTE

Eleito: o Presidente da República da Miguel Lemos: Cristiano Lacorte, uma das figuras mais amadas deste país, símbolo de um sadio espírito de bairro, inspirador e amigo da melhor juventude de Copacabana, conseguiu, enfim, acesso à Câmara de Vereadores. Até aonde irá? Espera-se que vá longe.

SOLITARIO

Desde 1955, o sr. José Maria Alkmim nunca passou um 11 de novembro tão só...

SAQUE SALK

De qualquer forma, com "saque" ou não e epidemia de poliomielite, saíram os estoques de vacina Salk. Aqui e nos Estados Unidos.

CONGELAMENTO DE CUME

Seguindo uma lei natural, ao decretar o congelamento de preços, o Governo não

mandou que gelassem por baixo, pois é mais quente. Elevou primeiro os preços a serem congelados e mandou a neve da COFAP sobre o cume. Como guerra à alta de preços, essa é a maior. Não se pode dizer que não é uma manobra de altitude.

ALTA INSPIRAÇÃO

E desde que o momento é de alta inspiração, D. César, o romântico, e D. Augusto, o lírico, têm, agora, em suas mãos a sorte da OPA. Os dois galhardos embaixadores latino-americanos (um argentino e outro brasileiro) enfrentarão no Comitê dos 21 o prosaísmo de Mr. Dillon e dos esquemas do Departamento de Estado pensados no Pentágono.

BOI DE PIRANHA

Enquanto isso o embaixador Hugo Gauthier (convites de Moscou) está sendo apontado como o "boi de piranha" que abre o caminho para a caravana da Operação Pan-Americana.

200 MILHÕES É POUCO

No Brasil, considera-se pouco o total dos fundos destinados, na concepção dos Estados Unidos, ao Banco Interamericano (agora já chamado Corporação Financeira Interamericana). 200 milhões de dólares não dá para nada — conversam, na intimidade, as nossas autoridades. Duas boas hidrelétricas levam esse dinheiro todo e ainda pedem muito mais.

MAL

O deputado Josué de Castro, insistindo na sua luta pelo Ministério da Agricultura, onde pretende mudar os termos da "Geografia da Fome", relembra ao senador Juracy Magalhães, em uma conversa de depois de almoço, no Jockey Club: "Todas as vezes que Pernambuco e Bahia não estão no Ministério, o Governo Federal vai mal"...

MISSA POR WALDYR

Para se livrar dos maus olhados da campanha eleitoral, Waldyr Simões, novo deputado pelo PTB carioca, com a grande votação da classe marítima assistiu missa em ação de graças. Agradeceu a Deus e aos amigos e fez novas promessas de ser um bom deputado — o que a classe que o elegeu acredita piamente.

INIMIGOS VITORIOSOS

No Acre, os dois adversários que disputam a hegemonia política no Território, J. Guimard Santos e Oscar Passos, venceram as eleições, cada um de seu lado. (O Acre tem o privilégio, entre os Terri-

tórios, de dar dois deputados). Guimard Santos é municipalista, dos quadros da ABM.

FERRARI "VERSUS" BRIZZOLA

Fernando Ferrari (o mais surpreendente líder que está aparecendo no PTB) recebeu imensa votação no Rio Grande do Sul dada pelos mesmos que elegeram Leonel Brizzola Governador do Estado. Motivo: não deixar Brizzola sozinho como dono de todo o prestígio eleitoral gaúcho.

PARADA DO PETRÓLEO

Não havendo alteração legal no Brasil, espera-se que seja mantido o "stato quo" na disputa pela direção do petróleo. Coronel Janary permanecerá na Petrobrás. Coronel Alexínio permanecerá no C. N. Petróleo.

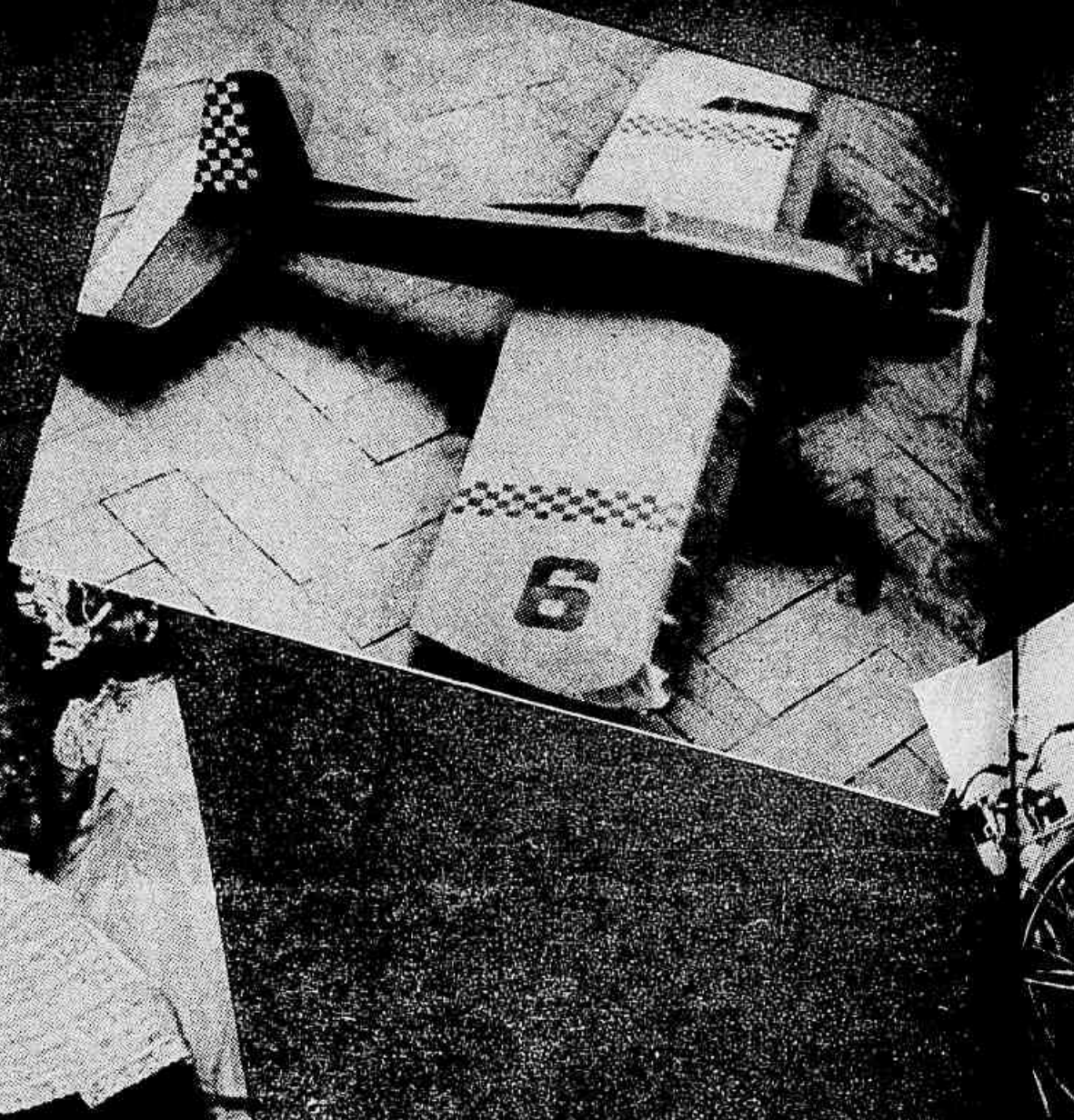
NAUTA

Se quiser confirmar a profecia, João XXIII poderá vir. Ele é "Pastor e Nauta".



ECOS DAS ELEIÇÕES

UM RECORDE de eficiência e de rapidez foi batido, nas últimas eleições de 3 de outubro, pela 14.ª Zona (seção 109) na Escola Piratininga, onde votaram 353 eleitores. O término da votação se deu às 17,45 e a entrega da urna foi efetuada às 19,10. Tempo médio de votação por eleitor: 1m 39". Abstenção: 16. O autor responsável pela façanha, que presidiu aquela seção eleitoral, foi o Dr. Júlio Pires Coelho Filho, Diretor do Tesouro da "Somapi Comércio e Indústria S/A", e economista de mérito.



RECEBEMOS, até o momento em que fechamos este número 3.050 cartas, de crianças, de todos os recantos do Brasil — do Rio, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do Amazonas. E, a cada dia que passa, mais aumenta o volume chegado pelo Correio, número que começou timidamente, com três ou quatro cartas diárias, e que sobe, hoje, a uma média de 80 a 120. Embora falte ainda um mês para o encerramento do concurso, já é um princípio bem promissor, e nos sentimos satisfeitos de que a nossa iniciativa tenha sido, assim, bem compreendida. Como vínhamos prometendo, apresentamos, hoje, alguns dos prêmios que serão oferecidos aos pequenos autores das melhores cartas que serão lidas por uma comissão que já no próximo número será revelada. Apresentamos os seis primeiros prêmios, relativos aos 5 anos do curso primário, e às duas primeiras séries ginasiais. No próximo número, apresentaremos alguns dos restantes, que aguardarão os autores das cartas selecionadas com menções honrosas. A guisa de informação, adiantamos aos nossos pequenos concorrentes que existem, ainda, dezenas e dezenas de prêmios. Portanto, lápis em punho! Caprichem nas cartas, enviem-nas com a maior brevidade possível, e aguardem o Natal!



REPETIMOS, HOJE, as bases da sensacional competição entre a garotada brasileira, lançada em nosso número 43.



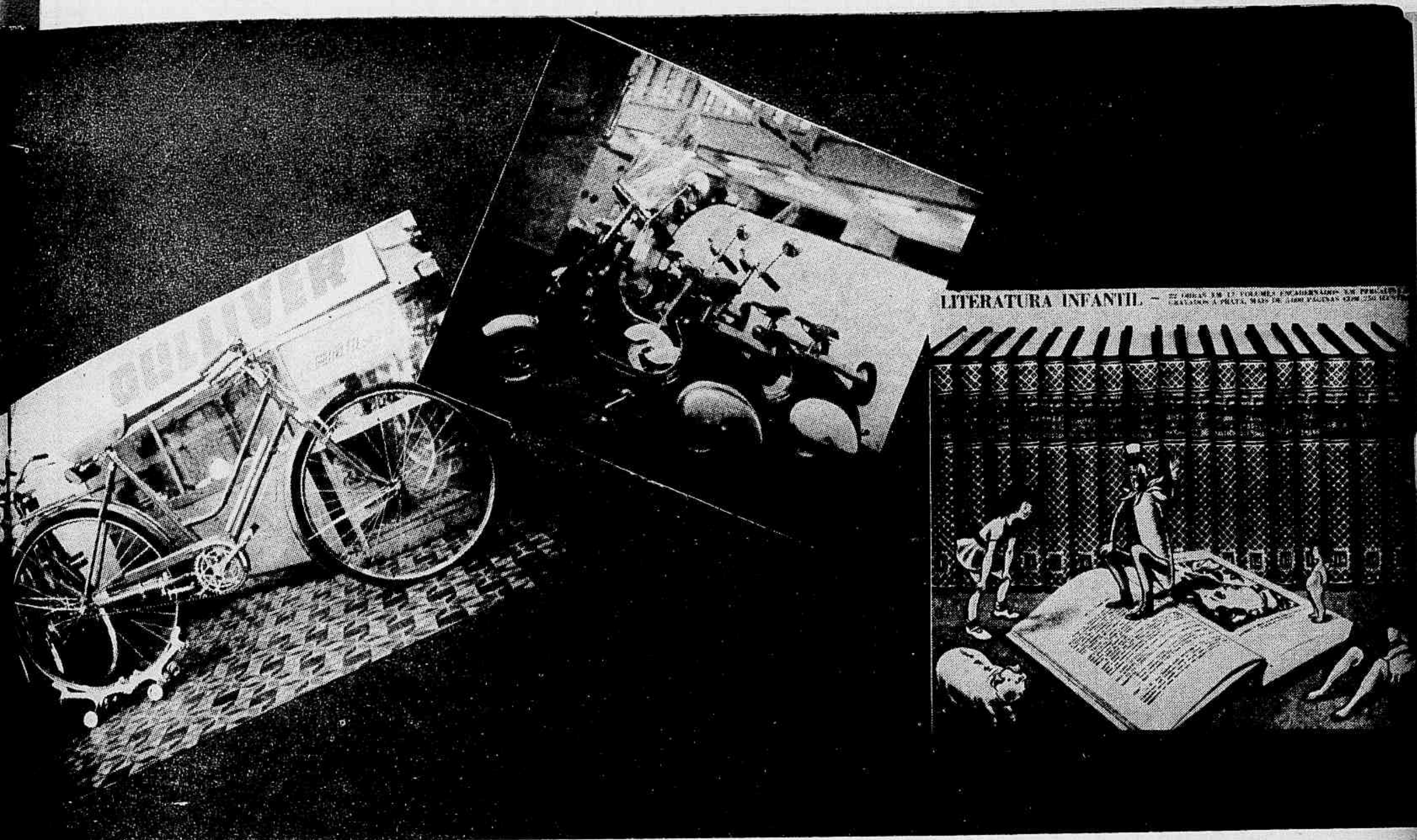
VOCE PODE MANDAR SUA CARTA DE ONDE QUER QUE ESTEJA — NO DISTRITO FEDERAL, EM S. PAULO, NO CEARÁ, NO AMAZONAS — DE QUALQUER CIDADE, DE QUALQUER ESTADO DO BRASIL.

SE VOCÊ AINDA NÃO TEM 14 ANOS, PODERÁ ESCREVER SUA CARTA A PAPAI NOEL E GANHAR UM PRESENTE ESPETACULAR, COMO BICICLETA, CINEMINHA, COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS, BONECA, LAMBRE-TINHA, BOLAS DE FUTEBOL, PATIM, JOGO DE ARMAR.

BASES DA "CAIXA POSTAL":

- 1 — Escreva uma carta a Papai Noel.
- 2 — Diga, nela, o que você deseja receber no Natal, explicando a razão da escolha.
- 3 — Escreva a sua carta, de próprio punho, a lápis ou a tinta, do tamanho que quiser.
- 4 — Preencha — ou mande alguém preencher — o cupom que se encontra ao canto da página, escrevendo nele o seu nome, a idade, o colégio onde estuda, a rua e a cidade onde mora.
- 5 — Peça a seu pai, sua mãe, sua irmã ou irmão mais velho, ou sua professora para remeter a carta juntamente com o cupom, em envelope fechado, à redação da REVISTA DA SEMANA.
- 6 — Escreva, ou mande alguém escrever no envelope: "Sr. Papai Noel. Aos Cuidados da REVISTA DA SEMANA. Rua Visconde de Maranguape, 15, 1º andar, Rio de Janeiro.
- 7 — Aguarde as vésperas do Natal, para receber seu presente. Se sua carta for boa, mesmo, você ganhará um presente cem por cento!

ESCREVA UMA CARTA A PAPAI NOEL



8 — Além do presente, publicaremos a sua carta na REVISTA, ao lado de sua fotografia.

Destaque este cupom, preencha-o e remeta-o à REVISTA DA SEMANA, junto com sua carta.

OBSERVAÇÃO AOS PAIS:

- 1 — As cartas serão lidas por uma comissão formada de um professor, um escritor e um redator da REVISTA DA SEMANA.
- 2 — Os presentes serão distribuídos entre os autores das melhores cartas, levando-se em consideração a idade do concorrente, havendo prêmio para cada uma das 5 séries primárias.
- 3 — As crianças do Distrito Federal receberão seu presente em fins de dezembro, em dia e local a ser anunciado por estas páginas. As crianças dos Estados receberão nas próprias residências.
- 4 — No próximo número já podemos iniciar a relação dos presentes que seu filho poderá ganhar de Papai Noel — um presente de acordo com a idade. Destaque desde já o cupom que se encontra ao canto da página. Ele será responsável por um maravilhoso natal de seu filho.

«CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA

CARTA A PAPAI NOEL

Nome

Idade Colégio

Série que frequenta

Residência

Cidade Estado

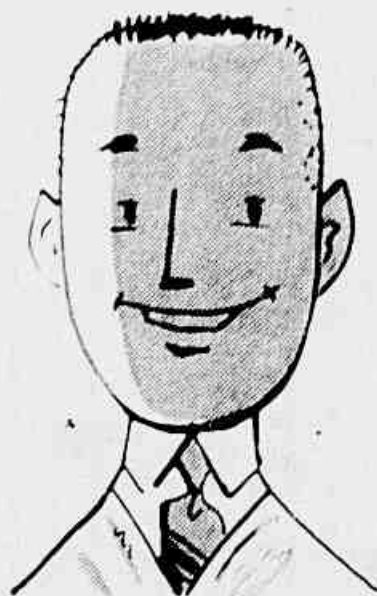
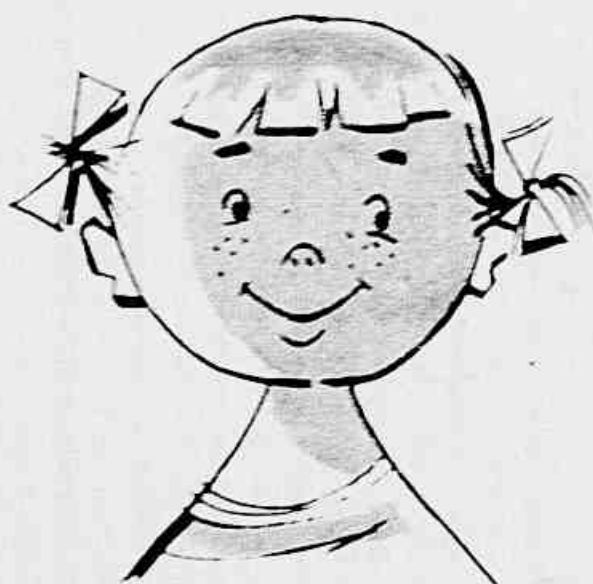
A «CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA está à sua inteira disposição desde este momento. Pode começar a escrever sua carta a Papai Noel, mandá-la e aguardar o Natal. Esse será, talvez, o melhor Natal de sua vida.

RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRÊMIOS

- ★ UMA BICICLETA «GULLIVER», MODELO PARA RAPAZ
- ★ UMA BICICLETA «GULLIVER», MODELO PARA MOCINHA
- ★ UM AERO-MODELO «CADETE» (COM MOTOR E TODOS OS EQUIPAMENTOS E APETRECHOS NECESSÁRIOS PARA ARMÁ-LO)

- ★ BONECAS DE ALTO LUXO
- ★ UMA MESBLITA (DE LUXO) PARA CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS
- ★ UMA COLEÇÃO DA LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO: 22 OBRAS EM 17 VOLUMES ENCADERNADOS.

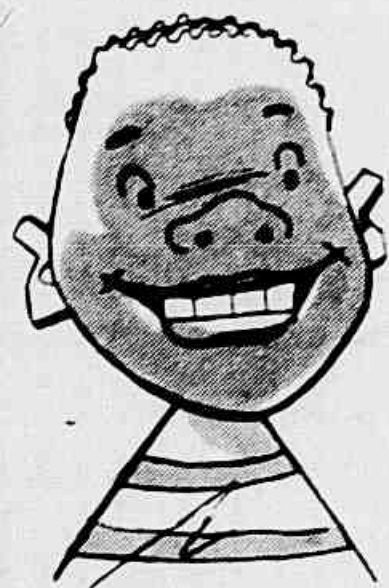
E GANHE O SEU PRESENTE DE NATAL



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 29 de novembro de 1908.

"LEMBRAM-SE VOCÊS ainda do célebre caso do fiel Salgado, tão salgado que custou ao tesouro soma superior a trezentos contos, abafada em momento de surpresa? Esse caso de desfalque ressurgiu agora e os contemporâneos renovam a série de pesquisas e diligências a respeito."

É assim que inicia Raulino a sua crônica de primeira página, neste número 446. E explica: "Se atrás desse caso, viessem todos os outros semelhantes, desde o célebre caso do Caixote da Central, seria ouro sobre azul a apuração das coisas, a responsabilidade dos culpados e o sossêgo do erário público. Infelizmente os casos apurados e a apurar não devolverão à grande área da economia pública a pecúnia arrebanhada."

Passa em seguida Raulino a falar no professor Enrico Ferri, discípulo de Lombroso, que se encontra no Rio fazendo uma série de conferências sobre suas teorias filosóficas e penais. Tais conferências têm tido um público impressionante, dividindo-se as opiniões da assistência — constituída de médicos, professores, jornalistas e de enorme número de curiosos — em aplausos entusiásticos e críticas ferrenhas às teorias do grande criminalista.

Enquanto prossegue o cronista abordando outros tópicos, voltamos à página. Ai, vemos as fotografias dos candidatos eleitos ao governo dos Estados Unidos: Willa Mh. Taft — presidente; James S. Sherman, Vice e, finalmente, Charles E. Hughes — presidente eleito do estado de Nova Iorque.

As festas da Bandeira também são motivo de comentário da Revista. "Pela primeira vez foi comemorada este ano, a 19 do corrente, a lei que reformou a nossa antiga bandeira" — explica a nota, prosseguindo depois: "uma comissão, empenhada em manifestações cívicas, conseguiu a adesão do governo, de sorte que o ato teve uma elasticidade pouco vulgar em festividades de tal jaez, quando impulsionadas exclusivamente pela iniciativa particular. Ao meio-dia foi hasteada a bandeira da República em todos os edifícios públicos; no mar, houve a mesma solenidade, salvando navios e fortalezas. Bandas de música, precedendo batalhas, percorreram as ruas da Capital em passeio, embandeirando algumas casas as respectivas fachadas. A avenida Central teve desusado trânsito, tanto de dia como de noite. A avenida Beira Mar serviu de moldura a um belo curso de carruagens e batalha de confete. À noite, a comissão promotora da festividade e seus convidados reuniram-se em sessão solene, fazendo uso da palavra vários oradores."

As páginas finais da Revista, aparece um soneto de Olegário Marianno — então com pouco mais de doze anos — intitulado "Schiavo" e, na parte internacional, uma foto do Tzar Ferdinando I da Bulgária, revestido dos paramentos dos antigos chefes daquele país; o último retrato de S.S. Pio X, tirado nos jardins do Vaticano; um flagrante da ressurreição da monarquia Búlgara, onde aparece ainda Ferdinando I rodeado de seus ministros; uma foto batida no terraço do Hotel de Roma onde se vê, cercado de autoridades, o Kadj Mohamed El Makri e seu filho.

Sob o título de "Napoleão não existiu", aparece na Revista esta pitoresca notícia, vinda de Agen:

"Um antigo bibliotecário de Agen apresentou em tempos a seguinte tese: "Napoleão nunca existiu. É uma personificação alegórica do sol". E demonstrava da seguinte maneira a exatidão dessa tese:

1.º — Os nomes de Napoleão e de Apolo (Apolo é Phebo) são sinônimos. Apolo é a mesma palavra que Apoleão, derivam ambos de Apolhō, daí, Apolléo, dois verbos gregos que fazem um só e que significam matar, exterminar.

2.º — Bonaparte vem do latim "bonna parte". Ora se mala parte corresponde a trevas, "bonna parte" deve necessariamente significar a luz, por oposição à noite.

3.º — A mãe do pretendido Imperador chama-se "Letitia", isto é — alegria — uma designação de "aurora".

4.º — Segundo a tradição, o filho de Letitia tinha três irmãos. São as três graças.

5.º — E dizem que tinha também quatro irmãos: esses quatro irmãos simbolizavam as quatro estações do ano.

6.º — Segundo a mesma tradição, Napoleão teve duas espôsas: são também duas as espôsas que se atribuem ao Sol, a Lua e a Terra.

7.º — O célebre guerreiro do século XIX tinha 12 Marechais à testa do seu exército: são os doze signos do zodíaco — e quatro Marechais na inatividade — são os quatro pontos cardeais."

Com tais itens, considera o bibliotecário resolvida a questão da não passagem sobre a terra do famoso guerreiro corso. Era assim há cinquenta anos...



William Mh. Taft — Presidente eleito dos Estados Unidos da América do Norte.



Último retrato de S.S. Papa Pio X, tirado nos jardins do Vaticano, por ocasião de seu jubileu.



O Tzar Ferdinando I da Bulgária, revestido dos paramentos dos antigos chefes daquele país.

Argentina



GRITO DAS ÁGUIAS ASSUSTA LOTT

CARLOS HENRIQUE PERALTA

REVISTA DA SEMANA — 59



CORONEIS CUMPREM PRISAO — Se houver tiro virá de lá.

VINTE E SEIS oficiais superiores da FAB cumprem prisão em Minas Gerais por terem assinado uma carta cumprimentando os brigadeiros que não compareceram a posse de Lott na pasta da Aeronáutica. A oficialidade não gostou daquela nomeação e considerou-a uma provocação. Então, como seres humanos, com direito a uma expansão limitada de sentimentos, escreveu uma carta em termos moderados, como um aviso. Por isso, o governo sem segurança e certeza de sua autoridade, obrigou-se a transferência desses oficiais, para que pudesse dormir tranquilo. Depois dessa carta, alguém poderia querer brincar de Lott.

JK desdenhou a crise que se esboçava na aeronáutica, procurou esquecê-la. Depois do incidente da continência (Lott versus brigadeiro Ivo Borges) consumou-se a tragédia. Veio a carta e com ela as adesões.

O número de signatários da "Carta Memorial" foi a princípio de 42, mas ao fim de pouco tempo atingiu a casa dos 200. (hoje mais de mil). Isso começou a impressionar o governo que até então recusara reconhecer a crise que ele mesmo criara. Veio, então, a adesão do primeiro grupo de caça e estava lançada a "bomba". Essa era a maior guarnição aérea do Rio de Janeiro (os caças a jato, gloster meteor e os F-47, os avestruzes da Itália). Com a adesão demitiu-se o coronel Lafayette Cantarino de Souza, comandante dos caças, pois não contava mais com a confiança dos seus oficiais.

Além dessa base que o governo achava perigosa, restava uma outra unidade, o QG da 3.^a Zona Aérea, onde se encontravam presos 17 oficiais superiores, todos eles coronéis com prestígio, que seriam os possíveis chefes de qualquer movimento que viesse a eclodir em face da situação em agravamento. Que fazer? pensou o governo. Só restava uma solução e essa era a transferência

GRITO DAS ÁGUIAS

Êles preferiram

a transgressão

à disciplina:

"mais forte seria o

arranhão

se fôsse

na própria honra"

dos oficiais (dos jatos e da 3.^a Zona) para uma unidade de fora, onde eles estivessem separados e bem guardados. O curioso da história é que foi escolhida a Base de Belo Horizonte onde não havia oficial de patente superior. Outras bases do interior em comando de brigadeiros foram esquecidas.

Entretanto, de beligerantes os oficiais nada tinham. Afirmavam a todo o momento que o movimento era de união da classe, que estava humilhada e magoada, mas não planejavam coisa alguma e daí essa declaração feita por eles mesmos: "Se algum tiro fôr dado primeiro, não será dos nossos oficiais, pois nem armas portam ultimamente."

Apesar disso, no dia 12 de novembro, os militares da Base Aérea de Santa Cruz, tendo entre eles o coronel Lameirão, irmão do capitão, foram procurados pelo brigadeiro Loyola Daher com estas palavras:

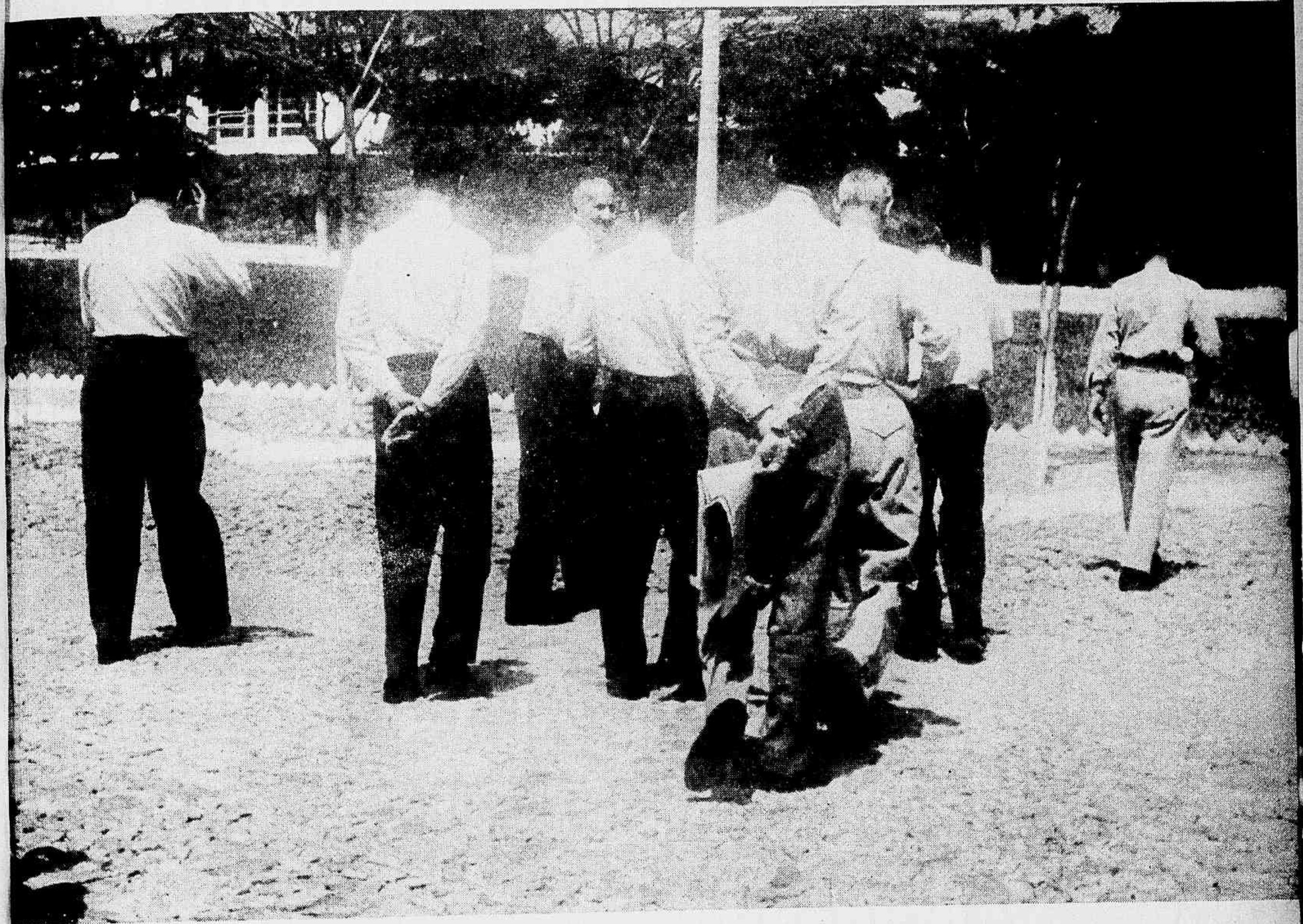
— Aqui não há mais lugar para vocês. Vão todos para o QG da 3.^a Zona, aqui mesmo no Rio.

Foram feitas as malas e para lá conduzidos. Mas tão logo desceram da caminhoneta e nova ordem era dada;

— Reunam-se aos demais coronéis. Vão todos para Belo Horizonte.

Tão logo foram ditas essas palavras e já o "Viscount" era estacionado na pista ao lado do Angar do Transporte Especial (Santos Dumont) aguardando os seus "voluntários". A notícia da viagem fôra dada às 15 horas, às 17 o avião rolava em direção a pista de decolagem levando a bordo 24 signatários da "carta memorial".

A despedida poucas famílias compareceram (sòmente as que foram avisadas rapidamente e por telefone). As demais, até agora, não se comunicaram com seus filhos ou esposos. Mas ninguém



CORONEIS PASSEANDO — De costas para Lott.

reclamou, o movimento era pacífico. Se alguma arbitrariedade viesse que fôsse do governo.

Decolaram, em uma hora pousavam na Pampulha, onde iriam cumprir suas penas.

Com a chegada dos oficiais, era preciso que o comandante da base fôsse superior a todos os presos e isso não acontecia. O major Sindimio não poderia continuar a comandar. Assim, o brigadeiro Loyola, que acompanhara os presos, nomeou o coronel Dirceu Paiva Guimarães para comandar a unidade, e essa situação durou um dia. Todavia, o brigadeiro lembrou-se que não poderia nomear o coronel Dirceu, pois isso seria função do Presidente da República. Regresso às pressas, e nova modificação nos quadros. O brigadeiro, então, criou uma unidade nova, que os militares chamaram de "Guarnição Fantasma", pois também não poderia existir, uma vez que criação de unidade é função do congresso com assentimento do Presidente. Mas isso é temporário — disseram eles — e ficou assim mesmo. A jurisdição do Coronel estendeu-se até a Base de Lagoa Santa.

Criada a unidade, foram distribuídos os oficiais. Dez coronéis ficaram em Belo Horizonte, quatorze tenentes-coronéis e maiores foram para Lagoa Santa no mesmo dia (40 minutos de viagem de carro). No dia seguinte chegaram outros hóspedes (2) para a Base das alterosas.

Em Pampulha, a vida transcorre normalmente, e não fôsse a estranha coincidência dos quartéis da Polícia Militar estarem de prontidão, nada afetaria a vida da Base. Também foi avisado aos oficiais que há espões dentro da Base, disfarçados em copeiros.

Os dez coronéis Itamar, Peralta, Vaz, Alvim, Moreira Lima, Joleo, Correia, Dias Campos, Coutinho Marques, Leocádio, Faber Cintra,

Pedro Ribeiro, acordam com os demais militares da guarnição e juntos se dirigem ao desjejum. Terminada a refeição, vão ao cassino (onde passam a maior parte do tempo) e procuram os jornais. Aborrecem-se quando não chegam cedo. As melhores notícias que podem ter são as dos grandes grupos que aderem ao movimento. Aliás, como pudemos constatar, agradou muito a adesão das bases do sul do país (5.^a Zona Aérea).

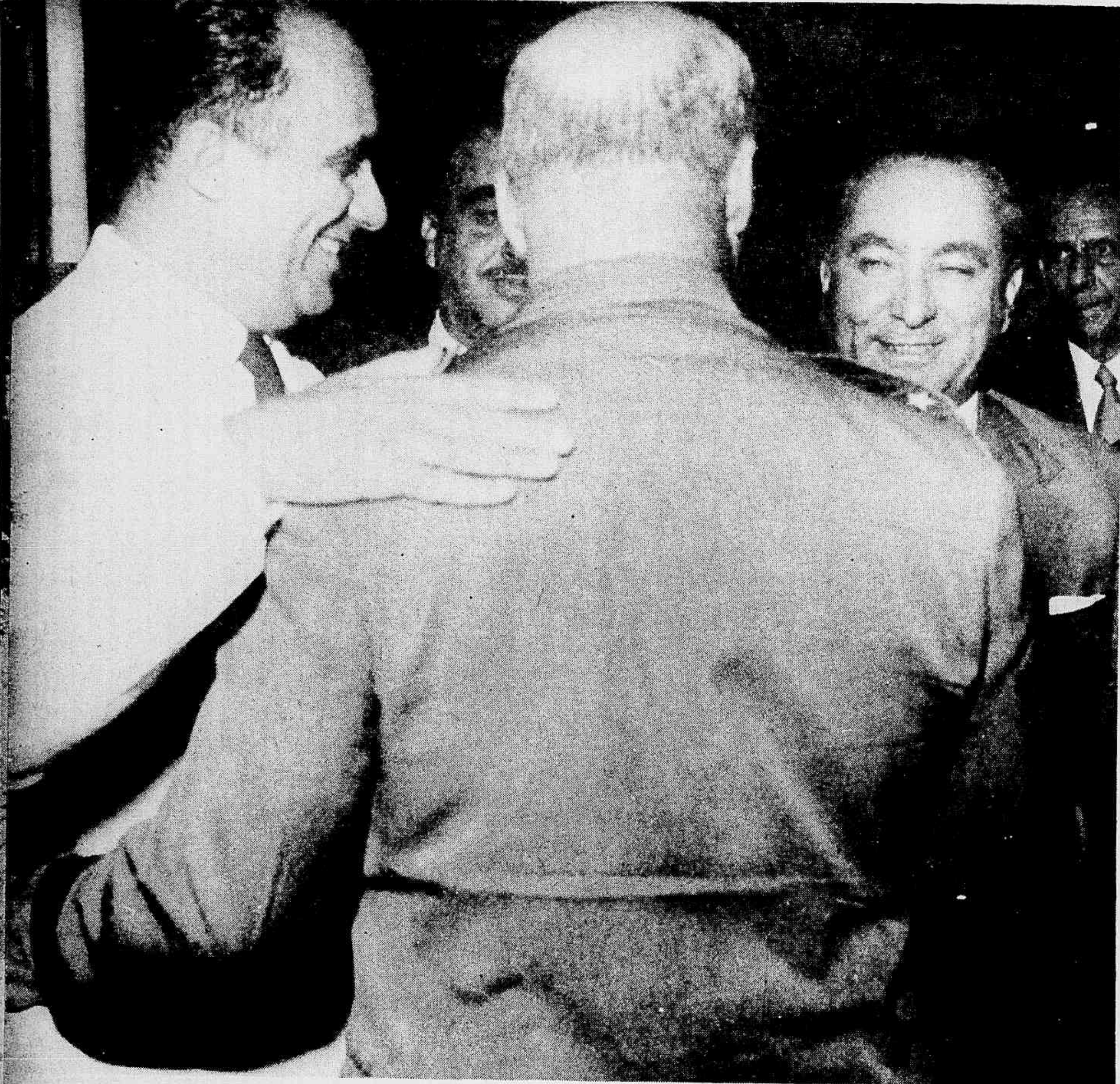
Eles mesmos explicaram: — Não que queiramos agitar ou fazer rebelião, mas nos agrada ver que a FAB é unida e tem um alto espírito de dignidade.

Acabada a leitura dos jornais, que por sinal é o melhor divertimento para matar as horas vazias conversam ou jogam sinuca. Quase todos escrevem cartas para as famílias; saudades dos de casa, que não puderam ver antes do embarque.

Apesar de tudo, é jovial e alegre o ambiente entre os militares. Nenhum se mostra abatido ou arrependido. Consideram, e é normal, que a infringência do regulamento não é agradável, pois nenhum deles possuía sequer uma repreensão em sua fé de ofício. Mas eles preferiram a transgressão. Mais forte seria o arranhão se fôsse na própria honra — eles dizem.

Essa atitude ordeira e bem disposta vem despertando a simpatia do povo mineiro, apesar do seu juscelinismo. Últimamente as famílias daquela capital oferecem suas casas às famílias dos presos que desejarem viajar para lá.

Em Lagoa Santa, onde se encontram os demais oficiais, a situação não é a mesma e os diversos incidentes surgidos ali no primeiro dia, ao que consta, foram provocados pela incompatibilidade que há entre o tenente-coronel Bezerra de Menezes (de Lagoa Santa) e o coronel Dirceu (de Belo Horizonte). Aquêle não gostou da nomeação dêste último para a "Guarnição Fantasma".



LOTT DEU AS COSTAS — Rebelião se fez pela frente.

No primeiro dia, um parlamentar mineiro (deputado Faria Tavares) entendeu visitar os oficiais e foi até Lagoa Santa, onde impediram a sua entrada. De nada lhe valeram os protestos. A sentinela cumpria ordens do coronel Bezerra e ele não entrou. Procurou, então, o comandante Dirceu, que lhe autorizou a visita. Ainda assim nada conseguiu. Somente no dia seguinte o deputado pôde entrar. A única vez que os militares falaram à imprensa, nesse dia, foi através das grades.

Reclamam os militares lá detidos que há uma censura cerrada em todas as suas vias de comunicação. Escrevem uma carta e entregam ao estafeta, o recibo só vem quatro dias depois pelo mesmo estafeta. Certa vez um major (Drumond) pediu ligação para seu irmão que lá reside. Não o encontrando, deixou recado para que telefonasse em 30 minutos. Passados exatamente os 30 minutos, deu-se a seguinte conversação:

- Major Drumond está?
- É ele mesmo.
- Aqui fala o Carlos (irmão do major).
- Como vai Carlos? Todos bem?

—....

— Escute aqui, Drumond, que história é essa de Petrobrás ligada ao movimento de vocês?

— Não sei Carlos, não sei do que falas.

— Está bem, logo mais te falo... etc., etc.

Horas depois o major recebeu o irmão pessoalmente e o interpelou sobre aquela pergunta da Petrobrás. A resposta do irmão foi que não tinha podido telefonar pois não conseguira a ligação.

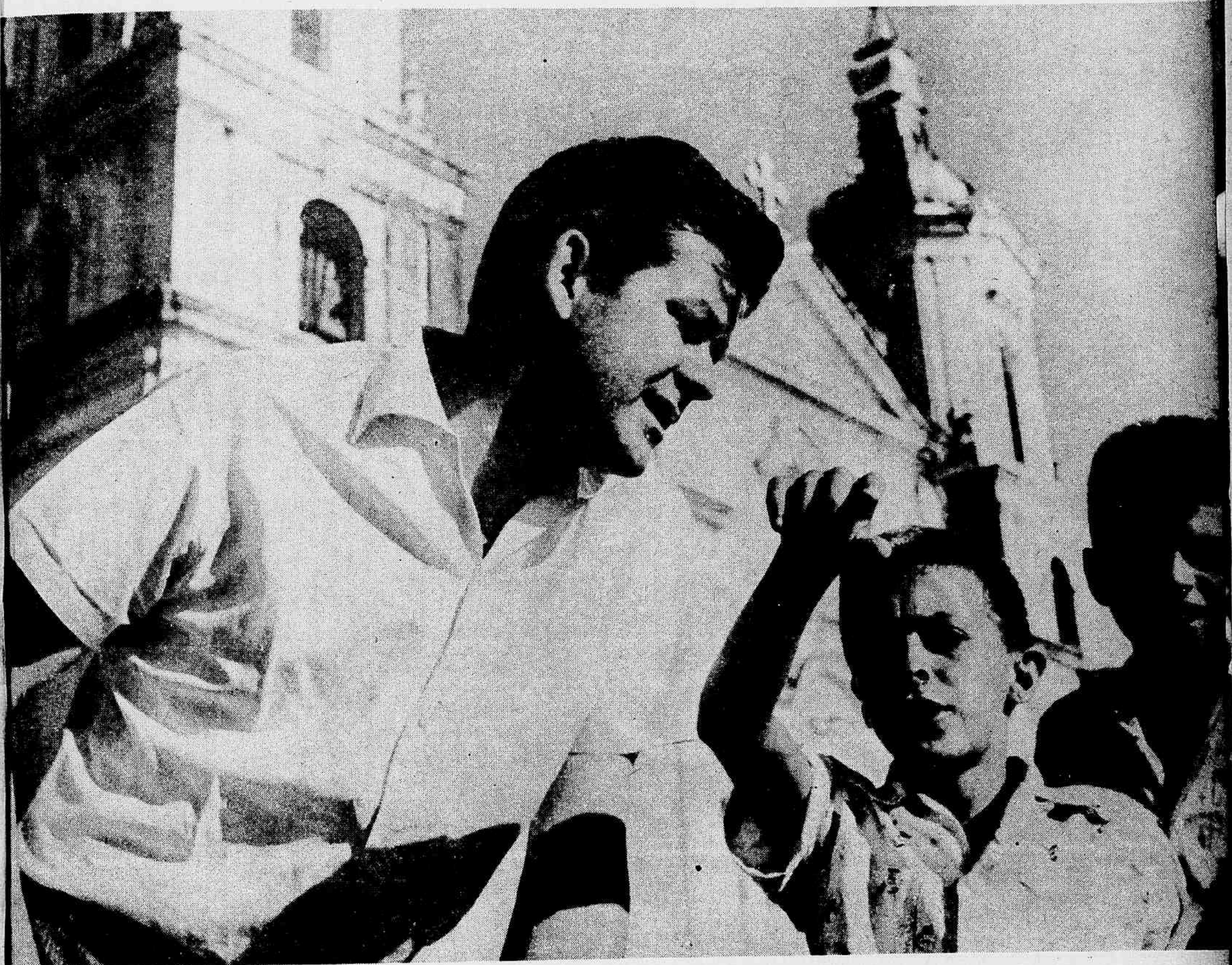
Crêem os oficiais que isso seja obra da censura do coronel Bezerra, para estabelecer ligações do movimento. Aliás, os militares assim se expressaram: — nunca vimos maiores arbitrariedades.

A Esquadilha da Fumaça aderiu ao movimento e todos os seus membros assinaram o manifesto. Naquela ocasião encontravam-se em Belo Horizonte. Falando aos oficiais presos, os pilotos da Fumaça declararam que fariam evoluções em homenagem àqueles chefes. E assim fizeram durante uma hora; de alguns olhos rolaram lágrimas de emoção, pelo gesto solidário dos subordinados.

A homenagem não pôde ser estendida aos oficiais, pois faltou a ordem para sobrevoar aquele quartel e a baixa altura. Mas ficou a mensagem: "Este vôo também está endereçado aos presos de Lagoa Santa. Que viva a FAB para sempre, em ambiente de alegria e eterna fraternidade, para a grandeza do Brasil."

E continuam as adesões. A Força Aérea cada dia mais unida e o governo continuando a fomentar a crise, sem aplicar medidas conciliadoras. Se fôsse revolucionário o movimento dos aviadores, eles estariam gostando muito dessa atitude que torna propício o ambiente. O governo se nega a reconhecer que errou, seguindo pela trilha da vindita pessoal.

EM RECIFE.



ANSELMO DUARTE E IBRAHIM SUED TIVERAM UM "ENCONTRO MARCADO"

ANSELMO DUARTE foi ao Recife para mais um "Encontro Marcado", o vitorioso programa radiojornalístico que contou também com a presença do cronista social, Ibrahim Sued. Como da vez anterior, a iniciativa de uma empresa de navegação aérea (Varig), encontrou magnífica receptividade em todo o público nordestino.

Do Recife, Anselmo Duarte, que lá esteve pela primeira vez, levou a melhor das impressões. Das suas praias, do ritmo quente da sua música, e da sua gente. E a simpatia foi recíproca, porque a cidade toda não se cansou de prestar homenagens ao inteligente astro da cinematografia brasileira. Anselmo Duarte conquistou Recife, portanto. E a cidade dos rios Capibaribe e Beberibe, ganhou um bom amigo, por outro lado. Foi um bom negócio, para ambos.

Antes de ter início a entrevista, que foi feita pelos jornalistas Darwin Brandão e Hélio Polito, Ibrahim fez duas perguntas a Anselmo Duarte e este, duas outras, ao conhecido cronista social, através do microfone do Rádio Jornal do Comércio. Foram elas:

— Anselmo Duarte, há 15 anos passados, quando você ainda não trabalhava no cinema nacional, fazia parte de um grupo que tinha por ponto uma rua ao lado na antiga Brasileira, na Cinelândia. Esse grupo se reunia ali para discutir a falta de dinheiro para jantar, para pagar a pensão, problemas assim. Esse beco se chamava, "Beco dos Afritos". Deste grupo que você fazia parte, várias pessoas se destacaram e se tornaram conhecidas em diversos setores. Poderia lembrar alguns nomes desses rapazes?

— Realmente é uma fase muito interessante, porque eu tenho a impressão que as grandes e boas amizades, como se diz na hora da morte, amizade de trincheira, essas amizades nos momentos de falta de dinheiro, amizade feita nos momentos de fome, é uma amizade que perdura, porque é uma amizade sincera, sem o menor interesse material. E vem daí a minha amizade por esses nomes que citarei, já que você me pediu. Um desses nomes é o de meu amigo Ibrahim. Ibrahim Sued não tinha dinheiro mesmo, nesse tempo. Ainda me lembro que o primeiro terno que ele usou para ir ao Copacabana foi um terno velho meu... O que não tem nenhum desdouro nisso que eu estou dizendo, porque Ibrahim é hoje um vitorioso no jornalismo e poderá ser esse um motivo até para enaltecer mais o seu valor jornalístico, o seu valor como cronista social. Um outro, era o poeta Virícius de Moraes. Outro, o grande compositor Bororó. Tinha até gente rica no ambiente mas que era proibido de gastar dinheiro. Esse era o Fernandes, dono do Banco Financeiro Novo Mundo, uma das maiores fortunas do Brasil, mas que era proibido de fazer despesa na mesa que era de prontos mesmo...

— Anselmo, você está rico, ou pobre?

— Imitando o grande produtor de "A volta ao mundo em 80 dias", Mike Todd, eu acho que nós nunca estamos ricos ou pobres, porque disse ele que ser um rico é uma questão de passagem na vida, é ter o dinheiro ou não ter. Portanto não existem ricos ou pobres de dinheiro. Existem ricos e pobres de felicidade. Eu poderia dizer que no momento estou rico de dinheiro e pobre de felicidade. Agora é a minha vez, Ibrahim. Eu gostaria que você me explicasse se o grau de cultura do soçaite é alto, ou baixo?

— Eu vou lhe dizer: da nova geração é baixo. Mas da velha geração, da tradicional sociedade brasileira, é muito alto.

— Eu gostaria de saber porque certos indivíduos do soçaite acham que é bem beber, gritar, dizer palavrões em boites, e querer brigar?

— Isso não é do soçaite. É um grupo que frequenta as boites de Rio e S. Paulo, apenas para figurar nas crônicas do chamado soçaite, mas que não é bem a tradicional sociedade do país. É o que se chama, "café soçaite". São pessoas de posses que aparecem, dão jantares, e hoje têm até os seus arautos: são cronistas que ocupam a imprensa para dar a esse grupo o destaque que eles não merecem. Setenta por cento dos cronistas do Rio e São Paulo fazem dessas figuras, que falam nome feios, que bebem, tomam piléques, grandes figuras, quando na verdade não passam de pobres infelizes que passam as noites nas boites.

E aqui vai uma síntese do que foi a entrevista feita com Ibrahim Sued e Anselmo Duarte, por Darwin Brandão e Hélio Polito:

IBRAHIM SUED

— O que é uma mulher elegante?

— É aquela que está sempre bem vestida em todos os momentos, em todos os instantes.

— Qual a mulher mais elegante que você conhece, no Brasil?



Anselmo levou a melhor impressão do Recife, que ainda não os ceberam-no de braços abertos.

— Atualmente, na minha opinião, Lia Mayrink Veiga.

— Quanto gasta em média, mensalmente, uma mulher elegante de sua lista?

— Bem, isso varia. Há senhoras que gastam muito dinheiro, como a sra. Lia Mayrink Veiga, que compra modelos no estrangeiro. Mas há outras, como a sra. Carlos Eduardo Lima Rocha, que faz os seus vestidos no Rio de Janeiro, com costureiros modestos, e não deixa de ser também uma das mulheres mais elegantes do Brasil.

— Por que Didu e Tereza Souza Campos, já não frequentam tanto as colunas sociais?

— Eu tenho a impressão que eles deixaram de ser notícia porque o famoso "casal 20" cansou o público. Lançados através de minhas colunas eles deixaram de vulgarizar dando entrevista a qualquer jornalista e a qualquer revista. Enfim, eles cansaram o público. Eu creio que Didu e Tereza já não despertam mais aquela curiosidade de outrora, quando apareciam nas recepções e nas festas.

— Usando as suas expressões, o Governador Jânio Quadros já é um homem bem ou continua shangai?

— A história de Jânio Quadros aconteceu há três anos, em São Paulo, em um programa de televisão. Quando eu disse que ele era um homem shangai, e realmente ele era, porque andava despenteado, com caspa nos ombros, com a gravata nas



nhacia. Os pernambucanos re-

"Temos no frevo não só um bom tema para filmes, mas também motivo para ganharmos dinheiro, exportando essa dança.

costas, enfim era um homem que não se apresentava de acordo com a dignidade do cargo de Governador. Eu creio que depois deste incidente ele mandou suspender o meu programa e foi melhorando aos poucos. Hoje pode-se dizer que ele é um homem que se apresenta, pelo menos limpo, com roupas bem passadas, como deve se apresentar, como deve se vestir, um homem que ocupa um alto cargo como o sr. Jânio Quadros.

— E Juscelino é um elegante, Ibrahim?

— O sr. Juscelino Kubitschek não é um homem elegante, na minha opinião. É um almofadinha.

— E o General Lott?

— O General Lott é muito condecorado.

— Você tem muitos convidados internacionais para visitar o Brasil no próximo ano?

— Para o ano de 59 estou articulando a vinda de Kim Novak para o próximo carnaval. Mas não dou certeza e nem posso afirmar se ela vem ou não porque inclusive ela é uma louca.

— Você conhece pessoalmente Lollobrigida e Sofia Loren. Qual a impressão que você teve das duas?

— De Sofia Loren, a pior possível. Considero ela uma vedetinha de teatro da Praça Tiradentes. Gina Lollobrigida, uma mulher elegante, de bom gosto, fina, e de grande categoria.

— Por que não inclui, como outros cronistas, D. Sara Kubitschek na sua lista das dez mais elegantes?

— Realmente nunca incluí na minha lista, D. Sara como uma das dez mais elegantes do Brasil. Eu não acho que ela seja uma das dez mais elegantes do país. É uma mulher que se veste bem, gasta muito dinheiro, e se enfeita muito. Mas não é uma mulher elegante para apresentá-la nas listas que faço anualmente.

— Ermelindo Matarazzo inaugurou a sua nova casa em São Paulo. Dizem que é a mais bonita do Brasil. Você esteve lá. É bonita mesmo?

— A casa do sr. Ermelindo Matarazzo é uma das mais bonitas do Brasil e do mundo, talvez. Também com aquela fortuna eu creio que o sr. Ermelindo Matarazzo estava na obrigação de construir uma casa de bom gosto. Na verdade, até a inauguração de sua nova residência, não se tinha conhecimento de uma casa onde a família Matarazzo e seus membros, mostrasse o poder, porque a família Matarazzo é uma das mais ricas da América do Sul e talvez do mundo, e por exemplo, o Conde não gosta dessa coisa porque é muito econômico, naturalmente não gosta de gastar dinheiro. O seu filho mais velho deu uma demonstração do poderio da fortuna Matarazzo. E a casa é uma interpretação moderna de um palácio.

— A crônica social torna a sociedade fútil?

— É claro que a crônica social torna a sociedade um pouco fútil porque ele o é. Mas quem torna a crônica social fútil é a própria sociedade que é descrita por ela...

ANSELMO DUARTE

— Você acredita no cinema nacional?

— Eu acredito e a prova é que estou nêlo há doze anos, um pouco descrente, sem dúvida alguma, não com o cinema, mas comigo mesmo.

— Qual o seu último filme?

— O meu último filme foi, "O cantor e o milionário".

— E o próximo?

— O próximo não sei se chegarei a realizá-lo, mas seria, se Deus me desse essa oportunidade, "O Rapto". Eu gostaria de explicar, se Deus me desse essa oportunidade porque sofrerei uma intervenção cirúrgica e não sei se voltarei com vida para realizá-lo. Mas se me fôr dada essa oportunidade, "O Rapto" será portanto o meu próximo filme.

— Sua experiência como autor, ator e diretor de "Absolutamente Certo", valeu a pena? Você pensa repeti-la?

— Realmente, depois de 12 anos de profissão, depois de ter realizado vinte e dois filmes, foi o único que tive alguma recompensa, vamos assim dizer. Enquanto trabalhei como artista apenas ganhei para viver, e como produtor do filme, autor da história, e diretor, consegui naturalmente o necessário para parar um pouco. Portanto tenho a melhor das impressões em ter trabalhado como ator, autor e diretor.

— Das estrêlas com quem você trabalhou, qual a que lhe agradou mais, como artista, naturalmente?

— Isso é um negócio muito interessante, que depende muito da fase de nossa vida. No início da minha profissão eu era um rapaz fútil, um galã empomado, como pode-se dizer para os galãs do cinema nacional. Um bôbo que gostava de ver a sua cara na tela. Portanto tinha a vaidade acima da arte. E nesse período eu gostava então das "estrêlas" fúteis, e eu peço permissão para não citar quais eram as "estrêlas" fúteis. Depois, de uns cinco anos

Anselmo Duarte conquistou Recife. E a cidade ganhou um bom amigo. Excelente negócio, para ambos.



para cá, eu perdi aquele entusiasmo de me ver na tela, e assim passei a encarar o cinema como obra de arte. Infelizmente nunca pude realizá-la, a não ser em duas experiências, na Vera Cruz. E dêste período tenho uma boa lembrança de ter trabalhado com Eliane Lage, uma moça fina, educada, uma boa companheira.

— Qual a razão porque o cinema nacional não tem usado, como devia, motivos e paisagens do Norte do país, em seus filmes? Por que, por exemplo, ainda não aproveitou, como seria de esperar, o frevo e o maracatu, em Pernambuco? Além da bela paisagem da cidade do Recife?

— Se dependesse de mim, por exemplo, e eu não poderia falar a não ser por mim, neste momento, eu acho que temos no frevo um motivo não só como bom tema para um bom filme, como também um motivo para ganharmos dinheiro, para o Brasil ganhar dinheiro, não só em cinema, exportando o frevo. No meu modo de ver, é a única música capaz mesmo, de se impor lá fora. Não só pelo seu ritmo quente, pelo seu ritmo original, como pela característica de sua dança. Eu não sei porque ainda não foi exportado esse nosso bom ritmo. E com respeito as paisagens do Norte, maravilhosas aliás, aí então se complica mais ainda. Infelizmente o cinema nacional tem o grande público nas chanchadas carnavalescas, por sinal feito dentro do estúdio. O filme feito no exterior, depende de luz, de sol, depende das equipes, dos transportes, é um filme que encarece muito. E então sobrecarregaria o custo das produções nacionais. Esse o motivo principal, a meu ver, dêles não terem ainda vindo para cá, filmar.

— Anselmo, satisfazendo a curiosidade de uns tantos amigos, dá trabalho ser bonito?

— Eu não sei responder isso, porque não me considero um homem bonito, portanto não tenho experiência própria. Eu sempre fui um caipira, um acanhado, um tímido. Vocês já devem ter notado que eu não sou muito saliente, sou tímido mesmo. E como tímido nunca me julguei um homem bonito. Mesmo porque não fica bem um homem ser bonito. Um homem tem que ser inteligente, simpático. E sempre tive a pretensão de ser inteligente. Eu acho que a inteligência sempre suplanta a beleza. Mas tenho a impressão que os bonitos e os galãs de cinema sofrem muito, principalmente por parte dos homens ciumentos...

— Qual o melhor filme nacional?

— Diria talvez os melhores: Cangaceiro, Tico-Tico no Fubá, e Sinhá Moça, êstes dois últimos, se me permitem a modéstia, tiveram a minha participação.

— Você gostaria de trabalhar em Hollywood?

— Em primeiro lugar êles não me contratariam, por diversos motivos, inclusive por diferença de línguas. Depois, está sobrando artista do lado de lá...

— Os beijos no cinema nacional, são verdadeiros ou falsos? Em outras palavras, são para valer ou de tapiação?

— Depende do momento e depende da estrêla com quem a gente está contracenando. É comum, quando se trata de "estrêla" solteira e de galã solteiro, êles deixarem se influenciar pela história que estão vivendo e nesse caso beijam para valer mesmo. Matam assim duas pombas com um tiro só: beijam para valer porque desejam mesmo se beijar e o beijo sai realmente verdadeiro que é justamente o que deseja o diretor. Há outros casos de "estrêlas" que já trabalham com uma pré-antipatia pelo galã. A disputa de uma série de vaidades que existem no meio artístico, então dessas vaidades surge a antipatia e êles só são amantes na tela. Nesse caso ela não permite o beijo. Então tem que se enquadrar de forma a que o público pense que estão beijando realmente. Mas o beijo não é verdadeiro, beija-se de lado, nem é na boca.

— E no caso do beijo ser para valer, como se sentem os esposos das "estrêlas"?

— Realmente eu ainda não assisti o caso de uma "estrêla" casada se apaixonar por um galã solteiro. E se isso aconteceu foi tão em sigilo que ninguém soube. Mas eu recordo que um senhor casado com uma "estrêla", quando assistia os "rushes", os copios, as provas do filme, vamos assim dizer, êle viu que a sua esposa beijava prolongadamente, e não terminava aquele beijo, era um beijo que devia ser cortado na sala de corte. O galã ficou meio atrapalhado na sala de projeção e o marido disse: "Mas com que naturalidade trabalha a minha esposa, parece de verdade..."

Veja
o que você vai ter no
Almanaque Eu Sei Tudo
1959

INFORMAÇÕES SOBRE O ANO: Datas das Festas Móveis, Correspondência dos diferentes calendários, Entrada do Sol nos Signos, Comêço das Estações no Hemisfério Austral, Eclipses de 1959, Elementos do Cômputo Eclesiástico, Calendário Civil, Calendário Católico, Calendário Evangélico, Calendário Israelita, Fases da Lua.

RESUMO DO ANO: Aeronáutico, Automobilístico, Médico, Científico, Artístico, Cinematográfico, Literário, Ex-Librístico, Turfístico, Evangélico, Católico, Israelita, Espírita, Agrícola. Lições das Escolas Dominicais, I, II, III, IV trimestres de 1959. Os Mortos do Ano. Calendário Perpétuo. Calendário Perpétuo das Festas Móveis.

Entre outras curiosidades:

A evolução da humanidade escrita no zodíaco

Assim se vai à lua

Jesus nasceu, mesmo, em 25 de Dezembro?

O ano 2.000 visto por sábios russos e norte-americanos

O Brasil e o mundo há cem anos

Mulheres que mudaram o curso da história

10 MESES PARA PAGAR

mais dinheiro para levar

Mais dinheiro para levar para casa, para fazer melhores negócios, para desfrutar melhor suas férias! Adquirindo sua passagem pelo Credi-Lóide só precisa pagar agora 10% do valôr, o resto... deixa para depois. Assim, você chega com mais dinheiro ao seu destino após uma rápida e agradável viagem nas grandes aeronaves do Lóide-Aéreo!



crediLóide

10 meses de prazo - Pelo Credi-Lóide, o preço da passagem é dividido em 10 mensalidades, sendo que a primeira é a entrada.

Nenhum acréscimo - Nem juros nem taxas. A dinheiro ou a crédito o preço da passagem do Lóide-Aéreo é sempre o mesmo: o mais barato da aviação comercial brasileira!

Abra seu crédito agora, viaje quando precisar - Visite a Agência mais próxima do Lóide Aéreo e veja como é fácil abrir seu crédito. Abra-o agora e tire sua passagem para sua próxima viagem. No eventual caso de aumento de tarifas, você não pagará mais porque sua passagem é válida por um ano.



Lóide Aéreo

